



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS

GEOVAN NOBRE DE ARAÚJO

TRABALHADORES E POVO:
DISCURSOS DO PT DE QUIXADÁ (1980-1992)

FORTALEZA - CEARÁ

2012

GEOVAN NOBRE DE ARAÚJO

**TRABALHADORES E POVO:
DISCURSOS DO PT DE QUIXADÁ (1980-1992)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História.
Área de concentração: História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz.

FORTALEZA - CEARÁ

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho
Bibliotecário (a) Leila Cavalcante Sátiro – CRB-3 / 544

A663t Araújo, Geovan Nobre de.
Trabalhadores e povo: discursos do PT de Quixadá (1980 – 1992)/ Geovan Nobre de Araújo. — 2012.
CD-ROM 129f. : il. (algumas color.) ; 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História e Cultura, Fortaleza, 2012.

Área de Concentração: História e Culturas.
Orientação: Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz.

1. PT. 2. Análise de discurso. 3. Poder local. 4. PT no Ceará.
I. Título.

CDD: 900



Universidade Estadual do Ceará -UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

Criado pela resolução N° 520 do CONSU - UECE de 31 de maio de 2005



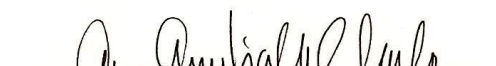
ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO GEOVAN NOBRE DE ARAÚJO

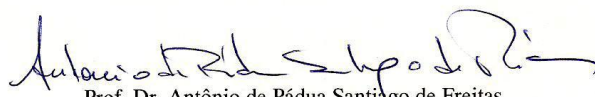
Às 08h30min do dia 19 (dezenove) de novembro de 2012 (dois mil e doze), no Curso de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, a Comissão Examinadora da dissertação, para obtenção de grau de Mestre apresentada pelo aluno **Geovan Nobre de Araújo**, com o título **“TRABALHADORES E POVO: DISCURSOS DO PT DE QUIXADÁ (1980-1992)”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito “ 9,0 ” em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Altemar da Costa Muniz (Orientador - EEUU), Erick Assis de Araújo (UECE) e Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo (UFC). Assinam também a presente ata, o Vice-Coordenador Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas e o secretário Adauto Rufino de Lima Neto, para devidos efeitos legais.

Fortaleza, 19 de novembro de 2012.


Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz


Prof. Dr. Erick Assis de Araújo


Profa. Dra. Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo


Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas


Adauto Rufino de Lima Neto

Aos meus pais, Francisco Sales de Araújo e Maria Valda Nobre de Araújo, que se esforçaram bastante em me propiciar as condições necessárias para que eu avançasse nos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida.

À minha namorada, Ecilene Soares, meu amor, meu refúgio, que sempre esteve ao meu lado durante esse processo.

Aos meus pais, pelo apoio e compreensão, fundamentais para a concretização de mais este trabalho.

Aos meus irmãos: Jackson, pela ótima acolhida em sua casa, durante grande parte do curso; Josivalda, Josivânia, Jairo e Jackeline, pelos conselhos importantes em momentos de ansiedade; e Jardes, pelo incentivo e conselhos e pela revisão gramatical.

Aos meus sobrinhos: Natália, por ter me ajudado fortemente no processo técnico de passar gravações para *pen-drive*; Breno, pela sua contribuição; e Caíque, pela compreensão necessária em alguns momentos, já que morávamos na mesma casa.

Aos meus professores: Dr. Altemar da Costa Muniz, meu orientador, pelos ensinamentos valiosos, dedicação, confiança, compreensão, além de conselhos muito bons durante a minha vida acadêmica. Foi um prazer ter sido seu orientando, tanto na graduação, como no mestrado; William James Mello e João Rameres Regis, pela dedicação e observações muito bem feitas na qualificação; Diocleciana Paula, pelas observações feitas ao projeto de mestrado que eu elaborei em 2007, na primeira vez que tentei a seleção, além do forte incentivo para que eu tentasse conseguir a sonhada vaga na pós-graduação; Marco Aurélio da Silva, por ter feito algumas observações nos objetivos específicos do projeto de mestrado, além do exemplo de luta; Erick Assis de Araújo, por ter me incentivado para que eu tentasse a seleção do mestrado, além da crença na minha capacidade de amadurecer e avançar academicamente; Sander Cruz Castelo, pela amizade, crença na minha capacidade de estar sempre melhorando e pela preocupação com a minha vida acadêmica; Edmilson Alves Maia Júnior e Marcos José Diniz Silva, pela amizade, companheirismo e incentivo; Fátima Maria Leitão de Araújo, pela preocupação com a minha vida acadêmica.

Aos meus colegas de mestrado, que me acolheram como colega com muito carinho. São eles: **Ana Luiza Rios Martins, André Pinheiro de Sousa, Francisca Cavalcante Bandeira Hislly, Francisco de Assis Mendes, Jordianne Moreira Guedes, Kalliany Moreira Menezes, Limaria Araújo Mouta, Manoel Paulino Secundino Neto, Paulo Mateus Sousa Pinheiro e Rodrigo Cavalcante de Almeida.**

Aos meus colegas da turma de especialização em Perspectivas e Abordagens em História, na FECLESC, pelo respeito e carinho, especialmente Francisco, Eudésia Nobre e Gusmão de Freitas.

Aos meus colegas João Ferreira, o “Juninho”, Carlos Alberto, Robson dos Santos, Genízio Holanda e Fraga Júnior, pela amizade, durante a graduação e crença na minha capacidade de amadurecimento.

Também agradeço aos colegas do MAHIS, que conheci e que não são da mesma turma que eu, pela boa convivência durante o período do curso.

Trago aqui também, um agradecimento especial aos meus entrevistados. Saibam que sempre me lembrarei da ajuda valiosa que deram para este trabalho.

Agradeço também a Airton Buriti, presidente do Partido dos Trabalhadores em Quixadá, a Neiliane Carneiro, a Marta Lima e a Sheila Gonçalves, por terem me proporcionado acesso aos arquivos partidários.

Às psicólogas Lívia Cidade e Milena Oliveira e aos psiquiatras Nestor Mainiere, Fábio Pacheco e Carlos Magno, pelo acompanhamento em alguns momentos de ansiedade, durante alguns períodos da minha caminhada acadêmica.

Aos amigos: Sônia e Gladston, que estiveram ao meu lado em momentos difíceis da minha vida; Cícero Bandeira, pelos diálogos sobre o PT de Quixadá, e também pelas indicações de entrevistados; Ismael Fabrício e Claudenor Peixoto, pelas palavras de incentivo na minha caminhada acadêmica; Vilarin Barros, Marco Bonfim e Alison de Queiroz, por terem me escutado e terem tido atenção para comigo em momentos de angústia.

Aos estudantes de História, que antes de eu terminar essa dissertação, já tinham realizado ou iniciado algum trabalho acadêmico sobre o PT de Quixadá.

À FUNCAP, pelo apoio financeiro muito importante para me fazer seguir adiante como estudante.

Não estou lembrando o nome de todas as pessoas que eu gostaria de agradecer aqui, mas, agradeço a todas que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização desse trabalho. O meu muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho faz uma análise de como o PT (Partido dos trabalhadores) é apresentado pelo PT de Quixadá, Ceará, nos textos oficiais deste em um momento em que o partido tinha como um de seus objetivos a conquista do poder executivo local. Enfoca a passagem de um discurso muito recorrente na apresentação do partido, que faz referência à ligação deste com os interesses dos trabalhadores, para um discurso em que diminui a recorrência aos trabalhadores, no ano de 1992, estando mais presente a referência ao povo em geral. Compreende o período 1980 a 1992, desde a fundação oficial do partido, até o momento em que ele consegue sair vitorioso na eleição para prefeito do município. A hipótese desse trabalho é de que essa mudança na forma de apresentação do PT pelo PT de Quixadá acontece relacionada à necessidade de um discurso mais amplo, ou seja, com forte relação aos interesses do povo em geral, ligado às possibilidades de atrair um maior número de eleitores, aumentando as chances de vitória no pleito de 1992. Utiliza, além de bibliografia sobre o Partido dos Trabalhadores e sobre o contexto político-econômico do município de Quixadá, documentos do arquivo do referido partido e depoimentos de indivíduos ligados a ele no município citado. Mesmo percebendo a forte adoção que o PT de Quixadá fez, pelo menos em seu discurso, das linhas políticas do PT nacional, este manteve durante todo o período estudado, nos documentos analisados, a referência aos interesses dos trabalhadores.

Palavras-chave: PT. Análise de discurso. Poder local. PT no Ceará.

ABSTRACT

The present study is an analysis of how the PT (*Partido dos Trabalhadores*, “Workers’ Party”) is presented by PT of Quixadá, Ceará, Brazil, in its official texts in a time when the party had as one of its objectives the achievement of the local executive. It focuses on the change of a very recurrent speech in the presentation of the party that makes the connection of it with the workers’ interests to a speech in which the recurrence to workers, in 1992, is substituted by a reference to the people in general. It covers the period from 1980 to 1992, since the official founding of the party, until the moment when it gets victorious in the election for mayor of that town. It investigates the hypothesis that this change in presentation of PT by PT of Quixadá happens related to the need for a broader discourse, with strong relation with the interests of the people in general, led by strong possibilities to attract a greater number of voters to make possible victory in 1992. It uses, besides a wide bibliography about the PT and about the political, economical context of Quixadá, documents from the archives of the party and statements of people linked to it in that town. It concludes that, although noticing the strong adoption made by the PT of Quixadá, at least its speech, of the political lines of the national PT, the party kept, throughout the period studied here, in the documents analyzed, on making reference to workers’ interests.

Keywords: PT. Discourse analysis. Local. PT of Ceará.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	OCASOS E AURORAS EM QUIXADÁ.....	22
2.1	A crise da cotonicultura no município de Quixadá.....	23
2.2	Os industriais e a possibilidade de conquista de votos.....	29
2.3	A derrota dos industriais nas eleições de 1988: “o sentimento de mudança”	38
2.4	A vitória petista em 1992.....	43
3	O PT APRESENTADO COMO PARTIDO DE LUTAS, DE MASSA, DEMOCRÁTICO E SOCIALISTA.....	51
3.1	PT como partido de oposição.....	74
3.1.1	<i>A oposição à “Nova República”.....</i>	<i>75</i>
3.1.2	<i>A oposição ao Governo Collor.....</i>	<i>76</i>
4	PT COMO PARTIDO DOS TRABALHADORES E DO POVO.....	77
4.1	PT como Partido dos Trabalhadores.....	77
4.1.1	<i>A Carta de Princípios.....</i>	<i>78</i>
4.1.2	<i>Solidariedade com os trabalhadores do mundo.....</i>	<i>80</i>
4.1.3	<i>A contraposição patrão/trabalhadores nos discursos do PT.....</i>	<i>80</i>
4.1.4	<i>PT e a CUT.....</i>	<i>83</i>
4.1.5	<i>Partido dos Trabalhadores Rurais?.....</i>	<i>84</i>
4.1.6	<i>O PT dos “trabalhadores” nas eleições municipais de 1988.....</i>	<i>85</i>
4.1.7	<i>Partido dos Trabalhadores e a Constituinte.....</i>	<i>85</i>
4.2	PT como Partido do Povo.....	89
4.2.1	<i>Relação com os movimentos sociais.....</i>	<i>90</i>
4.2.2	<i>Institucionalização do partido.....</i>	<i>91</i>
4.2.3	<i>Apresentando a candidatura Lula.....</i>	<i>92</i>
4.2.4	<i>“O Quixadá do Povo”: discursos de 1988.....</i>	<i>93</i>
4.2.5	<i>Discursos de 1992.....</i>	<i>94</i>
4.2.6	<i>Um discurso amplo, em uma campanha ampla.....</i>	<i>96</i>
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105
	APÊNDICE.....	113
	ANEXOS.....	115

1 INTRODUÇÃO

Há algum tempo, tenho me interessado em observar aspectos da política partidária, principalmente com relação a campanhas eleitorais. É comum ouvir das pessoas que costumam falar sobre a política institucional que, nas cidades do interior, com poucos habitantes, o clima eleitoral é muito tenso, envolvendo boa parte da população, predominando a paixão política, ou seja, a simpatia por algum partido ou por algum político ou grupo político. Talvez isso faça mesmo sentido e seja um dos motivos de eu ter me envolvido emocionalmente, pelo menos nas últimas cinco eleições municipais, desde a eleição de 1992, em que alguns comentários e cenas me marcaram muito, estando fortemente presentes em minha memória.

Assim, quando em 2004, durante minha graduação em História, acabei escolhendo estudar o que eu chamava de “fatores que contribuíram para a vitória de Ilário Marques em 1992”, pois tinha muito interesse em entender melhor o porquê de esse candidato ter vencido uma eleição contra um político tão popular em Quixadá. Eu achava certa a vitória do candidato do PT, José Ilário Gonçalves Marques, na eleição de 2004 para prefeito do município e, por isso, ficava pensando: “Esta ele ganha com facilidade. Mas a eleição de 1992? Como ele conseguiu ganhar?” Esse era o tema que mais me instigava e me fazia sentir emoções fortes, tendo me levado às lágrimas. Fui à sede do PT de Quixadá na busca por fontes e acabei encontrando alguns documentos interessantes, mas minha inexperiência como pesquisador era muito grande e acabei me concentrando demais nos documentos da campanha de 1992, não dando atenção a outros que teriam grande importância na pesquisa. Mesmo porque a periodização que eu escolhi era muito pequena (da divulgação do resultado das eleições de 1990 às eleições de 1992) e isso, para mim, significava que eu tinha que considerar como, no mínimo, secundários os materiais de períodos anteriores ao período estabelecido por mim. Posteriormente, acabei abraçando a ideia do meu orientador e delimitando o período entre 1962 e 1992, bem mais amplo do que a ideia inicial.

Nos dois primeiros meses da disciplina de Métodos e Técnicas da Pesquisa Histórica, eu estava muito envolvido emocionalmente com a campanha eleitoral de 2004. O que influenciou na escolha das perguntas que eu julgava muito importantes. Mas, o amadurecimento me mostrou que poderia ter feito outras, mais ligadas às transformações pelas quais o município tinha passado. No fim, fiz uma monografia de graduação com base

nos materiais que eu havia achado relevante, de modo que encontrei a maioria na sede do partido. A maioria dos quais ligados diretamente à campanha eleitoral de 1992.

Depois de ter concluído a monografia em 2007, planejei tentar a seleção do mestrado no fim do mesmo ano. Mas, dessa vez, com a necessidade de um novo tema, mesmo que relacionada à política partidária local. O diálogo com alguns colegas fez com que eu tivesse a ideia de estudar alguma “lacuna” na minha monografia, visto que o discurso historiográfico é construído pelo historiador, não sendo o real em si mesmo. Isso me fez ir novamente à sede do PT de Quixadá em busca de encontrar novos materiais. Nesse momento, eu estava com outro objetivo, com uma visão mais experiente de pesquisa histórica. Assim, encarei os materiais com outro olhar e acabei me empolgando com a quantidade de materiais que estava xerocando com a ajuda da funcionária do partido. Achei muito interessantes materiais relacionados à campanha eleitoral de 1988, exatamente o que o meu orientador havia sentido falta na monografia. Detive-me então, mais do que antes, na eleição de 1988, quando o partido teve um professor da FECLESC como candidato, e havia conseguido uma quantidade considerável de votos. Não obtive, porém, êxito nessa tentativa de entrar no mestrado em 2007, quando o objetivo geral da pesquisa era “detectar e analisar as mudanças e permanências nas formas de atuação em campanhas eleitorais, do Partido dos Trabalhadores de Quixadá na década de 1980, através da estrutura organizacional e estratégias eleitorais deste”.

A periodização escolhida naquele momento foi 1980-1990, pois estava convencido de que seria melhor colocar o recorte temporal ligado apenas a uma década, porque a cultura da década seguinte seria diferente da década de 1980. Buscava justificar esse recorte temporal dizendo que, em 1990, ocorreram eleições estaduais e Ilário Marques não obteve sucesso em sua candidatura à reeleição de deputado estadual, apesar de ter conseguido atingir uma votação considerável em Quixadá, seu município de origem e no qual era filiado ao partido. Em uma nota de rodapé do projeto, depois de colocar a porcentagem de votos válidos¹, em Quixadá e no Estado, do candidato ao senado pelo PT, eu dizia que a referida porcentagem mostrava que o partido tinha crescido significativamente no município. Cheguei a dizer que, no ano de 1990, o município já sentia fortemente o processo de urbanização, ligado ao aprofundamento da crise da cotonicultura.

¹ Nas eleições de 1990, para Governador do Estado do Ceará foi eleito Ciro Ferreira Gomes, do PSDB com 1.279.492 votos, contra 871.047 votos do segundo colocado, Paulo Lustosa da Costa, do PMDB. João Alfredo, do PT, obtivera 185.642 votos, ficando na terceira posição. Para o Senado Federal, Beni Veras, do PSDB, foi o vitorioso com 1.026.965, contra 752.960 votos de Paes de Andrade, do PMDB e 162.415 votos de Durval Ferraz, do PT. Enquanto no geral, o candidato ao Senado pelo PT, obteve 8,36% dos votos válidos, em Quixadá, ele conseguiu 17,27% dos votos válidos do município.

Se os meus argumentos para a referida periodização convenceram ou não, eu não sei. Mas sei que não obtive êxito, naquela tentativa. Talvez, porque ainda não tivesse leitura suficiente sobre o assunto para fazer um projeto em um nível que me proporcionasse a aprovação e, por ainda não ter feito uma boa problematização, devido ao meu contato imaturo com as fontes, o que dificultava a formulação de perguntas adequadas. Em 2009, quando estava cursando a Especialização em Perspectivas e Abordagens em História, na FECLESC-UECE, o professor de Métodos e Técnicas da Pesquisa Histórica falou que eu estava subutilizando minhas fontes, de modo que eu parei para refletir e acabei concordando com ele, pois vi que deveria explorar melhor os materiais que eu tinha em mãos, buscando ler nas entrelinhas e analisar melhor a relação entre eles. Mesmo sabendo que o historiador deve buscar perceber e analisar o “não dito”, hoje vejo que me faltava mais sensibilidade, maturidade e perspicácia para ver o documento como monumento (Cf. LE GOFF, 1990), pois eu ainda estava muito preso à busca dos “ditos” presentes nas fontes. Pensando dessa forma, eu me lamentava, por exemplo, do fato de não estarem presentes nos materiais mais informações sobre discussões e decisões por parte dos membros do PT de Quixadá sobre estratégias eleitorais do partido, sobre como eram pensadas por esses membros as formas de atuação do partido em campanhas eleitorais e como se dava a adaptação das decisões do PT Nacional em nível local. No final daquele ano, tentei a seleção mais uma vez, dessa vez obtendo êxito e conseguindo uma vaga na linha de pesquisa Memória, Oralidade e Cultura escrita. Porém, antes do processo de seleção, enfrentei dificuldades na produção do projeto de pesquisa, sendo um desses problemas a delimitação temática. Nesse período, antes de iniciar a escrita do projeto, tentei decidir quais seriam os objetivos geral e específicos para, a partir daí, dar início à produção das outras partes do projeto, pois, como um projeto de pesquisa é um todo articulado, o objetivo geral seria o fio condutor. Então, digitei os objetivos geral e específicos em uma folha, sendo que, no momento em que fiz isso, o objetivo geral havia ficado escrito da seguinte forma: “detectar e analisar mudanças e permanências na cultura política dos militantes e filiados do Partido dos Trabalhadores (PT) de Quixadá durante o período que vai desde sua fundação até o momento em que o partido consegue vencer a eleição para prefeito do município, ou seja, durante o período 1980-1992”. Os objetivos específicos naquele momento eram quatro², sendo que dois deles apontavam para o debate em

² Analisar as formas de atuação do PT quixadaense nos movimentos sociais e nas campanhas eleitorais do período estudado; perceber a visão que os militantes do PT de Quixadá tinham no referido período sobre o partido e seus adversários; analisar os discursos escritos produzidos pelos membros do partido no município, levando em consideração as suas condições e formas de transmissão e produção e a memória do partido que

torno da memória enquanto objeto e não apenas como fonte, o que exigia uma reformulação dessa ideia inicial, para que não existisse mais de um objeto de pesquisa.

Dessa forma, acabei mudando o objeto de estudo, de modo que o projeto dessa vez buscava “analisar mudanças e permanências nos discursos e práticas políticas do PT de Quixadá (1980-1992)”. No decorrer do curso, porém, ao ouvir os valorosos comentários dos meus colegas e dos professores, a proposta foi modificada novamente.

O presente trabalho faz uma análise de como o Partido dos trabalhadores (PT) é apresentado pelo PT de Quixadá, município cearense, nos textos oficiais em um momento em que o partido tinha como um de seus objetivos a conquista do poder executivo local. Enfoco a passagem de um discurso muito recorrente na apresentação do partido, que faz a referência à ligação deste com os interesses dos trabalhadores, a um discurso em que diminui a recorrência aos trabalhadores, no ano de 1992, estando mais presente a referência ao povo em geral. Estudei isso ao longo do período 1980-1992, desde a fundação oficial do partido, até o momento em que ele consegue sair vitorioso na eleição para prefeito do município. Faz parte desse trabalho a hipótese central de que essa mudança na forma de apresentação do PT pelo PT de Quixadá acontece relacionada à necessidade de um discurso mais amplo, ou seja, com forte relação aos interesses do povo em geral, de modo que isso está ligado às possibilidades fortes de atrair um maior número de eleitores, levando em consideração também que, em 1992, haveria eleições municipais nas quais o candidato petista teria maiores condições de vencer do que outros candidatos petistas no município em eleições anteriores. Considero que, mesmo percebendo a forte adoção que o PT de Quixadá fez, pelo menos em seu discurso, das linhas políticas do PT nacional - e este manteve durante todo o período estudado aqui, nos documentos analisados, a referência aos interesses dos trabalhadores - os materiais do PT de Quixadá do ano de 1992 fazem referência mais forte ao povo.

A pesquisa utiliza materiais que mostram os vários discursos do PT de Quixadá, encontrados no arquivo do PT Local, além de atas da Câmara Municipal e de instituições que se relacionavam com o partido, como sindicatos e Igreja Católica. A pesquisa também faz uso de documentos oficiais do partido no nível nacional, como o programa inicial do PT, o manifesto de fundação do partido, seu estatuto, o discurso de Luiz Inácio Lula da Silva na Convenção Nacional de 1981 e as resoluções dos encontros e congressos nacionais, que tratam o partido de uma maneira geral, e não em questões específicas. Para Arverich (2009, p. 54):

estava sendo construída; problematizar a memória do partido que filiados e militantes do PT de Quixadá na época têm hoje.

É nesses fóruns que se debate, legisla, avalia e vai sendo definida e renovada a identidade oficial do Partido. Participaram desses eventos centenas de milhares de filiados refletindo e deliberando em reuniões pelos quatro cantos do Brasil. Milhares de páginas de documentos foram analisados. Apenas alguns foram aprovados e passaram a representar oficialmente a identidade e o discurso políticos do Partido. Porém, muitas dessas resoluções, aprovadas ou não, continuaram interagindo, como vozes atuantes, sobre a prática e o discurso petista [...]

A pesquisa também inclui o trabalho com fontes orais³, como a análise de entrevistas com pessoas que militaram no partido e/ou eram filiadas a ele. A oralidade nos permite formar múltiplas interpretações acerca da apresentação que o PT de Quixadá fazia do PT, no período estudado. Para Freitas (2002, p. 95):

Geralmente, conseguimos atingir uma certa empatia e estabelecer alguma cumplicidade com os entrevistados na tarefa proposta. Enfim, a nossa intuição e sensibilidade, aliadas à experiência de escuta, ainda constituem os melhores instrumentos de que dispomos para a nossa finalidade de registrar narrativas orais, que tornam-se evidências e dão sustentação à memória histórica.

Assim, existem fortes relações entre história oral e memória. Segundo Ferreira e Amado (1998, p. 94):

A memória é incontestavelmente da atualidade [...] no sentido básico do termo, é a presença do passado. Portanto, não admira que tenha interessados aos historiadores do tempo presente, depois de outros, já que essa pesquisa, sobretudo a de acontecimentos relativamente próximos como as revoluções, as guerras mundiais ou as guerras coloniais, acontecimentos que deixam seqüelas e marcas duradouras, tem ressonância em suas preocupações científicas [...] a memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, “coletiva” [...].

Apesar dessas complexidades da memória, o seu uso pelo historiador não supõe que ela seja superior ou inferior às outras fontes históricas, pois se trata de mais um valioso recurso que podemos utilizar.

Em um trabalho, é importante o cruzamento das fontes escritas com as fontes orais, levando-se em consideração que o tratamento dado a elas deve ser diferente. Com relação à análise dos discursos escritos nesse trabalho, as palavras de Barros (2004, p. 136-7) são interessantes:

³ Selecionados com base nos seguintes critérios: importância a eles atribuída em documentos e depoimentos; responsáveis por funções de direção do partido; titulares de cargos eletivos; pessoas que vivenciaram o maior número de situações interessantes para a análise; garantia de pluralidade de pertencimento a instituições que se relacionavam com o partido; disponibilidade para a entrevista.

[...] podemos dizer que a análise de um discurso deve contemplar simultaneamente três dimensões fundamentais: o *intratexto*, o *intertexto* e o *contexto*. O ‘intratexto’ corresponde aos aspectos internos do texto e implica exclusivamente na avaliação do texto como objeto de significação; o ‘intertexto’ refere-se ao relacionamento de um texto com outros textos; e o contexto corresponde à relação do texto com a realidade que o produziu e que o envolve. São precisamente estas duas últimas dimensões que exigem que o texto, além de ser tratado como um objeto de significação em si mesmo, seja considerado também como objeto de comunicação. (grifos do autor).

Então, é importante, em um trabalho como este, a consideração das várias dimensões de um texto, o que exige não vermos o texto apenas procurando entender o que o autor quis dizer, mas buscando as relações deste com outros textos, sem deixar de esquecer que ele também é situado no tempo e no espaço e está inserido em uma determinada realidade. Levando em consideração o que foi colocado por Barros, faz parte dessa pesquisa a pretensão de fazer uma comparação entre as formas como o PT é apresentado nos discursos escritos do PT de Quixadá, com as formas como o PT nacional é apresentado em documentos oficiais do partido em nível nacional. Como já foi falado, isso inclui o programa inicial do PT, manifesto de fundação do partido, o estatuto, o discurso de Luiz Inácio Lula da Silva na Convenção Nacional de 1981 e as resoluções dos encontros e congressos nacionais. Portanto, é muito importante nesse trabalho a relação dos discursos do PT de Quixadá com os discursos do PT nacional, de modo que isso é atentar para “o relacionamento de um texto com outros textos” (Cf. BARROS, *op. cit*, p. 137). Além disso, o relacionamento de um texto com outros não deve ser percebido e analisado sem que se leve em consideração o texto como objeto de significação e a relação deste com a realidade que o envolve. A construção dos discursos envolve certo controle e seleção e é interessante se atentar para isso, já que:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT *apud* BARROS, p. 143)

Mesmo que Foucault fale em discurso não apenas em sua expressão escrita, é interessante refletir sobre suas considerações ao produzir esse trabalho sobre o PT e pensar sobre como esse seu estudo pode ajudar na pesquisa. Assim, é importante pensar sobre o que podia e o que não podia estar presente nos discursos escritos do partido, refletindo sobre as formas de controle, seleção e distribuição da produção desses discursos. Então, faz parte desse trabalho a consideração do que foi colocado por Foucault e que ajuda no estudo sobre a atuação de membros do partido com relação a essas questões, levando-se em conta quem

produziu os discursos, com que intenções, o lugar dos produtores e a realidade que envolvia essas produções.

Então, Foucault (2007) é nossa referência com relação ao conceito de “discurso”. Fazendo uso de suas reflexões, pensando nas formas de controle e exclusão dos discursos, vemos que mesmo em um partido que dizia aberto para a democracia em seu interior, não deixa de existir a rejeição a certos discursos, pois, apesar de ser um partido aberto, precisa mostrar unidade, criar uma identidade que possibilite ser reconhecido pela sociedade, fazendo com que seus próprios membros se reconheçam, defendam princípios comuns, policiando-se uns aos outros e tendo cuidado nas palavras a serem utilizadas. Percebe-se, no contato com diferentes discursos do PT de Quixadá, a presença de coisas que podem e outras que não podem ser ditas, sendo forte a presença de aspectos do discurso do partido a nível nacional, mesmo que muitas vezes com adaptações locais, sendo que até essa adaptação tem seus limites. Foucault coloca que:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala, temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa, que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política, como se o discurso, longe de ser elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (*op. cit.*, p.9-10)

Numa pesquisa como a nossa, que analisa as formas como um partido é apresentado em discursos escritos, é importante levar em conta essas colocações do autor sobre a “interdição”, um procedimento marcante de exclusão, sem esquecer o cruzamento entre esses tipos de interdição relacionados ao “objeto”, à “circunstância” e ao “sujeito”. Ao falar do partido, os produtores de discursos inconscientemente utilizam sentidos produzidos pelo contexto histórico e social, sendo que a maneira como os textos dizem o que dizem nos interessam mais do que o conteúdo em si, pois é importante numa boa análise de discurso

perceber a ligação entre aspectos sociais, históricos e da linguagem utilizada⁴. Isso envolve perceber o que pode e o que não pode ser dito e em quais circunstâncias, e os direitos que certas pessoas têm para dizer isso ou aquilo, sendo que se acredita que tal pessoa seja capacitada para saber o que pode ou não ser dito e a circunstância adequada.

Ficar muito atento à maneira como os textos do PT de Quixadá dizem o que dizem, inclui ver que alguns detalhes que, para muitos, podem parecer insignificantes, na verdade, são bastante significativos do ponto de vista de revelar aspectos da maneira de apresentar o PT. Sendo assim, é importante a observação de aspectos que são “excluídos” das formas como o PT de Quixadá se refere ao PT. Contribui para essa “exclusão” a existência de toda uma disciplina partidária, ligada à observação dos sentidos presentes nos textos do partido, sendo que aspectos ideológicos e da cultura política do partido são compartilhados por quem produz e por quem observa (também de dentro) esses sentidos dos textos. Assim, é interessante observarmos que, quando um candidato a vereador pelo PT, nas eleições de 1988, feriu a disciplina do partido ao apoiar a candidatura de um candidato a prefeito adversário, só a parte final de seu *slogan* inicial de campanha é mantida: “NILO o motorista amigo de todos”. Esse era o *slogan* presente em um documento⁵ de sua candidatura, quando no mesmo tinha o pedido para que os eleitores votassem em um candidato adversário do candidato do PT. Já no *slogan* inicial de campanha presente em outro documento desse candidato a vereador, no qual pede para que os eleitores votem no candidato a prefeito do PT, além dessa parte final, existe uma parte inicial que é “trabalhador vota em trabalhador”, sendo o *slogan* dessa forma: “trabalhador vota em trabalhador” e, embaixo, “Nilo - O motorista amigo do povo”. Então, a outra versão do *slogan*, presente no documento, no qual o referido candidato a vereador defende a candidatura de um adversário do PT, só a parte final é mantida, pois não faz referência aos trabalhadores. Ou seja, no discurso do documento do candidato, no momento que este ainda aparenta seguir a disciplina partidária, a identificação com o partido ainda está presente, assim como na maioria dos *slogans* dos outros candidatos a vereador do PT de Quixadá naquela eleição. Consideramos isso muito significativo, com relação às necessidades de identificação com os princípios partidários, por parte dos membros do partido. Nos *slogans* dos outros candidatos a vereador, havia referência à necessidade de “luta”, aos interesses dos trabalhadores, à defesa do novo, entre outros, sendo que, na maioria

⁴ Sobre elementos que fazem parte de uma boa análise de discurso, ver SILVA e SILVA (2010, p. 101-104).

⁵ Documento encontrado na sede do PT de Quixadá, relacionado à campanha eleitoral de 1988, sendo xerocado por mim, junto com outros documentos que mostram os slogans dos outros candidatos a vereador do PT de Quixadá. Esse documento é de uma só página, em tamanho típico dos “santinhos” que costumam ser distribuídos em campanhas eleitorais no município. Voltaremos a comentar esse caso e esse documento mais adiante, com novos detalhes.

destes, estava presente uma identificação com os princípios do PT, relacionados à defesa dos interesses dos trabalhadores e/ou dos interesses populares. Cabe a nós aqui neste trabalho tratar tanto da recorrência a uma apresentação do partido como ligado aos interesses dos trabalhadores, quanto da recorrência a uma forma de apresentar o partido como ligado aos interesses populares, como um todo, pois a passagem para uma recorrência cada vez maior da apresentação do PT como ligado a estes interesses do povo é o nosso foco aqui.

Dois conceitos que são utilizados pelo PT: “estratégia” e “tática”. Procuramos utilizá-los da forma como este os pensava e trabalhava nos seus discursos oficiais ao longo do período estudado, com as variações que esses conceitos sofreram nos discursos do partido ao longo do período enfocado, atentando-se inclusive para as diferenças e semelhanças entre o PT local e o nacional na utilização deles. Oliveira (1986, p. 31) diz que, nas ciências sociais, tática e estratégia recebem o nome de “conjuntura” e “estrutura”, respectivamente. Em um documento do partido em nível nacional, aprovado no Encontro Nacional do PT em 1982, intitulado “Carta Eleitoral do Partido dos Trabalhadores”, diz que:

A tática eleitoral do partido tem como eixo básico a questão de abrir aos **trabalhadores**, nesse pleito, a possibilidade de correr em raia própria, assegurando sua independência através de recursos próprios, candidatos próprios e plataformas próprias. É uma particularização da tática geral do partido e deve, por isso, estar inteiramente em correspondência com os rumos gerais da tática de acumulação de forças através do fortalecimento das lutas sociais. As eleições representam, portanto, apenas um episódio, um momento definido de nossa atividade política permanente, em busca do objetivo final que é construir uma sociedade socialista, sem explorados e exploradores. Nossa participação no processo eleitoral não pode servir, portanto, para desviar o partido de seus objetivos programáticos. (*op.cit.*, p.5 - grifo meu)

Nota-se que há aqui uma referência aos “trabalhadores”. O documento foi produzido em um momento no qual ainda estava muito presente uma forma de apresentar o PT, ligando este aos interesses dos trabalhadores. Articulado a isso, nesse momento era muito forte a preocupação que o partido tinha em não deixar que a participação no processo eleitoral o “desviasse de seus objetivos programáticos”. Essa postura de apresentar o partido, fazendo forte referência à ligação deste com os interesses dos trabalhadores relacionava-se com esse medo de desvio de seus objetivos programáticos, visto que uma postura de apresentar o partido fazendo muito mais referência a ligação deste com os interesses populares será mais presente em uma conjuntura em que o partido estará mais aberto, e no qual a participação eleitoral do partido tenderá a acontecer com alianças que eram fortemente condenadas em 1982. O referido documento de 1982 diz também que se trata de “uma particularização da tática geral do partido”, devendo corresponder-se completamente com os rumos gerais da

tática de acumulação de forças no fortalecimento das lutas sociais. Portanto, em uma pesquisa como essa, não se deve esquecer de atentar para a existência de diferentes táticas e suas relações com as estratégias, sem perder de vista o que está por trás dos sentidos presentes na utilização desses termos nos discursos escritos, perguntando-nos sempre sobre os contextos históricos e sociais que condicionam a utilização desses termos pelo partido e as relações entre a utilização destes com as formas de apresentação do PT.

Ata da Executiva Municipal do PT, de 27 de dezembro de 1990, reforça ainda mais a importância de atentarmos para esses dois importantes conceitos para a compreensão de vários aspectos da prática e do discurso do partido. Nela, diz-se o seguinte:

Ficou certo ser feita uma carta convite para o Encontro Municipal, que a pauta do Encontro Municipal, vai ser sobre a eleição municipal/92, tendo os seguintes: o levantamento sobre os principais pontos das eleições de 82 a 90, discussão sobre a formação e perfil dos candidatos do PT e qual a nossa experiência no campo institucional (parlamento e executivo), e qual vai (*sic*) a nossa estratégia e tática para a eleição de 92.

No documento anteriormente citado, intitulado “Carta Eleitoral do Partido dos Trabalhadores”, do ano de 1982, diz, como vimos, que, para o PT “as eleições representam, portanto, apenas um episódio, um momento definido de nossa atividade política permanente, em busca do objetivo final que é construir uma sociedade socialista, sem explorados e exploradores”.

A ata citada acima, porém, já mostra um destaque com relação à campanha eleitoral de 1992, que apesar de ainda está distante naquele momento quase dois anos no tempo já fazia parte das principais preocupações do PT local. Ou seja, se, em 1982, quando foi produzida esta referida “Carta Eleitoral do Partido dos Trabalhadores em nível nacional”, a linha defendida pelo partido não dava margem para tanta preocupação eleitoral, em 1990, ano da referida ata, já sentimos outra postura do partido com relação às eleições. Essas ganham maior espaço, fazendo o partido em Quixadá se preocupar e se preparar antecipadamente. Assim, já se falava, no fim do ano de 1990, em “nossa estratégia e tática para a eleição de 92”. Comparando documentos nacionais de 1990 e de 1982, também vemos diferença no espaço dado a questões eleitorais. Naquele ano, o partido já era muito maior que 8 anos anteriores e despontava como o maior partido de esquerda no Brasil, tendo conquistado dois anos antes a prefeitura de São Paulo, com Luiza Erundina e 3 anos antes quase conquistado a Presidência da República. Esse crescimento articulava-se claramente com as possibilidades de maiores conquistas eleitorais, o que fazia com que o partido se preocupasse mais com essas questões. Na fala dos entrevistados, percebemos um forte destaque para as possibilidades eleitorais do

partido em Quixadá, nas comparações entre 1988 e 1992. Destacam a forte possibilidade eleitoral neste último ano, apresentando-se visivelmente para muitos militantes e filiados do partido, o que não acontecia com relação a 4 anos antes, na campanha de Luiz Oswaldo para prefeito de Quixadá, sendo que até o próprio candidato, em entrevista concedida, fala que sabia desde o começo que as chances de vitória do PT eram nulas naquele momento, apesar de muitos eleitores simpatizarem as “historinhas” (ENTR.6 - V. APÊNDICE) que esse contava no programa eleitoral no rádio. Luiz Oswaldo fala, inclusive, que, depois que terminou a campanha de 1988, já existia comentário de que, na próxima eleição para prefeito (1992), a vitória seria do PT (ENTR.5 - V. APÊNDICE), como de fato foi. Alguns entrevistados⁶ comentam sobre uma finalidade ainda de organização dos militantes em 1988, mais do que de crença na vitória. Com relação aos documentos em nível nacional, percebemos, por exemplo, que, na Carta Eleitoral de 1982, os títulos dos itens, apesar de fazerem parte de um documento claramente eleitoral, faziam menos referência à eleição e mais a lutas nas quais o partido estava engajado, se comparamos com 1990.

Apesar dessa diferença, existia algo em comum entre esses documentos: a preocupação pela identidade partidária. Conforme Borges (2008, p. 13):

Entendida como conjunto de concepções e práticas que os sujeitos do partido atribuem ao mesmo e nas quais se reconhecem.

Parte do entendimento de que essa *identidade* é, simultaneamente, causa e efeito do conjunto de escolhas que o partido vem fazendo ao longo de sua trajetória e que lhe conferem características específicas. Escolhas referidas aos objetivos ou projeto político do partido, dos critérios de recrutamento, formas organizativas, processos decisórios, relações com os movimentos sociais e com o Estado e às definições quanto a aliados e inimigos.

Fazia parte dessa identidade partidária a interessante saudação “companheiro(s)”, fortemente presente nos documentos nacionais e locais. A preocupação com a identidade partidária fazia parte da produção do discurso escrito do PT quixadaense.

⁶ A fala de Airtom Buriti Lima, militante petista e candidato a vereador pelo partido em 1988 e 1992, em entrevista realizada em 31 de março de 2011, tem esse caráter ao tratar da eleição de 1988 em comparação com a de 1992. Em relação a essa última fala, numa crença que, para ele, estava bem presente entre os trabalhadores rurais em uma “grande safra” que iria ser feita em 1992, o que não existia em 1988. Graça Costa, militante petista e sindicalista em grande parte do período analisado, em entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2011, também se refere na sua fala a uma diferença entre 1988 e 1992, semelhante à que faz Airtom Buriti, porém, dentro da ótica dos sindicalistas do sindicato dos servidores públicos municipais de Quixadá e municípios vizinhos e não dos trabalhadores rurais, como faz Airtom Buriti. Maria Prima, tesoureira do partido no fim da década de 1980 e Angelita Duarte, militante petista atuante no fim da década de 1980 e no início da década de 1990, também dão o seu depoimento nessa mesma linha, de que, em 1988, o caráter organizativo estava mais presente do que mesmo a crença na vitória eleitoral. A primeira, em entrevista realizada em 07 de abril de 2011, e a segunda, em entrevista realizada em 11 de maio de 2011. Trabalharemos aprofundadamente a entrevista desses personagens ao longo do trabalho, atentando para o que existe de individualidade e coletividade em suas falas.

Com relação à divisão de capítulos, o trabalho é dividido em três, além desta introdução: no primeiro capítulo, analiso alguns “ocazos e auroras” no município de Quixadá, o que nos ajuda a compreender um pouco da muito disputada campanha eleitoral para prefeito desse município em 1992, pois ela é o marco final do nosso recorte temporal. Assim, aspectos da vitória do PT de Quixadá em 1992 são abordados. No segundo capítulo, faço um estudo da adaptação das formas como o PT é apresentado nos discursos escritos, em nível nacional, pelo PT de Quixadá, quando este também apresenta o partido. A ênfase recai sobre uma concepção formulada nacionalmente pelo partido a respeito de si mesmo: a concepção fortemente presente nos discursos oficiais do PT e ressaltada por Moisés (1986, p. 179), de “partido de massas, de lutas, democrático e socialista”. Então, busco na referida adaptação que será feita nesse capítulo, enfatizar formas de apresentar o partido, ligadas a essas quatro características. No terceiro capítulo, analiso a presença, nas formas de apresentação do PT pelo PT de Quixadá, da referência à ligação do partido com os interesses dos trabalhadores. Trato de como está presente nos discursos do PT de Quixadá a vinculação deste com a defesa dos trabalhadores, assim como também analiso a presença, nas formas de apresentar o PT pelo PT de Quixadá, da referência à ligação do partido com a defesa dos interesses do povo.

2 OCASOS E AURORAS EM QUIXADÁ

Antes de abordarmos mais diretamente as formas de apresentação do PT, é importante tratarmos de alguns “ocazos e auroras”⁷ no município de Quixadá, o que nos ajuda a compreender um pouco da muito disputada campanha eleitoral para prefeito desse município em 1992, pois ela é o marco final do nosso recorte temporal, sendo que o seu resultado para muitos observadores foi surpreendente, visto que Aziz Okka Baquit, um candidato muito popular, já tendo sido prefeito duas vezes⁸, foi derrotado pelo candidato a prefeito do Partido dos Trabalhadores, José Ilário Gonçalves Marques, levando-se em consideração que o PT tinha poucos recursos para a campanha, embora tenha contado com o apoio do Governo do Estado⁹.

Pela primeira vez, o Partido dos Trabalhadores ganhava a eleição para prefeito do município¹⁰, tendo a oportunidade de estar à frente do governo deste, após muito ter lutado para conseguir essa façanha. Embora a conquista do Governo nos discursos do PT não fosse considerada a mesma coisa que a conquista do poder, sendo essa diferença colocada várias vezes em tais discursos, estes viam o fato de estar à frente de um governo, como sendo algo importante estrategicamente para a realização de transformações nas condições de vida dos trabalhadores e do povo em geral.

A manifestação a favor da candidatura petista, por parte do eleitorado quixadaense, acreditando esta nas possibilidades de sua vitória, contra uma candidatura que possuía mais recursos financeiros, foi possível graças a uma conjuntura favorável, ligada a mudanças socioeconômicas pelas quais o município passava.

2.1 A crise da cotonicultura no município de Quixadá

Para termos uma melhor compreensão da conjuntura que possibilitou a manifestação a favor da candidatura petista, temos que levar em conta alguns aspectos. Assim, é importante

⁷ A utilização desses termos “ocazos” e “auroras” se faz presente aqui por inspiração do título da minha monografia de graduação.

⁸ De 1973 a 1977 e de 1983 a 1989.

⁹ Sobre a campanha de 1992, ver ARAÚJO (2007).

¹⁰ O resultado da eleição para prefeito de 1992, depois da recontagem de votos, foi o seguinte: Ilário Marques do PT foi eleito com 11 699 votos; Aziz Okka Baquit pela coligação PMDB-PFL-PDS-PSC-PT do B-PTR e PRN ficou em segundo, obtendo 11 635 votos; Antônio Ventura Correia da coligação PL-PDT, obteve 6 219 votos ; e o candidato do PPS, José Lopes Dantas, “Zé Adolfo”, do PPS conseguiu obter apenas 458 votos, ficando em último lugar; votos brancos: 1550; votos nulos: 692; total geral: 31 853 votos.

levarmos em consideração a crise da cotonicultura no município de Quixadá, em meados da década de 1980.

Assim como o estado do Ceará, como um todo, e a região Nordeste, Quixadá teve durante muito tempo, como mola-mestra de seu desenvolvimento econômico, a associação entre a pecuária e a cotonicultura, o que possibilitava que ele atingisse a condição de um dos mais destacados municípios cearenses, do ponto de vista econômico. Pelo que sabemos, entre a ocupação do espaço quixadaense e o criatório de gado houve forte vínculo, de modo que este tipo de criatório se desenvolveu ao longo das margens dos rios Banabuiú e Sitiá a partir do final do século XVIII, sendo que a colonização esteve ligada à conquista das terras dos índios Tapuia-Canindé. (LIMA, 2004, p. 20) Com relação à cultura algodoeira, assim como outros municípios cearenses, Quixadá viveu o apogeu da cotonicultura entre as décadas de 1960 e 1970, período em que teve grande prosperidade econômica. Nesse período, o município era o núcleo da comercialização do algodão produzido na região do Sertão Central, no Ceará e fazia parte dos grandes produtores do estado (TEODÓSIO, 2000; LIMA, *op. cit.*). Com relação ao que representava a associação entre a pecuária e a cotonicultura, do ponto de vista socioeconômico, para o município, Luiz Oswaldo, bancário, professor universitário, tendo sido candidato a prefeito pelo PT na eleição de 1988, diz o seguinte, em depoimento ao pesquisador Manoel Alves de Sousa:

O binômio boi/algodão era o básico da economia do município [...] tinha as grandes festas da rainha do algodão, e Quixadá era o centro das atenções [...] Quixadá era o grande pólo da região em geração de emprego. Agora era uma geração de emprego sazonal, eu diria assim... Esporádica, na safra... Empregava o trabalhador para colher o algodão, havia mais fixação do trabalhador no campo, porque se plantava... se limpava... se colhia... as fábricas funcionavam na sede... e havia funcionamento aqui em Quixadá a fábrica do Renato, a fábrica do Aziz, a fábrica do Joaquim Ventura e aquela outra fábrica do Renato, eram 04 fábricas e a cooperativa agrícola em 73-74 era o maior produtor de algodão, na folha do Estado do Ceará [...]. (TEODÓSIO, *op. cit.*, p. 36-37)

A existência de várias indústrias de beneficiamento de algodão funcionando a todo vapor, marcava fortemente o apogeu da cotonicultura no município, no referido período e contribuía para que houvesse uma considerável quantidade de dinheiro circulando no comércio local, pois centenas de operários (homens e mulheres) eram empregados nelas. O trabalho na zona rural também era fortemente presente, pois o trabalhador rural normalmente se ocupava nas lavouras algodoeiras e/ou nos currais cuidando do gado. Assim, existia certo equilíbrio entre a zona urbana e a zona rural quanto à questão das possibilidades de trabalho.

(Cf. LIMA, *op. cit.*, p. 26) Vejamos o que diz o já referido Aziz Okka Baquit, que, além de político, foi industrial e dono de uma das principais indústrias do setor algodoeiro:

A indústria algodoeira no município, teve na década de 20, o cidadão que era considerado coronel do sertão Alfredo de Sousa, pai do Dr. José Bonifácio de Sousa, que implantou aqui no Quixadá uma máquina muito rudimentar de madeira, tinha tão somente de ferro, as serras... e a população durante 24 horas atingia tão somente a 1000 kg/dia dentro desse horário exaustivamente. Posteriormente veio um outro cidadão também dito coronel do sertão, coronel Benigno Bezerra introduziu uma outra máquina mas tão rudimentar quanto a primeira e passou a haver um interesse maior por parte dos agricultores no plantio, pois já tinham compradores garantidos para produção depois deste fato, nós vinhamos ter um crescimento real em quantidade como em qualidade com uma indústria importada de uma multinacional - SAMBRA - em 1936. Posteriormente veio a ter controle acionista de 03 (três) pessoas da cidade:

1º) José de Queiroz Pessoa

2º) João Cândido de Souza

3º) Cícero Moreno

Este trio, passou a ser o proprietário daquela empresa, composta por 04 (quatro) máquinas americanas e teve a sua instalação num prédio já previamente preparado para ser uma indústria de algodão. A partir daí, o Quixadá começou a ser um pólo produtor de algodão. No entanto, foram surgindo várias outras empresas bem como a LEON GRADVHOL, um francês que implantou a primeira indústria de óleo em Quixadá. Cujas indústrias posteriormente em 1947 veio a pertencer a meu pai Abraão Baquit e a meu irmão Alberto Baquit. Na década de 50, tivemos ainda o surgimento da Cia. P. MACHADO. Portanto, tivemos o nascimento de outra indústria que é a Cia. de propriedade de: Laerte Pinheiro, Francisco Silas Pinheiro e Décio Pinheiro.

Já em 1964, foi implantada uma outra indústria por José Baquit e João Carneiro. Hoje capitaneada por meu amigo Renato de Araújo Carneiro (Usina Damião II).

A partir de 1947, começou a haver a modernização desses maquinários - a nossa própria usina de 02 máquinas passou a ter um conjunto de máquinas do EUA, máquina Burrel cuja a capacidade de produção nas 24 horas para se estabelecer um parâmetro entre a primeira e a atual - 65.000 kg/dia e em pleno funcionamento gera emprego direto para 82 pessoas/dia. Eu poderia lhe dizer meu jovem, que Quixadá viveu no período em que essa 05 (cinco) empresas funcionavam a todo vapor, pois não existiam pragas como hoje. Existiam financiamentos a longo prazo pelos bancos, em condições vantajosas, o produtor, subsídios, funcionavam a pleno vapor e não faltava matérias-primas para nenhuma e o Quixadá, passou a ser o maior produtor de algodão do Estado Ceará... Em 1974 chegou a produzir 90.000.000 de kg de pluma, foi a safra record até então, naquele período o Quixadá era o maior produtor do Estado... (TEODÓSIO, *op. cit.*, p. 33-35).

O município de Quixadá, porém, assim como o restante do estado do Ceará e da região Nordeste, sentirá o impacto da grande crise da cotonicultura em meados da década de 1980, sendo que essa crise foi causada por um conjunto de fatores, sendo um deles o ataque da praga do bicudo (*Anthonomus grandis*, Boheman) nos campos de algodão. Mas sabemos também que, desde quando a cotonicultura começou a ser explorada economicamente, não houve um forte apoio por parte do poder público, de modo que este não desenvolveu uma sustentável política para esse setor. Assim, quando a praga do bicudo foi se instalando definitivamente nos campos algodoeiros da zona rural de Quixadá, principalmente a partir de 1986, aproximadamente 20 mil famílias dessa zona no município foram atingidas, pois estas

tinham na cultura algodoeira sua principal fonte de renda, possuindo empregos assegurados praticamente o ano todo, pois, como coloca Teodósio (op. cit., p. 50):

[...] as etapas que envolvem a condução desta cultura inicia-se normalmente a partir dos meses de setembro e outubro com o preparo da área que contempla desde uma simples limpeza do terreno até a mais complicada derrubada da mata (broca) e posterior queima, encoivramento e destoca dependendo para isso da característica da exploração e é claro as condições do produtor.

Tal etapa se estende, de modo geral, até janeiro quando começa a 2ª etapa que compreende o plantio, replantio e os tratos culturais (capinas e aplicação de defensivos) e por fim a 3ª etapa que é a colheita, beneficiamento e comercialização que normalmente já se inicia em agosto. Formando assim o ciclo contínuo da atividade algodoeira.

Além dessas atividades haviam os empregos gerados nos roços das capoeiras (áreas implantadas com algodão mocó ou perene) quando se retirava o rebanho bovino de dentro dessas áreas para se processar os traços culturais das mesmas em função do início da floração da cultura normalmente a partir do mês de abril. Sabendo-se que o gado já havia usufruído da vegetação ali existente inclusive da parte aérea do algodão desde o final da colheita que podia ter ocorrido por volta do mês de dezembro.

Então, todo esse esquema é atingido com a instalação da praga do bicudo. Foi grande o impacto dessa crise da cotonicultura na economia do município. Dessa forma, assim como em grande parte do restante do estado do Ceará e da região Nordeste do país, em Quixadá, surgiram muitos problemas sociais, de ordem conjuntural e estrutural. O jornal *A Olho Nu*, órgão de divulgação da FECLESC-UECE, diz, no final de 1988, em uma entrevista ao médico Francisco Martins de Mesquita, eleito prefeito naquele ano, que “Quixadá segundo dados do SINE, tem o maior índice de desemprego no interior cearense”. O agricultor não encontra meios de reagir a essa crise, para evitar que houvesse um declínio na produção de algodão. Uma clara alternativa que aparece para ele é abandonar o campo, buscando uma condição de vida melhor nos centros urbanos (Cf. LIMA, 2004, p. 29-30). Os números do processo de urbanização refletem isso, mostrando que a população urbana cresceu de 20,8% (1970) para 29,7% (1980), 51,4% (1990) e 54,62% (1995). (Cf. LIMA, 2004, p. 22 e TEODÓSIO, op.cit., p. 32) Notem que, de 1980 a 1990, houve um grande crescimento da população urbana do município. Acreditamos que grande parte desse crescimento se deu de 1986 em diante. Teodósio (2000, p. 55) comenta, de forma clara, alguns aspectos dessa crise da cotonicultura:

Se se tem em conta que o município de Quixadá, conforme já mencionou-se antes, tinha no binômio gado/algodão as suas bases essenciais de sustentação econômica, não resta dúvida que, o declínio violento da cotonicultura que começa a ocorrer a partir de 1986, [...] prejudicou sensivelmente o desenvolvimento desse município. Que experimenta um desarranjo da sua estrutura sócio-econômica a partir do desemprego que passa a acontecer, tanto no campo quanto na cidade, de pessoas direta ou indiretamente ligadas a cotonicultura.

Como estimou-se existiam aproximadamente 20.000 famílias rurais ocupadas no cultivo do algodão que vão perdendo esse emprego à medida em que a área plantada vai se restringindo. E na cidade passa a ocorrer o mesmo com as famílias empregadas nas usinas algodoeiras, pois na proporção que ia diminuindo a oferta de algodão em rama para o funcionamento destas usinas elas iam reduzindo o seu número de trabalhadores até consequentemente fecharem impossibilitadas de continuarem funcionando em decorrência da falta total de matéria-prima local e regional. Por outro lado outros centros nacionais, também, enfrentavam a crise da cultura, no mesmo período, para importar a matéria-prima do exterior os vários custos que envolvem aquisição, transporte, etc, inviabilizavam o beneficiamento do produto. Não restando, assim, outra alternativa para o setor algodoeiro local senão o mergulho na crise.

Muitas habitantes do município viram suas vidas modificadas com a crise da cotonicultura. Lima (2004, p. 31) chegou a dizer que “não podemos negar que o fracasso da Cotonicultura desestruturou a vida de todos os habitantes do município, certamente os que residiam na zona rural foram os mais prejudicados [...]”. Mas, aqui não arriscamos a dizer que ninguém no município ficou sem ser afetado por essa crise. Ainda há muito o que se descobrir sobre a crise da cotonicultura no município de Quixadá. Em um “Relatório sobre a situação da agricultura no município de Quixadá”, da EMATERCE (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará), com o carimbo do “Escritório Local de Quixadá” e do agrônomo Antônio Arilo Souza Silva (que, dois anos depois, seria o candidato a vice-prefeito na chapa petista, encabeçada por Luiz Oswaldo), vemos as seguintes considerações, relacionadas ao ano de 1986:

Em avaliação mensal das culturas do Algodão, Milho e Feijão realizada no Escritório Local da EMATERCE com agrônomos, Técnicos agrícolas, produtores rurais e representantes do IBGE local chegou-se as seguintes conclusões a respeito da área destinada a colheita e produtividade, desde o início do ano até junho de 1986:

[...]3-A cultura do Algodão Arbóreo, com uma área inicialmente estimada de 11.000 ha, com uma produtividade média de 90 kg/há. Teve a área destinada a colheita reduzida para 2.000 há e a produtividade de 40kg/ha. Portanto a produção estimada inicialmente de 990 toneladas de Algodão, fica reduzida para 80t, uma perda de aproximadamente 92% da produção municipal.4-A cultura do algodão Herbáceo, com uma área inicialmente estimada em 25.000 ha, com uma produtividade média de 300 kg/ha, teve a área destinada a colheita reduzida para 12.000 ha e uma produtividade de 150 kg/ha. Portanto a produção inicialmente esperada de 7.500 t de algodão, fica reduzida para 1.800 t, uma perda de aproximadamente 76% da produção total.

Mais adiante, as causas são abordadas:

Causas que determinaram a redução da produção de Feijão, Milho e Algodão:

- 1-As culturas de Feijão e Milho sofreram quedas na produção devido ao excesso de chuvas e unidade nos solos.
- 2-A cultura do Algodão Arbóreo encontra-se largamente prejudicada, devido ao ataque do Bicudo, responsável pela queda das flores e botões florais.
- 3- A cultura do Algodão Herbáceo, além de ter sido prejudicado pelo excesso de chuvas, o ataque do Bicudo, é que realmente tem causado maiores danos.

Podemos ver a força de destruição que teve a praga do bicudo nesse período, sendo capaz de provocar tamanha alteração na produção em tão pouco tempo.

Cesar Barreira, ao ligar a substituição do tipo de algodão e a forma como aconteciam as relações entre proprietário e camponeses no sertão, diz o seguinte:

Na década de 70, a mudança no tipo de algodão plantado no sertão reforça o processo de expulsão. O algodão arbóreo, cultura que possui um ciclo longo, passa a ser substituído pelo algodão herbáceo, cultura anual. Essa alteração tem reflexo direto na perda de um “bem de raiz” para os moradores-parceiros, que lhes assegurava indenização. Neste sentido, a produção regional do algodão passa por alterações que refletem o aumento do controle do proprietário sobre ela e, também, a necessidade de “formalizar” cada vez mais a relação com o morador-parceiro. (BARREIRA, 1992, p. 142)

O autor ao analisar os “conflitos sociais no sertão”, consegue, entre outras coisas, ver ruptura na base de dominação dos proprietários sobre os camponeses, sendo esta dominação de tipo tradicional, de modo que as relações entre esses dois segmentos foram se formalizando aos poucos, com a penetração mais forte no campo daquilo que nós poderíamos chamar de “cultura capitalista” (Cf. FREITAS, 2010), embora o autor não use esse conceito. Ele percebe um “processo de expulsão” dos moradores-parceiros, juntamente com um aumento do número de parceiros que residem fora da propriedade, sendo que isso está ligado à ruptura nos laços de compadrio entre proprietário e camponeses, de modo que ocorrem conflitos entre estes. O autor fala que:

A partir, principalmente, dos anos 60, as relações de trabalho nos sertões passam por mudanças. A expulsão dos moradores do interior da propriedade é o dado indicado mais visível. Utilizando-se de vários mecanismos, os proprietários intensificaram o processo de expulsão, diminuindo o número de moradores-parceiros. Esse fenômeno deu-se concomitante à pecuarização. Isto é, a diminuição no número de moradores era proporcional à troca de cultura do algodão pela criação de gado. Nessa inversão, o proprietário ampliava as terras para o seu gado, abrindo novos campos para plantio de campim ou usando por um período maior do ano a pastagem existente nos roçados dos moradores. Os proprietários passaram a ter um progressivo interesse em diminuir a autonomia do morador-parceiro sobre o seu roçado. (BARREIRA, 1992, p. 141-2)

Percebemos, então, a ligação entre a cultura do algodão e as relações de poder nos sertões. Em Quixadá, é interessante nos questionarmos sobre essa ligação, mas, com cautela, para não fazermos afirmações precipitadas. No município, nas décadas de 1970 e 1980, dois industriais se revezavam no poder, sendo que os seus negócios empresariais dependiam do sucesso da cotonicultura.

2.2 Os industriais e a possibilidade de conquista de votos

Os dois referidos industriais são o já comentado Aziz Okka Baquit e seu amigo Renato de Araújo Carneiro, havendo entre eles relações de parentesco. Houve o casamento entre uma irmã de Aziz Baquit e um irmão de Renato Carneiro, e de uma irmã deste com um irmão daquele (Cf. Oliveira, 2001, p. 25). Oliveira (2001, p. 29) se arrisca a afirmar que:

É nesse contexto da economia quixadaense que as famílias industriais se consolidaram na política local com características conservadoras e com persistência de relações clientelistas para obter o domínio da política municipal de Quixadá. Confirma-se no caso da administração de Aziz Baquit, que mesmo não sendo do partido do governo, recebe apoio estadual na realização de seus projetos. (*op. cit.*, p. 29)

O período de declínio político desses industriais coincidiu, de certa forma, com o período de falência da cotonicultura no município de Quixadá. Mas não temos condições de dizer que o poder econômico desses dois industriais foi uma das coisas que mais contribuíram para que eles tivessem forte poder político, nem de afirmar que houve a forte presença de “relações clientelistas” nas práticas políticas dessa elite industrial do município. Já Lucimar Moreira de Oliveira se arrisca a dizer que “a política municipal se dava muito por esse anglo: eu dou isso em troca disso, dentro de um processo de decisões inerentes à própria estrutura econômica e social, firmando-se o “compromisso” no coronelista” (*op. cit.*, p. 45). A autora, em seu estudo, enfatiza o “clientelismo” nas práticas políticas de Aziz Baquit e Renato Carneiro, durante a única gestão deste e a primeira gestão daquele, ou seja, durante um período de 10 anos: 1972-1982, percebendo diferenças e semelhanças entre eles. Ela observa que, enquanto Aziz Baquit possuía muito carisma, Renato Carneiro possuía um estilo mais voltado para a burocracia, sendo mais autoritário (*op. cit.*, p. 39-49). Ela afirma “que em Quixadá esse fenômeno “coronelístico” persistiu na política local na década de 1970, é porque os prefeitos da época, mantiveram práticas clientelistas com os mesmos moldes do ‘coronelismo’ tradicional dentro de uma outra roupagem.” (*op.cit.*, p. 46)

São colocadas, então, pela autora aspas quando usa “coronelístico”, demonstrando a opinião de que as práticas “coronelísticas” desse período são diferentes das existentes no coronelismo da chamada República Velha. (Cf. GONDIM, 1998). Podemos dizer que, realmente, as práticas dos dois políticos eram diferentes das práticas do coronelismo da República Velha, sendo anacronismo dizer o contrário, pois, além de o contexto socioeconômico dos industriais ser outro, não vemos existir, por exemplo, o forte recurso à

violência para conseguir a adesão de subordinados, por parte desses dois políticos, não tendo os seus eleitores uma dependência econômica do tipo da que acontecia na República Velha. Até mesmo para afirmar a existência de forte clientelismo nas práticas políticas desses industriais, ou seja, forte troca de “favores” entre “patrão” e “cliente” (mesmo que não seja admitida, mas havendo intenção por parte do “patrão” em conseguir algum benefício com isso), existe a nosso ver, falta de documentação, apesar de a referida autora, muito corajosa, se arriscar a fazer afirmações sobre isto. Nós apenas suspeitamos da existência do uso do clientelismo por parte desses políticos, porém reconhecemos a falta de fontes que nos possibilitem afirmar em que grau isso acontecia. Já que não sabemos o grau disso, preferimos apenas falar em possibilidades que esses políticos tinham de conseguir votos através da gratidão de eleitores.

Ligado às mudanças nas relações entre proprietários e camponeses nos sertões e ao surgimento de vários conflitos entre estes, os novos cabos eleitorais¹¹ desempenham um papel importante na manutenção da “estrutura clientelística” (Cf. BARREIRA, 1992, p. 166-174), o que acaba possibilitando que uma política oligárquica continue a existir. Barreira diz que:

Os “cabos eleitorais” conseguem recompor a “clientela eleitoral”, que antes era circunscrita ao limite da propriedade, num espaço de um distrito ou povoado. Essa é a forma de congregar antigos moradores hoje dispersos. O “cabo eleitoral” funciona como um mediador entre os eleitores e os políticos, transmite as reivindicações dos eleitores ou de uma comunidade aos políticos ou a um determinado político, que elabora sua “plataforma eleitoral” nesse quadro. O “cabo eleitoral” recupera o contato pessoal que era realizado pelo próprio candidato, ou pelo proprietário. (op. cit., p. 174)

Em 1974, Aziz Baquit explica em uma entrevista a sistemática dos cabos eleitorais:

A sistemática é assim, aqui e em todo canto, até na capital. Não é que haja a força do poder econômico, eu lhe dou isso por aquilo, mas na maioria das vezes o político se vê obrigado a atender certos pedidos como, por exemplo, um eleitor dele estar com dificuldades de fazer casamento, então ele recorre ao político e este manda fazer realmente o casamento. O registro, muitas vezes, o pai não está em condições de registrar a criança, então recorre ao político: uma passagem, uma operação, um internamento. São esses tipos de ajudas [...] o fazendeiro é solicitado pelo morador e por sua vez faz sua solicitação ao chefe político. (PARENTE, 1979, p. 101-2)

É interessante observarmos que Aziz Baquit fala em “obrigação de atender certos pedidos”, o que faz pensarmos na dificuldade de manter o voto de um eleitor sem o

¹¹ Ao utilizarmos essa expressão “novos cabos eleitorais”, somos inspirados pelo Padre Luiz Braga Rocha, que usou essa expressão em entrevista concedida ao pesquisador Francisco Josênio Camelo Parente, em outubro de 1974. (Cf. PARENTE, 1979). Padre Luiz Braga Rocha foi uma liderança marcante no município antes da entrada no cenário político quixadaense, da elite econômica formada pelas famílias Baquit e Carneiro.

“atendimento de certos pedidos”. Outra coisa que chama nossa atenção é a semelhança dos exemplos de tipos de pedidos (Cf. OLIVEIRA, 2001, p. 48) feitos por eleitores, citados por Aziz Baquit, com os exemplos de tipos de pedidos feitos por eleitores camponeses, citados por Barreira, quando este se referia ao momento em que a dominação pessoal predominava nos sertões:

A “compra do voto” não se efetiva pelo pagamento em dinheiro e, sim, pela “gratidão” decorrente de algum serviço prestado pelo proprietário: pagamento do casamento, ter registrado um filho, ter tirado o título de eleitor, a carteira de identidade ou facilitar o internamento em um hospital público. Votar em um candidato do patrão é expressão de “fidelidade” do camponês e uma “troca de favor”. (*op. cit.*, p. 38)

Portanto, percebemos que, na cultura política de “troca de favores”, que predominava no momento em que nos sertões ainda prevalecia a dominação pessoal, de tipo tradicional, alguns tipos de pedidos estavam fortemente presentes: “pagamento de casamento”, “o registro do filho” e “o internamento em um hospital público”. Cesar Barreira se detém nos “conflitos sociais no sertão”, ver essa relação inserida na “dominação tradicional”, enquanto Aziz Baquit, fala do que, em sua visão, “acontece em todo canto, até na capital”. Essa repetição de tipos de pedidos parece-nos mais um dado que nos faz acreditar na “naturalidade” com que as “trocas de favores” aconteciam. Não pretendemos aprofundar como se davam essas práticas envolvendo cabos eleitorais e eleitores de Aziz Baquit, nem qual o peso delas no sucesso eleitoral deste industrial nas eleições em que foi candidato a prefeito nas décadas de 1970 e 1980. Mas suas palavras, nesse trecho da entrevista, mostram a naturalidade como ele encarava essa sistemática como fundamental para um político que quisesse obter sucesso eleitoral.

Considerando as variações no tempo e no espaço com relação às mudanças e permanências nos “conflitos sociais no sertão”, essa entrevista foi concedida por Aziz Baquit em 1974, quando este estava no seu primeiro mandato como prefeito, antes do final da década de 1970, quando ocorre no município de Quixadá a emergência de vários movimentos sociais rurais, sendo marcante a presença de novos mediadores como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Quixadá, as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), o Partido dos Trabalhadores e o Estado através do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), nos conflitos ocorridos no meio rural. Devemos ter em conta ainda que foi na década 1980 que Aziz Baquit exerceu o seu segundo mandato (1983-1989). Portanto, essa entrevista, na qual o político fala da sistemática dos cabos eleitorais foi antes de acontecerem as transformações

sociais, econômicas e políticas no município e no estado, com a derrota dos chamados “coronéis” da política cearense (Virgílio Távora, César Cals e Adauto Bezerra) em 1986, para Tasso Jereissati. Naquela eleição, a campanha de Adauto Bezerra fazia uma forte ligação entre voto e gratidão, procurando mostrar os “coronéis” como “benfeitores do sertão”, enquanto Tasso Jereissati tinha um discurso de combate a estes, colocando neles a culpa pela miséria dos cearenses (BARRREIRA, 1992, p. 167). Adauto Bezerra perdeu não só na capital, mas também no interior do estado, ao contrário do prognóstico feito pelos “coronéis”, que diziam que Adauto Bezerra recuperaria no interior a diferença perdida na capital. Em relação a esse processo eleitoral de 1986, Moraes Filho (1986, p. 38-9) fala em uma “nova política”:

O processo político cearense seria marcado nos anos 80 pelo ingresso de uma vertente advinda diretamente do corporativismo industrial [...] O governador eleito em 1986 - fruto da ruptura, empreendida pelo governador Gonzaga Mota, em relação aos três coronéis que dominavam o estado - possibilitou o ingresso na política de um grupo de empresários que, desde os anos 70, participava ativamente do debate sobre o desenvolvimento econômico e político do Ceará. Iniciada em 1986, a “nova política” encetaria uma ação administrativa que tinha como alvo fundamental a promoção da reforma do estado - vítima então de uma forte crise fiscal, acometido de paralisia decisória e presa de mecanismos de apropriação privada de bens públicos -, reforma que acabaria por levar o chefe do Executivo a uma afastamento e, em seguida, a uma ruptura com boa parte da coligação partidária que o apoiara. Esse afastamento progressivo do governador Tasso Jereissati o conduziria e ao seu grupo político a ingressar no PSDB em 1989, e a organizá-lo no estado do Ceará.

O Estado passava por uma crise administrativa, propícia para que novos atores entrassem fortemente no cenário político, contribuindo para que novas relações de poder fossem estabelecidas. Em 1978, foi reativado o Centro Industrial Cearense (CIC), onde se reuniram empresários com ideias consideradas “progressistas”. (GONDIM, 2004, p. 403) Entre estes estavam nomes como Beni Veras e Tasso Jereissati, que vieram a se destacar na política do Ceará e do Brasil (Cf. MUNIZ, 2007). Os debates no CIC foram importantes para que houvesse a candidatura de Tasso Jereissati ao governo estadual em 1986. O *slogan* da campanha do seu partido (PMDB, que estava coligado ao PCB, PC do B e PDC) era “O Brasil mudou. Mude o Ceará”, procurando fazer a relação com o cenário político nacional, em um momento em que o presidente José Sarney tinha considerável popularidade adquirida devido ao sucesso momentâneo do Plano Cruzado, que foi criado para conter a inflação (CARVALHO, 1997, p. 188). Para Barbalho (2007, p. 112), esse *slogan* “apoiava-se nas mudanças em curso no cenário nacional para reforçar a luta local contra as “forças retrógrads do coronelismo”. No seu governo, Tasso Jereissati impôs “a eficiência da contenção dos gastos públicos e a impessoalidade dos controles administrativos” (*id.*, p. 420). Foi criada

“uma imagem de isolamento e prepotência, consolidada pelos inúmeros conflitos entre Tasso Jereissati e os mais diversos segmentos da sociedade” (*id.*, p. 416). Ele se afastou aos poucos de parte da coligação que o havia apoiado. Em 1989, foi para o PSDB, que, para PAIVA (2006, p. 52):

nasceu como consequência da presença de uma classe média urbana, profissional e universitária, mais incorporada às forças modernizadoras da sociedade e da economia. Essas forças se sentiram desamparadas pela fragmentação do MDB, antigo partido da resistência democrática, e pela incapacidade de suas lideranças para imprimir uma linha política afim com a “modernidade”. Assim, entre os problemas e os valores que motivaram a formação do PSDB incluíam-se o das novas funções do Estado e sua abrangência, bem como os da eficiência da gestão pública. Estava em jogo também a valorização da democracia e a necessidade de um *aggiornamento* dos grandes temas do desenvolvimento econômico. Coube ao PSDB recolher a herança democratizadora do antigo MDB e renová-la. O contexto exigia uma profunda revisão na organização e no modo de atuação do Estado, para torná-lo capaz de se haver com os desafios dos mercados globalizados e, sobretudo, da sociedade contemporânea.

Esse partido tinha uma proposta mais adequada à imagem que Tasso procurava incorporar, ligada à “modernidade” e à “eficiência na gestão pública”. Então, no Ceará ele organizou o PSDB, tendo uma participação marcante nas eleições para prefeito e vereador de Quixadá em 1992, como veremos mais adiante. No período de Ciro Gomes, então governador do Estado e sucessor de Tasso Jereissati, foi ao município apoiar a candidatura petista e vitoriosa de Ilário Marques para prefeito. Os governos de Tasso Jereissati e Ciro Gomes eram autodenominados “governos das mudanças” e, segundo Gondim (2004, p. 419), tanto um político como o outro

identificam-se com o mesmo projeto de modernização autoritária do setor público cearense, [...] mas, o primeiro aproxima-se mais do modelo de gestão burocrática clássica, enquanto que Ciro Gomes, como administrador, tenta combinar a eficiência e a impessoalidade da burocracia, com o exercício de uma autoridade carismática.

Para fazer essas considerações, Gondim (2004) utilizou-se do pensamento do sociólogo alemão Max Weber, sobre “tipos puros de dominação” (*Cf.* WEBER, 1986, p. 128-141). Para Weber (*op. cit.*, p. 129), numa dominação burocrática ou racional

Obedece-se não à pessoa em virtude de seu direito próprio, mas à *regra* estatuída, que estabelece ao mesmo tempo a quem e em que medida se deve obedecer. Também quem ordena obedece, ao emitir uma ordem, a uma regra: à “lei” ou “regulamento” de uma norma *formalmente* abstrata. O tipo daquele que ordena é o “superior”, cujo direito de mando está legitimado por uma *regra* estatuída, no âmbito de uma *competência concreta*, cuja delimitação e especialização se baseiam na utilidade objetiva e nas exigências profissionais estipuladas para a atividade do funcionário.

Tasso Jereissati, dessa forma, aproximar-se-ia mais deste modelo burocrático, enquanto Ciro Gomes combinaria as características deste modelo com “o exercício de uma autoridade carismática”, de modo que, para Weber, (1986, p. 134-135) na dominação carismática, obedece-se ao líder

em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (*carisma*) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória. O sempre novo, o extracotidiano, o inaudito e o arrebatamento emotivo que provocam constituem aqui a fonte da devoção pessoal. (WEBER, 1986, p. 134-5, grifo no original)

Dessa forma, a tendência que Ciro Gomes tinha a uma maior centralização estava ligada à uma autoridade carismática, de modo que a realização de ações de impacto era outra tendência de Ciro, relacionada a tal autoridade. (Cf. GONDIM, 2004, p. 419) A ida de Ciro Gomes a Quixadá na reta final da campanha municipal de 1992 foi marcante, o que podemos relacionar ao carisma do então governador, como veremos mais adiante.

Com relação à “dominação tradicional”, outro tipo tratado por Weber (1986), Gondim (2004, p. 419) diz que essa é “personificada pelos ‘coronéis’”, ao mesmo tempo em que Tasso “acentua seu papel na ruptura” com ela. Weber (1986, p. 131) diz, com relação à dominação tradicional, que

No quadro administrativo, as coisas ocorrem exatamente da mesma forma. Ele consta de dependentes pessoais do senhor (familiares ou funcionários domésticos) ou de parentes, ou de amigos pessoais (favoritos), ou de pessoas que lhe estejam ligadas por um vínculo de fidelidade (vassalos, príncipes tributários). Falta aqui o conceito burocrático de “competência” como esfera de jurisdição objetivamente delimitada. [...] De fato, rege-se em grande parte pelo que os servidores podem-se permitir frente à docilidade dos súditos. Dominam as relações do quadro administrativo não o dever ou a disciplina objetivamente ligados ao cargo mas a fidelidade pessoal do servidor.

A relação de Aziz Baquit e Renato Carneiro com os “coronéis” era boa (OLIVEIRA, 2001, p. 41), mesmo que estes tenham passado para a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), partido do governo, apenas em 1976¹², pertencendo antes ao MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Oliveira (*op. cit.*, p. 40) afirma que:

¹² Essa passagem se deu em um acordo feito para as eleições de 1976, no qual o seu momento crucial aconteceu no Palácio da Abolição, em Fortaleza, com as presenças do então governador do estado Adauto Bezerra, líder do setor agroindustrial do Ceará, o presidente da Arena Ossian Araripe, o deputado federal Flávio Márcilio e Arceu Coutinho, Aziz Baquit, então prefeito de Quixadá, José da Páscoa (que pelo menos até aquele momento era o principal líder da Arena no município, tendo sido prefeito durante o período 1967-1971 e concorrido e sendo derrotado por Aziz Baquit na eleição para prefeito em 1972), estando também presente no Palácio da Abolição, os que iriam ser candidatos na eleição naquele mesmo ano do acordo, Renato de Araújo Carneiro e Luiz Crispino, sendo que um seria o cabeça de chapa e o outro o vice, respectivamente. Enquanto o grupo dos irmãos Baquit (no qual estava incluído José Baquit, que havia sido prefeito de Quixadá durante o período 1963-1967) que era aliado ao governador tiveram o direito de indicar o cabeça de chapa (Renato Carneiro), o

[...] verifica-se que em Quixadá, na década de 1970, havia um domínio muito forte de oligarquias, com a política voltada para o clientelismo, práticas políticas que consistiam na obtenção de vantagens e favores em troca de apoio ao governo. Por ter existido práticas políticas dessa natureza no município de Quixadá, é que o próprio Aziz Baquit, assim como Renato Carneiro eram caracterizados como os “coronéis” da região de Quixadá, já que serviam ao regime além de colocar em prática os mesmos atos praticados pelos caciques do poder Estadual. Contudo, os “coronéis” do Estado não eram grandes proprietários de terras, porém, eram industriais e empresários de múltiplos interesses econômicos com intuito de buscarem sempre um fim comum: a obtenção do poder político.

Nas eleições de 1986, os candidatos apoiados pelo então prefeito Aziz Baquit foram derrotados em Quixadá com uma diferença esmagadora¹³. No sertão nordestino, de uma maneira geral, os camponeses estavam aumentando o seu grau de consciência sobre a exploração a que eles estavam submetidos e ampliando o seu espaço de contestação. Barreira (1992, p. 173) fala em um “novo discurso político” ligado a essas mudanças:

A percepção dessas mudanças, pelos políticos, se leva a tentar recuperar “antigas práticas” provoca alterações sensíveis no discurso para acompanhar as mudanças do comportamento eleitoral dos camponeses.

A necessidade de acompanhar a evolução política e adaptar-se a uma “nova ordem política”, que tem, como grande marca, o rompimento com a dominação tradicional que caracterizava o sertão, está criando um “novo discurso político”. Esse “novo discurso” tem que se enquadrar nas demandas do campesinato. O aumento ou surgimento delas está articulado ao rompimento com a dominação pessoal, conjuntamente ao grau de consciência do campesinato. Esses aspectos implicam o surgimento de um “camponês-eleitor” fora da “tutela” do proprietário da terra. É esse “novo eleitor” que tem que ser atingido pelo “novo discurso”.

Discurso que é resultado, também, de uma “nova prática populista” no campo onde o político tenta dominar os novos espaços. A sua percepção leva a incorporar no discurso elementos que foram elaborados pelos camponeses no espaço de contestação e de negação de “uma antiga ordem”.

Mudanças no discurso dos políticos articulam-se com mudanças no comportamento dos eleitores e vice-versa. Assim, não dá para separar esses dois tipos de mudanças: na prática e no discurso. Porém, essa relação entre o discurso e a prática não acontece de forma mecânica, sendo complexa, não existindo caminho natural entre essas duas dimensões da realidade. A complexidade das mudanças relacionadas ao discurso político e ao comportamento dos eleitores ligava-se à variedade das articulações que faziam parte das

deputado Flávio Marcílio e José da Páscoa escolheram o vice (Luiz Crispino). Os dois se saíram vitoriosos naquela eleição.

¹³ Em Quixadá Tasso obteve 23.508 votos contra 10.353 votos de Aauto Bezerra, sendo que em todo estado Tasso obteve 1.407.693 votos contra 807.315 votos de Aauto Bezerra. Para o senado federal, Mauro Benevides obteve 19.696 votos, Cid Carvalho, que também foi eleito obteve 18.197 votos, contra 8.481 votos de Paulo Lustosa e 6.742 votos de César Cals, sendo que em todo estado, Mauro Benevides conseguiu obter 1.219.289 votos e Cid Carvalho 950.231 votos, contra 732.169 votos de Paulo Lustosa e 602.546 votos de César Cals.

diferentes lutas sociais, de modo que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, as CEBs e o PT deixariam sua marca em muitos momentos dos conflitos surgidos nesse período, existindo divergências entre estes.

Não pretendemos estudar como essas transformações traziam mudanças nas relações de Aziz Baquit e Renato Carneiro com o seu eleitorado, apesar de sabermos da derrota de seus candidatos ao senado e ao governo nas eleições de 1986 e de levarmos em consideração a crise da cotonicultura. O que estamos falando aqui é de possibilidades de que eleitores agradecidos com emprego ou alguma assistência votassem em quem os industriais queriam. Não sabemos em que grau isso acontecia e nem a forma com que os dois industriais políticos encaravam e agiam com relação a isso. Gostaríamos sempre de deixar isso bem claro.

1.3 A derrota dos industriais em 1988: o “sentimento de mudança”

Oliveira (2001, p. 46)) fala da existência de uma forte gratidão por parte de muitos eleitores de Aziz Baquit e Renato Carneiro, o que, em sua visão, contribuía fortemente para o sucesso eleitoral deles. Porém nem sempre esses candidatos saíram-se vitoriosos, mesmo quando tinham muitos recursos financeiros em suas campanhas eleitorais. Pinheiro (1998, p. 34-35) fala da campanha eleitoral para prefeito do município em 1988, quando Renato de Araújo Carneiro foi derrotado pelo médico Francisco Martins de Mesquita:

[...] o candidato Renato de Araújo Carneiro, apoiado pela máquina administrativa local e pelo grupo de empresários do município e do próprio governador, realizava os mais esplêndidos comícios e carreatas, esbanjando fortunas e mais fortunas em propaganda e marketing. Num desses comícios, já na reta final da campanha, o então Governador Tasso Ribeiro Jereissati veio a Quixadá manifestar o seu apoio ao candidato Renato Carneiro. Em poucas palavras, o Governador pede aos quixadaenses que não votassem em candidatos que dão dentaduras, ovos e distribuem óculos em troca de votos. O único candidato com recursos disponíveis para tais práticas, era o candidato Renato Carneiro.

As palavras do Governador foi um prato cheio para a oposição. Para o comerciante Adonias Queiroz Sousa, o Governador tinha total convicção no que estava dizendo, pois ele teria vindo a Quixadá não para apoiar o candidato Renato Carneiro, mas sim, para derrotá-lo. Outros já comentam que o governador era alheio aos problemas eleitorais dos municípios, principalmente nos municípios em que ele manifestara apoio.

Não sabemos qual a intenção do então governador Tasso Jereissati com essas suas palavras. Acreditamos que a campanha eleitoral de Renato Carneiro em 1988 desenvolveu-se realmente com uma quantidade bastante considerável de recursos financeiros, o que não foi suficiente para derrotar o carismático e popular médico Francisco Martins de Mesquita, que

se candidatava pelo PDT (Partido Democrático Cristão), tendo como vice em sua chapa José da Páscoa, que já tinha sido prefeito uma vez (1967-1971) e que ainda era muito popular no município. A vitória foi esmagadora¹⁴.

Existiu, também, de forma bastante presente naquela campanha de 1988, o que acabou ajudando a candidatura de Dr. Mesquita, o “voto útil”, de pessoas que pretendiam votar em Luiz Oswaldo, no começo da campanha, mas, como viram que ele não teria chances de vitória, preferiram votar no médico, por achar que sua candidatura estava mais associada à “mudança” do que à candidatura de Renato Carneiro. O próprio Luiz Oswaldo já se referia na campanha de 1988, em texto escrito, ao “famoso voto útil”¹⁵. No texto, ele pedia ajuda financeira para a sua campanha: “Precisamos de um mínimo de recursos para enfrentar, então, o famoso voto útil”.

Airton Buriti fala do voto útil naquela eleição. Ele diz o seguinte:

Então, naquele sentimento de que uma das forças teria que ser, majoritariamente, pra ganhar a eleição, aconteceu muito um voto útil. O voto útil era de que a sociedade foi definindo entre o Oswaldo, o Mesquita e o Policarpo, qual nome reunia as condições de tocar essas mudanças. Então, isso levou ao voto útil. "Ah, se eu votar no PT, no Luiz Oswaldo, agora, as elites vão continuar governando", então, foi um sentimento de mudança que foi unificando no povão, na massa, unificando [pró] e... mas, foi guardando um sentimento de que ainda não era a vez do PT, que o PT seria pra um outro momento. Então, esse discurso também ficou muito reservado para o PT, num outro momento (ENTR. 3 – V. APÊNDICE)

Então, muitos quixadaenses estavam com esse desejo de mudança, o que fazia com que houvesse uma tendência de escolha de outro candidato que não fosse do grupo de Aziz e Renato, tendo ambos se reservado no poder a 16 anos. Luiz Oswaldo conta-nos que

[...] mas claramente se delineou no começo, uma polarização entre o Mesquita [...] e o Renato. [...] Essa polarização foi acontecendo muito comumente na voz do povo. O povo era muito sincero com a gente, sabe? O povo dizia: "Você é o melhor candidato, foi o único que apresentou um programa, mas você não tem condição de tirar... os industriais, como o pessoal chamava, do poder". E dos industriais... lia-se também o Everardo, e outros ali da adjacência. Então, quem tem condição de fazer isso era doutor Mesquita que tá... falava-se que ele recebia muito dinheiro do Manoel Salviano, não sei de quem mais lá, pra ganhar essa eleição daqui. Então, o... e eu acho que com uma certa razão. Porque eu recordo que terminando a eleição eu estava lá no grupo César Cals, com o Ilário e aí viemos pra apuração. Quando nós atravessamos aquela praça de frente do fórum, estava apinhada de gente partidária do Mesquita. Eles já estavam cantando a vitória. E nós fomos aplaudidos por eles. E

¹⁴ O resultado foi o seguinte: o médico Francisco Martins de Mesquita, do PDT obteve 16.117 votos contra 10.364 votos de Renato Carneiro do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro); Luiz Oswaldo Santiago Moreira (PT) obteve 1.960 votos, a maior votação até aquele momento de um candidato do PT; José Policarpo do PSB (Partido Socialista Brasileiro) obteve 1.270 votos. (Cf. PINHEIRO, *op. cit.*, p. 35).

¹⁵ Texto escrito datilografado, como sendo de Luiz Oswaldo, quando candidato a prefeito pelo PT em 1988, encontrado no arquivo do PT de Quixadá.

o povo dizia pra gente: "Dessa vez foi o Doutor, mas da próxima vez são vocês". E da próxima vez foi o Ilário (ENTR. 5 - V. APÊNDICE).

Uma rejeição aos “industriais” existia fortemente naquela campanha, fazendo, ao nosso ver, com que o “voto útil” fosse um caminho escolhido por muitos. A candidatura petista de Luiz Oswaldo era vista com muita simpatia por muitos, que, não vendo chances de vitória nela, preferiram optar pela candidatura que tinha mais chances de derrotar os “industriais”, estando Everardo Silveira aliado a Aziz Baquit e Renato Carneiro, citado por Luiz Oswaldo nessa entrevista. Everardo Silveira tinha sido prefeito de Quixadá, de 1971 a 1973 e era deputado estadual pelo PMDB, no período dessa eleição (1988), de modo que sua esposa Marilac Silveira era candidata a vice-prefeita na chapa.

Com relação ao “sentimento de mudança”, Cristiano Góes, que também vivenciou aquele período eleitoral, diz-nos que

Embora, tendo já votado no Luiz Oswaldo, na época, em 1986, eu acabei votando no doutor Mesquita, que era... simbolizava mais ou menos o que o Tasso foi para o Ceará que era a coisa do novo, uma pessoa que ia romper com os coronéis. E o Mesquita entrou nessa onda também, dois anos depois, de ser uma pessoa que iria romper com os coronéis quixadaenses, que eram o Aziz, Renato e Everardo. Eram os três políticos, dois eram sempre os prefeitos e o outro era o deputado. E eles estavam juntos nas campanhas. E aí deu um vento de mudança foi para o doutor Mesquita (ENTR. 18 – V. APÊNDICE)

Vemos, então, Cristiano Goes comparar a candidatura de Dr. Mesquita com a de Tasso Jereissati, dois anos antes, em 1986, quando essa havia derrotado os chamados “coronéis” do Ceará. Cristiano é um exemplo de eleitor que votou em Dr. Mesquita, levando em consideração que Luiz Oswaldo não tinha chances de vitória. Ele diz que

[...] na época, fiquei na dúvida entre o Luiz Oswaldo e o Mesquita, mas, como o Mesquita deu a febre na cidade, ele tinha condições de ganhar as eleições, foi quem se digladiou mais com o empresário Renato, então, eu acabei votando no Mesquita, porque achava que o professor Luiz Oswaldo não tinha chance, embora a votação foi até bem superior à votação anterior, do Freitinhos. (ENTR. 18 – V. APÊNDICE)

Mas também houve quem dissesse que não “abandonou o barco”. Rinaldo Roger fala que, mesmo sabendo que a candidatura de Luiz Oswaldo não tinha chances, continuou do lado dela. Ele também fala no desejo de mudança da população quixadaense:

A população ela escolheu seu candidato, com pouco tempo a gente via isso nas ruas, quem a população queria para naquele momento, representar uma grande mudança para o município e com pouco, não demorou mesmo, a gente já sentiu isso aí, já viu que não dava, mas, em momento algum, em momento algum, nós abandonamos o barco. Continuamos lá com o professor Luiz Oswaldo, até os últimos momentos da campanha. (ENTR. 17 – V. APÊNDICE)

Outro que fala no desejo de mudança da população, é Ilário Marques, que também viu que a candidatura de Dr. Mesquita conquistou a “preferência” do eleitorado quixadaense, de modo geral, com relação à essa questão, sendo tal candidatura uma “novidade”:

[...] nós estávamos vivendo ali um momento de muitas mudanças, de vontade de mudanças, mas aí, tinha uma preferência no Quixadá, no ponto de vista da mudança, que era em torno da novidade do nome do Dr. Mesquita. Então, o Luiz Oswaldo saiu bem na campanha de 1986 e isso ameaçou as estruturas de poder bem na campanha de 88..., isso ameaçou as estruturas de poder, em 88 ele se divide, o Mesquita, que fazia parte do poder, já sai como rebelde do poder e aí, com maior facilidade, com maior simpatia, com muito carisma, ele abraçou pra si o sentimento de mudanças. Então, ficou muito difícil pro PT. (ENTR. 19 – V. APÊNDICE)

Porém, o médico Francisco Martins de Mesquita não fez uma administração que fosse muito aprovada pela população, apesar de no início de sua gestão ter concedido um aumento salarial aos servidores públicos que variava de 50 a 110%. (Cf. Freitas Neto, 2000, p. 47). Nas palavras de Graça Costa, com relação à administração, fala que nessa houve “falta de coordenação política implementada pelo doutor Mesquita, pelo processo da administração que houve uma mobilização significativa pra eleição dele, mas, eu entendo que ele não deu conta”. (ENTR. 1 – V. APÊNDICE)

A entrevistada, quando fala em “mobilização significativa para a eleição” de Dr. Mesquita, vai ao encontro do que diz Cristiano Goes, quando este fala de uma “febre na cidade”, proporcionada pela candidatura de Dr. Mesquita. A entrevistada Graça Costa também ver a distância entre essa “mobilização significativa” e a popularidade da administração do médico, que, como dissemos, não foi alta. O jornal *A Olho Nu*, órgão de divulgação, da FECLESC-UECE, em uma entrevista que este fez ao Dr. Mesquita, no fim de 1988, em uma pergunta a este, diz assim:

nesta eleição para prefeito, Dr. Mesquita, o senhor foi eleito com uma votação maciça do eleitorado quixadaense. Há portanto grande expectativa para sua administração. O sr. não sente receio de decepcionar, de tirar esta esperança da população quixadaense?¹⁶(A OLHO NÚ, 12.12.1998)

Gilberto Telmo, que foi secretário na administração do Mesquita, em sua entrevista, fala em uma “falta de determinação política, de vontade política, a falta de coragem para o trabalho administrativo, do Mesquita”. (ENTR. 6 – V. APÊNDICE) Então, para ele, essas características “foram decisivas para ajudar a campanha do Ilário Marques”, visando ganhar as eleições de 1992.

¹⁶ *A olho nu*, Órgão de divulgação, da FECLESC-UECE. Quixadá, Nº 002, 12.12.1988. Fornecido por Cristiano Goes, um dos membros do conselho editorial do jornal.

2.4 A Vitória do PT em 1992

O Partido dos Trabalhadores havia crescido bastante em Quixadá nos últimos anos, sendo que muitos militantes, filiados e simpatizantes começam a enxergar fortemente boas possibilidades de vitória nas eleições municipais de 1992. Em relação a essas eleições, Sousa (1997, p. 96) diz que

Podem ser consideradas como marco divisor entre as oligarquias dominantes e os segmentos mais progressistas do Município, na luta pelo poder. As forças vão ser medidas nas urnas. De um lado, o candidato da coligação PMDB/PFL representante da situação, dona do poder há décadas. Do outro lado, o candidato da coligação PT/PSDB representante da oposição.

Na verdade, eram quatro os candidatos ao poder executivo do município, apesar de na reta final da campanha, ter ficado evidente que somente dois continuavam com chances de ganhar a eleição, sendo estes os dois candidatos mencionados por Manuel Alves de Sousa: Aziz Okka Baquit, pelo PMDB, que, como vimos anteriormente, não fazia parte do grupo que estava no poder, pois Renato Carneiro, seu correligionário, tinha perdido a eleição de 1988; e Ilário Marques, pelo PT, apoiado pelo governador do estado Ciro Gomes, do PSDB. Porém, “de início”, no dizer Costa (2002, p.415), apenas Aziz Baquit e Dr. Antônio Ventura, sendo este, pela coligação PL-PDT, “eram considerados com possibilidade de serem eleitos”. Apesar disso, vemos na fala dos entrevistados que participaram, de uma forma ou de outra, da campanha de Ilário Marques, uma crença, já no início da campanha, na existência de possibilidades de vitória petista. No decorrer da campanha a situação foi melhorando, em favor do candidato Ilário Marques.

Entre as três candidaturas mais destacadas, a de Ilário Marques era a que mais parecia representar uma mudança política no município de Quixadá, usando o discurso do “novo” como um grande instrumento para ganhar o pleito. Rinaldo Róger diz que

Olha, o PT representava a mudança. Representava a renovação política do município de Quixadá, renovação total mesmo, porque, nós tínhamos o Aziz Baquit, ex-prefeito, nós tínhamos o Antônio Ventura, ligado ao grupo político do ex-prefeito Aziz Baquit, que foi candidato por uma questão de dissidência, por discordar de algumas coisas, então, o que realmente representava a mudança era o Partido dos Trabalhadores. Então, o discurso era esse, era de mudança e de renovação política no município.¹⁷ (ENTR. 17 – V. APÊNDICE)

¹⁷ Rinaldo Roger, membro do Comitê Jovem ligado à candidatura de Ilário Marques, em 1992. Entrevista realizada em 09.11.2011.

Na memória dos entrevistados, ligados àquela candidatura de Ilário, em 1992, a relação desta com a representação da mudança está presente. Podemos dizer que o discurso de “um novo tempo” para Quixadá foi ganhando força, apesar de existir uma considerável parcela da população de Quixadá que não enxergava com “bons olhos” o PT. Angelita Duarte, uma militante do PT na época, conta-nos que existia “um rótulo do partido. Tinha essa história de que o partido não era conhecido, tinha a história que o partido era comunista, que tinha a bandeira vermelha, aquela coisa...”. (ENTR. 7 – V. APÊNDICE) Luiz Oswaldo fala que o PT tinha que mostrar, no “primeiro momento”, era que “não era o temido partido comunista, comedor de fígado de criança, aquele negócio todo... conforme o mito que se espalhou pelo Brasil” (ENTR. 5 – V. APÊNDICE) Nilton César fala em um “medo do Partido dos Trabalhadores”, relacionado ao que aconteceu na ditadura militar:

O povo, como sempre vinha de uma herança maldita, chamada “regime militar”. Então, tudo que era de novo assombrava a população, em si, por achar que aquilo ali o afetaria, de uma forma pessoal, e tinham medo, e tinham medo mesmo, do Partido dos Trabalhadores, como tinham medo dos outros partidos de esquerda, como tinham medo do PCB, tinham medo... achavam que aquilo ali era coisa de outro mundo, que o PT, em si, era um partido de comunistas, e a população apregoava isso, por aí. Apesar de que, a Igreja, naquela época, já também... os grupos de base da Igreja, eclesiais, as CEBs, as pastorais, elas já tentavam amenizar o pensamento da população, alguns grupos da Igreja já procuravam amenizar os pensamentos da população, em relação aos partidos de esquerda, mas, ainda existia muito medo mesmo, assim em relação ao que tinham sofrido no regime militar, porque não há como esconder que a população também tinha medo, sabia de tudo que tinha acontecido no regime militar, tinham vivenciado e ainda tinham medo de ir pra algo de novo, de vivenciarem algo de novo. E isso aconteceu nas campanhas do PT, na década de 80. As pessoas ainda tinham medo. (ENTR. 8 – V. APÊNDICE)

Esses entrevistados falam, então, de formas diferentes, de aspectos que faziam com que pessoas tivessem certo distanciamento em relação ao PT. Mas não sabemos até que ponto esse medo do PT, citado por Nilton César, em relação às “campanhas do PT, na década de 80”, ainda existiam na campanha de 1992. Acreditamos, porém, na existência forte de aspectos que criavam certa barreira entre muitas pessoas e o PT em Quixadá. Medo, rejeição e preconceito recaíam sobre o PT de Quixadá, que muito provavelmente era visto também como ameaça pelos seus adversários políticos.

Mas, afinal, por que fazer essa exposição toda que fizemos até agora? A vitória de Ilário Marques foi possível por um conjunto de fatores que estão interligados e que existiram em um momento propício, uma conjuntura favorável ligada a mudanças que aconteceram no município de Quixadá. Os aspectos tratados até agora ajudam-nos na compreensão da existência de possibilidades de vitória petista naquele pleito.

Houve uma tentativa de coligação majoritária entre PT e PSDB, mas que não foi aprovada na convenção deste último, ficando apenas a coligação proporcional, ou seja, os candidatos a vereadores do PT continuaram ligados aos do PSDB, possibilitando inclusive um fato inusitado: a criação de uma estrela (que representava o PT) com um bico de um tucano (que representava o PSDB). O candidato a vice do PT era, no início da campanha, Gilberto Telmo Sidney Marques do PSDB, acontecendo depois a impugnação do mesmo candidato por não ter sido aprovada a coligação majoritária. Primeiramente, houve uma impugnação das duas candidaturas: a de Ilário Marques, como cabeça de chapa, e a do candidato a vice Gilberto Telmo. O pedido de impugnação foi feito pela coligação PL-PDT, do candidato a prefeito Antônio Ventura. Segundo matéria do jornal *Diário do Nordeste*, esta coligação alegava que

a proposta da coligação entre os partidos PSDB e PT não foi objeto de deliberação e aprovação pelos convencionais do PSDB já que, apenas foi feita a votação direta e nominal para o cargo de prefeito, onde foi apontado o nome de Ilário Marques que não é filiado ao PSDB, como também foram sufragados em favor do candidato petista apenas sete votos de um universo de 24 votos, não alcançando, assim, a maioria absoluta necessária a aprovação da coligação entre os dois partidos (DN, 03/08/1992).

A situação, porém, foi revertida na justiça e somente a candidatura de Gilberto Telmo ficou como impugnada, permanecendo a de Ilário Marques e ficando o PT com o direito de indicar um nome do próprio partido para compor a chapa, como candidato a vice.

Essa aliança entre PT e PSDB foi bastante discutida, sendo que os debates levavam em consideração, entre outras coisas, questões que extrapolavam o nível local. De um lado, havia no PT nacional a referência a uma “saída democrática e popular para a crise do país”. Dessa forma, uma aliança com o PSDB seria possível, pois o tal partido seria considerado de oposição e defensor da democracia. Em um documento intitulado “Conjuntura”, fazendo parte do I Congresso do PT, que aconteceu em 1991, um dos pontos diz o seguinte:

O PT deve propor e negociar com o movimento sindical, popular; os partidos democráticos, progressistas e de esquerda; as entidades representativas da sociedade civil, um conjunto de reivindicações que nos possibilite transformar a crise do Governo Collor em ponto de apoio para mobilizar o movimento social e viabilizar uma nova alternativa de governo para o País.

O PT colocava-se assim, como um partido de oposição ao Governo Collor, devendo as suas alianças, na linha seguida no documento, levar em consideração esse fato. No mesmo documento, é dito também que

O PT considera que as eleições de 92 também serão um importante momento de disputa com o projeto Collor, já que, apoiados numa política de alianças definida pelo Partido e na mobilização popular, podemos infligir uma derrota ao Governo Collor e a seus aliados locais.

Mas, por outro lado, esse PSDB tinha dado mostras de que iria se aliar ao Governo Collor. O jornal *O povo* diz o seguinte:

Uma aliança política entre o PT e PSDB visando às próximas eleições municipais é uma possibilidade que cada vez mais é descartada pelos petistas. Na proporção em que os tucanos mostram simpatia a uma composição política com o governo Collor ou mesmo quando deixam transparecer dúvidas sobre a sua postura de oposição mais se afastam do “campo democrático-popular” explícito no documento sobre tática eleitoral do PT para as eleições de 1992. Este documento já falava “no necessário enfrentamento das ambigüidades do PSDB e PDT em relação ao governo Collor”.

O presidente regional do PT, ex-deputado Ilário Marques, é um dos que mais perdem com a aproximação Collor-PSDB. Candidato petista à Prefeitura de Quixadá, Marques luta para conquistar o apoio dos tucanos que o tornaria um candidato praticamente imbatível. Ele ainda reluta em acreditar na adesão do PSDB ao governo e prefere esperar o resultado das discussões para se posicionar. Ele acrescenta que “a medida que o PSDB se alia a Collor engrossa a fileira do fisiologismo”, mas tenta deixar a brecha para receber o apoio tucano em Quixadá quando afirma que o PT vai reavaliar a questão a nível nacional e não localmente. (O POVO, 7.4.1992)

A questão, então, era polêmica, dando espaço para diferentes propostas. Naquele momento, a candidatura de Ilário Marques ficaria mais promissora se tivesse o apoio do PSDB, mas a forma de encarar essa aliança era diferente entre os petistas. Nessa mesma matéria, fala-se que Artur Bruno, vereador do PT em Fortaleza, diz que “o diretório nacional colocou o PT no arco de alianças por ser um partido de oposição e ‘caso se concretize a coalizão com a presença do PSDB esta decisão perde o sentido’”. Portanto, Artur Bruno posicionava-se contra essa aliança, se houvesse a concretização do apoio do PSDB ao Governo Collor. O secretário de formação do PT, na época, Geraldo Acioly, segundo o mesmo jornal, concordava com Artur Bruno. De acordo com o jornal, o então secretário “avalia que, concretizado o acordo do PSDB com Collor, o PT deverá elaborar uma nova resolução sobre tática eleitoral”. Já Mário Mamede, segundo o mesmo jornal, mostrava-se “simpático a alianças localizadas com os tucanos”. É interessante vermos a fala de Ilário sobre essa aliança. Ele diz o seguinte:

Nesse período, eu tava na presidência estadual do partido e fazia parte, era o principal expoente da tese de que o PT, para chegar ao poder, no caso, inclusive nacional, e com o Lula, o PT tinha que discutir um programa chamado... um programa com ideias, um programa democrático-popular e fazer uma aliança de centro-esquerda. Inclusive, por isso, eu fui muito discriminado no PT do Ceará, porque defendi que o PT não podia mais ficar um partido sozinho, isolado, então, nós não fazíamos aliança nem com o PDT. Então, que nós tínhamos que definir uma

política de aliança, atrair a esquerda pra fechar conosco, no caso o PCB, PC do B e tínhamos que atrair alguma coisa de centro, e, naquela época, uma das coisas de centro era o PSDB, que tinha se desvinculado do fisiologismo do PMDB. Então, o novo PSDB, o novo partido que tava surgindo, ele tinha essa característica social-democrática e de centro. Então, eu aqui no Ceará, defendia que então, uma das alianças nossas, e defendia junto com o Lula, nacionalmente, porque eu fazia parte da direção nacional, então, fazia parte da elaboração nacional do partido. (ENTR.19 – V. APÊNDICE)

Defender que o PT fizesse aberturas, com alianças pouco comuns para o partido era, ainda em 1992, correr o risco de sofrer discriminação. Uma aliança com o PSDB não poderia deixar de ser polêmica. Apesar de este partido se colocar em defesa da democracia e ter se aliado, momentaneamente, no segundo turno, à candidatura da Frente Brasil Popular, que tinha Lula como candidato em 1989 (BORTOLON, 2003, p. 2), divergia ideologicamente do PT, tendo ideias consideradas neoliberais. Sobre esse partido, criado em 1989, Paiva (2006, p.52), coloca que

Desde os seminários de fundação do PSDB, havia a idéia de rever o papel da sociedade, do Estado e do mercado num mundo em frenética transformação. As consequências da economia globalizada em um mundo livre das amarras da guerra fria e, sobretudo, marcado por novos canais de participação e de comunicação político-social conferem à opinião pública um novo dinamismo. Essas preocupações, embora sem muita clareza, já estavam presentes no ânimo dos fundadores do PSDB.

Um partido, portanto, que trazia novos discursos, procurando se diferenciar do PMDB, sendo que, para o mesmo autor, o nascimento do PSDB, “se dá inspirado pela percepção do PMDB como herança degenerada da era desenvolvimentista: que não estava sendo capaz de gerar uma saída clara e viável para o país”.

Próximo do início da campanha eleitoral de 1992, o PSDB em Quixadá ainda pensava em ter um candidato a prefeito do próprio partido para concorrer no pleito daquele ano. No dia 9 de abril daquele ano, uma matéria no Jornal *Tribuna do Ceará* disse que o PSDB continuava com “dores de cabeça para encontrar um denominador comum. Sua principal estrela é o deputado Everardo Silveira que parece estar disposto à não ser candidato dando oportunidade a nome [sic] novos que pretende ajudar como deputado estadual”. Everardo Silveira, que já tinha sido prefeito do município entre os anos de 1971 e 1973, era, naquele momento, deputado estadual pelo PSDB, e tinha apoiado na eleição de 1988 para prefeito o candidato Renato Carneiro, que, como falamos, perdeu aquela eleição para o Dr. Francisco Mesquita, tendo como vice, naquele ano, a esposa de Everardo Silveira, Marilac Silveira. Porém, dessa vez, em 1992, o tradicional político Everardo Silveira fazia parte do mesmo partido do Dr. Francisco Mesquita (PSDB), em lado oposto ao grupo de Aziz Baquit. Ainda

com relação a uma possível indicação de candidato próprio do PSDB, uma matéria do Jornal *Diário do Nordeste*, de 6 de junho de 1992, falava em uma “expectativa” gerada para a escolha do nome para concorrer pelo partido:

Sairá ainda esta semana o nome do candidato à prefeitura de Quixadá pelo PSDB. A demora na escolha do candidato tem gerado um clima de expectativa, pois são vários os nomes apontados para concorrer pela legenda. O nome sairá de uma reunião entre o Governador Ciro Gomes, o deputado Everardo Silveira, o prefeito Francisco Mesquita e o presidente do partido, vereador Silas Rabelo. “As negociações já estão bem adiantadas e a decisão não passará dessa semana”, garantiu o deputado Everardo Silveira.

O então prefeito Dr. Mesquita, que, segundo essa matéria, iria estar na reunião, tinha saído do PDT e ido para o PSDB, partido do governador Ciro Gomes. Dessa forma, era natural que o partido tivesse candidato próprio ao cargo majoritário. Na já referida matéria do *Tribuna do Ceará*, dizia-se que o “prefeito Francisco Mesquita quer a união de todos os partidos existentes em Quixadá para derrotar a [sic] Aziz Baquit, do PMDB que, por enquanto não tem adversários. É um contra todos e todos contra um”. Aziz Baquit ainda era um nome muito forte e popular em Quixadá, sendo que uma união entre vários partidos contra o ex-prefeito, era visto como tendo maiores chances de obter êxito. Gilberto Telmo era um dos nomes apontados para concorrer pelo PSDB, em Quixadá. Porém, o mesmo nos conta que apesar da muita insistência por parte de seus colegas de partido, preferiu não disputar a eleição, como cabeça de chapa. Gilberto Telmo, depois, acabaria aceitando a proposta de fazer parte, como candidato a vice-prefeito, da chapa que tinha Ilário Marques como candidato majoritário. Gilberto Telmo relata o seguinte:

Eu fui lançado candidato pelo PSDB enquanto dormia, numa noite aí qualquer, e tomei conhecimento desse lançamento da candidatura porque no dia seguinte eu fui acordado às 7 horas e fui levado pra Fortaleza pra encontrar o Mesquita, e encontrei o Mesquita lá no Cambé. E imediatamente eu fui introduzido, quer dizer, na sala do Arthur Silva Filho [...] se eu não me engano, ou era chefe de gabinete ou era alguma coisa parecida, do Ciro Gomes. E quando eu cheguei lá, já se encontrava o deputado Everardo Silveira, que ficou alegre com a minha presença, "cadê o homem? Concordou? Ele aceitou?" Eu digo: "Aceitou o que?". "Aceitou a ser candidato a prefeito pelo PSDB?" Eu disse: "não. Não aceito, não", e tal. Me levaram até o Ciro e eu continuei insistindo que não. Então, mandaram eu pensar e me levaram pra almoçar numa churrascaria [...] e à tarde, voltamos por volta de 3 horas e nessa segunda vez, eu disse... eu dei uma desculpa pra não subir a rampa no Cambé, e acabei, eu disse: "eu vou ao banheiro", e tal e inventei essa história, não subi a rampa, e eles ficaram me aguardando lá em cima, e eu fiquei lá em baixo esperando eles voltarem. Ainda me levaram até o Porto das Dunas pra uma ação lá. E lá tinha garçom, tinha bebida, tinha tudo, já tava tudo preparado pra comemorarem minha aceitação e eu não aceitei. Lá pelas tantas, chamaram o Gebson, filho do Amélio Amorim para propor que ele fosse candidato, ele se entusiasmou com a história (risos), e eu não sei porque a conversa ficou por aí, acho que ele não tinha cacife nenhum. E depois, lá pra 1 hora, eu pedi insistentemente que me trouxessem de volta pra casa e me trouxeram. Aí acabou a história de candidatura, não sou candidato. (ENTR. 6 – V. APÊNDICE)

Parecia, então, que esperavam muito que Gilberto Telmo aceitasse a candidatura, como se isso fosse algo muito sedutor. Porém, ele, então professor da FECLESC, entre outros motivos, sabia que “enfrentar o Aziz Baquit não era fácil”. Pareceu mais interessante ao professor ser vice numa coligação que estava sendo proposta, “pioneiramente”, entre PT e PSDB.

Sobre a aliança entre PT e PSDB, alguns entrevistados situam-na, de forma interessante em um contexto mais amplo do que o municipal. Cristiano Goes e Rinaldo Roger mencionam, inclusive, a possibilidade de uma aliança entre Lula e Tasso mais na frente. Cristiano faz referência às eleições para presidente que aconteceriam em 1994. Como o documento do próprio PT, em 1991, já tinha escrito, o partido continuava como “uma das forças políticas aptas a disputar as próximas eleições presidenciais” (I CONGR. NAC. PT, 2010, p. 1). No período daquelas eleições municipais, para quem tinha ido para o segundo turno da eleição anterior (1989), perdendo por pouca margem de votos, Lula parecia ter boas chances de ganhar as próximas eleições para presidente. Singer (2002, p. 92) diz, em nota de rodapé de seu trabalho, que “a hipótese de uma aproximação entre o PT e o PSDB foi discutida várias vezes entre 1989 e 1993”. Cristiano Goes e Rinaldo Roger falam da aliança entre PT e PSDB, cada um a sua maneira, indo além do nível municipal em suas explicações. Em relação a um comício da candidatura de Ilário, em que teve a primeira vinda de Ciro Gomes, para aquela campanha¹⁸, Cristiano diz que:

Essa coligação PT-PSDB, ela não era uma coisa isolada das discussões no país, já se pensava uma chapa Lula e um vice do PSDB, que poderia ser o então governador Tasso. Já se discutia, nas altas cúpulas do PT, uma aproximação desses dois partidos para uma união e uma chapa. O Lula tava liderando, em todas as pesquisas o Lula liderava, na época. Então, em 92 se discutia esse processo de aproximação desses partidos, Partido da Social Democracia Brasileira e o PT. Então, a coligação PT-PSDB, ela foi fechada e setores importantes do PT nacional queriam isso. Então, havia a ideia da Erundina vir, que era a prefeita de São Paulo, para o comício de lançamento, o governador viria... o Ciro, o Tasso, outras figuras do PT estadual e nacional, também estariam presentes. Como seria? Seria um grande evento, um grande marco, seria simbólico, certo? Esse comício (ENTR. 20 -V. APÊNDICE)

Gilberto Telmo, do PSDB, foi substituído pela professora Júlia Tavares, do PT, no meio da campanha eleitoral e a campanha do PT soube aproveitar o momento para, inclusive, dizer que a candidatura petista estava sofrendo perseguição pelos adversários, de modo que Júlia quase não tinha rejeição política.

¹⁸ Ciro Gomes veio para dois eventos ligados à candidatura de Ilário, sendo a última vinda dele na reta final da campanha.

[...] a campanha petista ia transmitindo a esperança de que, com Ilário no poder, haveria grandes mudanças em todos os setores e que sua administração seria muito diferente das outras administrações ocorridas no município. Esse sentimento de boa parte dos eleitores quixadaenses foi fator de máxima importância para a vitória petista em 1992. As outras candidaturas não se identificavam com esse sentimento de mudança, pois uma foi apoiada no início, pelo então prefeito Francisco Mesquita, e a outra procurava enaltecer a experiência de Aziz em administrar. Até o nome da coligação, “Experiência Comprovada”, não permitia a possibilidade de essa “experiência” ser identificada com um sentimento de inovação. (ARAÚJO, 2007, p. 78)

Não poderíamos tratar daquela campanha sem mencionarmos a importância do Comitê Jovem, que, segundo Ilário Marques, “foi uma novidade na campanha”(ENTR. 19). Esse comitê foi formado por alunos da FECLESC, que, com muita animação, empenho e criatividade, defendiam a candidatura de Ilário Marques, mesmo que a grande maioria não fosse filiada ao PT, o que mostra como aquela candidatura petista contava com apoios diversos, que as candidaturas anteriores do partido, José de Freitas Neto (1982) e Luiz Oswaldo (1988), não contaram. O Comitê Jovem, nas palavras de um dos seus integrantes, “era um movimento que encarnava a ideia de mudança da administração municipal” (ENTR. 20). Como a candidatura de Ilário conseguia transmitir a ideia de mudança, esses jovens universitários sentiram-se motivados a participar da campanha, de forma engajada, defendendo que Quixadá teria de passar por um grande processo de transformação, com novas práticas e formas de pensar. Para Cristiano Goes,

o Comitê Jovem viu no PT como o principal instrumento de mudança, que encarnava, na época, com a candidatura do Ilário, e a princípio do Telmo, depois da Dona Júlia. E carrou toda a sua energia, dos seus sonhos para aquele momento. Então, ele não tava mu... não era ideológico, partidário, era um movimento dos jovens que se uniram pra dizer um “não” e querer apostar na transformação do município de Quixadá (ENTR. 20).

Apesar de a candidatura de Ilário ser pelo PT, a ação do Comitê Jovem, realmente, como colocou Cristiano Goes, não era partidária, tendo sua motivação mais ligada à candidatura que mais se identificava com o desejo de mudança, naquele momento. Então, quando Cristiano diz que “o Comitê Jovem viu no PT como o principal instrumento de mudança”, isso é com relação ao fato de o partido ter a candidatura escolhida pelo Comitê, ou seja, a de Ilário Marques. Assim, o entrevistado fala em seguida, numa “encarnação”, “na época, com a candidatura do Ilário”, ou seja, que, naquele momento, o PT tinha uma candidatura que o Comitê achava que deveria apoiar por ser a mais condizente com os “seus sonhos”. Gilberto Telmo também fala do Comitê Jovem como um grupo que não era partidário, mas, “suprapartidário”. Assim, ele diz que “esse comitê, ele juntava gente de

tendências as mais diversas, de partidos mais diferentes, era suprapartidário esse comitê universitário. E esse comitê deu uma força muito grande” (ENTR.6)

Vejamos como Cristiano Goes fala da sua participação no Comitê Jovem, articulando com a formação do mesmo:

[...] eu tinha um sentimento de que a cidade tava... tava um desastre a administração, tava muito ruim, sem inovação, sem criatividade, sem renovação dos quadros e aí correu a possibilidade do Ilário ser candidato, eu não tinha relação nenhuma com ele, e nem nunca tinha votado, mas, eu disse: "rapaz, eu acho que tá na hora de mudar, eu vou me engajar nessa campanha, porque a cidade tá precisando, tá precisando de uma mudança nos seus quadros, na sua organização, é necessário pra cidade". Então, logo anunciou-se, eu já me apresentei como... me apresentei como pessoa a participar dos quadros. Tão logo... na inauguração do comitê eu já tava lá presente, pouca gente, nos primeiros comícios eu ia, pra tudo... Então, e aí iniciou-se, fui me inserindo dentro da campanha, [havia] momento que você tá presente todos os dias, então, você começa a estabelecer uma relação com as pessoas e a gente começou a atrair também nossos amigos, nossos com... as pessoas que tinham essa mesma identidade, que precisava haver uma modificação na cidade. Então, foram se juntando as mais diversas pessoas, [...] era um grupo que não era tão extenso não, eu acredito que em torno de 20, 20 e poucas pessoas. Mas, era um grupo de... que se reunia, se programava as atividades, era quem panfletava, era quem pregava cartaz, era quem animava nos comícios, é o que ia pra discussão, que fazia pesquisa, [era] um grupo de muita atuação, e no decorrer da campanha esse grupo de jovens, passou a ser... a ter uma participação muito forte e até ser reconhecido pelos candidatos [...] (ENTR. 18).

O Comitê Jovem foi se formando aos poucos, pelos estudantes da FECLESC. Mesmo não sendo muito numeroso, mas tinha um grande potencial de contribuir com uma campanha política, pela criatividade, inteligência e entusiasmo. Rinaldo Roger, na primeira vez que fala da campanha de 1992, em sua entrevista, menciona esse grupo de jovens, contextualizando a motivação do mesmo para se engajar na campanha:

Na verdade, em 1992, quando nós entramos na política, um grupo de jovens, de pessoas, de acadêmicos, de pessoas que vinham naquela onda, "o Brasil mudou, mude o Ceará". Então, se o Brasil mudou, o Ceará mudou, [digo], rapaz, [mas,]: "se o Brasil mudou e o Ceará mudou, vamos mudar o Quixadá". Então, nós nos engajamos naquela campanha de 92, com essa onda que veio de mudança no país, com mudança no Ceará, com aquela eleição do Tasso Jereissati, contra os coronéis, aquela coisa toda... Então, apesar de eu não ter votado no Tasso, naquela época, mas, veio naquela onda de mudança, e nós acreditávamos que poderia chegar aqui em Quixadá também e mudar aquela política, aquela prática política que vinha acontecendo ao longo já de muitas décadas (ENTR. 15).

O Comitê Jovem era tratado com respeito pelo candidato Ilário Marques, de modo que foi o Comitê que indicou o nome da professora Júlia, para substituir Gilberto Telmo, na chapa petista, ao olhar a lista de filiados do PT, sendo que, segundo Rinaldo Roger, Ilário Marques “nem conhecia a professora JúliaTavares”.

Cristiano Goes fala sobre essa indicação da vice, feita pelo Comitê Jovem:

[...] quando o Telmo é impugnado, perde, por questão burocrática, a candidatura, o candidato a vice escolhido, que foi a professora Júlia, saiu como proposta do Comitê Jovem. O Comitê Jovem "vamos ver quem é a relação dos filiados". Tinha que ser um filiado do PT, e nós identificamos na Júlia como uma referência, tinha sido minha professora, tinha sido professora de muitos dos que tavam ali no Comitê Jovem, e aí virou uma febre na cidade. "vai ser a Dona Júlia". E pegou, aí foi cancelado [...] (ENTR. 18)

O Comitê Jovem fez uma escolha, pensando na vitória nas urnas, ao escolher quem lhe parecia um nome que poderia “pegar”. Everton Lopes, um dos nossos entrevistados, disse ter previsto a vitória de Ilário Marques, quando da escolha de Dona Júlia:

[...] quando a Júlia [...] aceitou ser a vice na chapa do Ilário Marques eu cheguei a dizer: "o Ilário Marques ganhou a eleição". E realmente isso aconteceu. Porque a professora Júlia era uma pessoa carismática, uma pessoa que todo funcionário, todo aluno, todo professor, tinha muito apego a ela e tinha muita admiração por ela [...] (ENTR. 13).

Um momento marcante para o Comitê Jovem, foi quando a candidatura de Aziz Baquit resolveu fazer um churrasco, em comemoração ao aniversário deste político, convidando a juventude. O Comitê Jovem elaborou e distribuiu um convite para os jovens, como se tivesse sido elaborado por Aziz Baquit, mas, sem citar o nome de ninguém. Esse convite colocava de forma irônica o candidato adversário, como uma pessoa que estava convidando os jovens para o seu aniversário, apenas porque era ano de eleição. Devido ao tal convite, no evento da candidatura adversária, apareceram mais jovens do que o esperado, enfraquecendo a estrutura, e gerando certo desgaste, por conta da tentativa de explicação por parte de Aziz Baquit, no programa eleitoral. Gilberto Telmo fala desse acontecimento, de forma interessante:

[...] esse comitê deu uma força muito grande. Eu lembro que no aniversário do prefeito Aziz, do ex-prefeito falecido Aziz, foi distribuído, foi feita uma panfletagem na porta da escola..., do... colégio Virgílio Távora, convidando a todos os estudantes para o aniversário do Aziz. E esse... além da panfletagem, foi colocado um ônibus a disposição, pra que levasse esse pessoal pra festa do Aziz lá na chácara que ele tem aqui perto. E os alunos foram, subiram no ônibus e foram, e lá eles entraram, não podiam ser expulsos porque era período eleitoral, e lá [eles] entraram e se locupletaram e comeram e beberam à vontade. E isso trouxe muita indignação para o Aziz. Mas, muita indignação. Talvez, foi um processo de sabotagem bem idealizado. Bem idealizado, eu não tou me vangloriando disso, a ideia não foi minha, eu tou falando que quem idealizou isso, idealizou com muita competência, porque teve seu efeito de guerra psicológica, como uma guerra psicológica, que deixou o adversário irritado, e em campanha, isso aí é um fator importantíssimo que o adversário mantenha a serenidade. (ENTR 6).

É interessante vermos como Sousa (1997, p. 96) fala sobre os fatores que levaram à vitória petista, naquele pleito:

O Município saía de uma administração catastrófica do Dr. Francisco Martins Mesquita [...] o que gerou uma insatisfação popular. Aproveitando-se dessa situação e a apresentando uma proposta de governo voltada mais para os interesses populares, principalmente priorizando a saúde e a educação, o resultado foi a virada do poder.

O apoio dos estudantes e de uma parcela da burguesia comercial, insatisfeita com a crise econômica por que passava o Município; a adesão dos distritos e das comunidades rurais que reclamavam do seu isolamento da zona urbana; as reivindicações de infra-estrutura reclamadas pelas associações de moradores; o apoio dos sindicatos; esse conjunto de forças se somaram e tornaram segmentos decisivos para derrotar, nas eleições municipais de 1992 pela primeira vez, a oligarquia do gado e do algodão que sempre dominou o poder no município e na região do Sertão Central. Assim, o Partido dos Trabalhadores, saiu vitorioso, com o apoio do PSDB, elegendo a prefeito para o mandato de 1993-1996, o advogado Ilário Marques, com uma proposta inovadora de administração.

Houve também, contribuindo para a vitória petista, o fato de que algumas lideranças que apoiavam a candidatura de Dr. Ventura, vendo que este já não tinha mais chances de ganhar a eleição, passaram a apoiar a candidatura de Ilário Marques. Cristiano cita fatores que contribuíram para aquela vitória petista, sendo que ele coloca essa mudança por parte de lideranças, passando a apoiar Ilário Marques como deles:

Na reta final diversas lideranças... doutor Mesquita, Maria Moreira, o Damasceno, o professor Damasceno, que hoje está no PSB, várias lideranças, não todas, claro, passaram a trabalhar o voto útil no Ilário, pra ganhar a eleição, e isso foi outro fator decisivo pra eleição. Foram vários fatores pra o PT ganhar a eleição. Nova proposta, candidato aceitável, novidade, os dois vices, a juventude tá participando, mas, para a final... o apoio do governo do estado, o apoio do Ciro e na reta final esses últimos apoios que deram uma melhorada grande. E eu lembro bem de Juatama, uma mudança grande em Juatama, viu. O distrito de Juatama deu uma força decisiva pra eleição de 92, que ele votou maciçamente no candidato do PT, em 92, e foi em função dessas mudanças que aconteceram, das lideranças que passaram a pregar o voto útil na eleição, já que doutor Ventura não teria chance de chegar, embora tenha tido muito voto [...] (ENTR. 20).

Ilário também teve a sua disposição naquela campanha, uma pesquisa feita pelo Comitê Jovem sobre o que as pessoas da cidade achavam que precisava ser feito nos bairros onde elas moravam. Rinaldo Roger valorizou bastante essa pesquisa, em seu depoimento. Ele diz que “foi uma das melhores ações que aconteceram, naquele momento, naquele período, foi esse levantamento que nós fizemos e passamos para o Ilário”. (ENTR. 17) Essa pesquisa facilitava o direcionamento do discurso do candidato Ilário Marques, nos diferentes bairros da sede do município, onde se concentrava a maior parte do eleitorado do município. Cristiano Goes também valorizou essa pesquisa do Comitê Jovem, em seu depoimento, ressaltando que o próprio ato de fazer essa pesquisa “já era um *marketing* da própria campanha”:

[...] já era uma discussão, porque você ia com a camisa da coligação e passava a imagem pra população que esse candidato, ele queria saber o que a população queria, porque os outros nunca fizeram isso. Então, a gente já fez essa... aplicou tanto no sentido de saber o que o povo queria para colocar dentro do nosso plano de governo, como já era um marketing da própria campanha. Era uma estratégia boa, porque você entrava na casa do cidadão pra perguntar sobre o que ele pensava da cidade, o que ele pensava do bairro, o que ele queria, e tava lá, os aplicadores dos questionários, os pesquisadores, éramos nós, que já tínhamos um candidato. (ENTR. 18).

Tivemos acesso a materiais dessa pesquisa, o que nos proporcionou ver aspectos dela. O resultado da eleição foi o seguinte: Ilário Marques obteve 11.699 votos; Aziz Baquit (PMDB) obteve 11.235 votos; Antônio Ventura Correia (PL-PDT), ficou com 6.219 votos e José Lopes Dantas (PPS), obteve 458 votos. Foi uma vitória apertada, mas que mostra que o PT de Quixadá havia crescido no município, o que suscita questionamentos sobre as formas como este apresentava o PT, em geral.

3 O PT APRESENTADO COMO PARTIDO DE MASSAS, DE LUTAS, DEMOCRÁTICO E SOCIALISTA

Nos documentos do PT, afirma-se constantemente que o partido surgiu da necessidade dos trabalhadores de lutar contra a situação social que os oprimia. No Manifesto de Fundação do PT, sessão de 22 de março de 1980, logo nas suas primeiras palavras, diz-se o seguinte, com relação ao surgimento do partido:

O Partido dos Trabalhadores surge da necessidade sentida por milhões de brasileiros de intervir na vida social e política do País para transformá-la. A mais importante lição que o trabalhador brasileiro aprendeu em suas lutas é a de que a democracia é uma conquista que, finalmente, ou se constrói pelas suas mãos ou não virá. (SECRETARIA NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO, 1986, p. 3)

Portanto, essa é uma forma de apresentar o partido e o que o fez surgir, sendo que essa idéia de luta dos trabalhadores contra uma situação de opressão, que seria combatida com a participação desses mesmos oprimidos, vai estar presente em vários documentos do partido à nível nacional, durante o período analisado aqui (1980-1992). Argerich (2009, p. 53-4) faz colocações interessantes sobre o Manifesto que nos ajudam a entendê-lo melhor, situando-o no tempo:

O Manifesto do PT reflete vozes do seu tempo que representam o simulacro de sociedade existente, na contraposição ‘dominador/ explorador/ privilegiado’ frente a ‘dominado/ explorado/ não privilegiado’. O léxico traz essas e outras marcas que confirmam a heterogeneidade constitutiva do seu discurso, como saldo da luta entre a velha e a nova ideologia, ao atualizar contraposições dualistas próprias das análises do marxismo clássico (‘massas/ elites’, ‘oprimidos/ opressores’, ‘trabalhadores/ não trabalhadores’, ‘povo/ não povo’, ‘maioria/ minoria’, etc.

Podemos perceber, então, no discurso no Manifesto de Fundação, contraposições importantes que faziam parte de uma identidade partidária que estava se formando, com uma proposta nova, combativa e de princípios democráticos. No discurso do PT de Quixadá, também estão presentes esses elementos, sendo que poderíamos acrescentar aqui uma contraposição que também faz parte do PT nos níveis local (Quixadá) e o nacional, que é “patrões/ trabalhadores”. Desse modo, em um interessante documento do período de campanha eleitoral em 1982, do então candidato a prefeito pelo PT de Quixadá, José de Freitas Neto, um comerciante, diz que “os outros partidos são dos patrões” e “apenas se

servem da classe trabalhadora como escada para subir ao poder”¹⁹. No documento, percebemos uma maneira de apresentar surgimento do PT que vai ao encontro do que está escrito nesse trecho citado do manifesto de fundação do partido: “O partido dos Trabalhadores veio para organizar todos os trabalhadores, juntar todos de um só lado e, assim, democraticamente, levar a classe trabalhadora ao poder, agindo sempre pela decisão da maioria.” (V. ANEXO A).

Também está presente nesse discurso, a ideia de que os trabalhadores iriam intervir politicamente na realidade brasileira, de forma democrática, já que eles eram os únicos capazes de fazer com que a democracia passasse a existir de fato. Os trabalhadores, dessa forma, estariam no poder e as decisões seriam tomadas pela maioria destes. Assim, o surgimento do PT estaria ligado a uma reação dos trabalhadores diante de condições adversas, na busca de poder, sendo que este seria exercido de forma democrática.

No parágrafo do Manifesto de Fundação, logo depois daquele citado anteriormente, têm considerações sobre as circunstâncias do surgimento do PT, que são interessantes para as nossas reflexões:

A grande maioria de nossa população trabalhadora, das cidades e do campos, têm sido sempre relegada à condição de brasileiros de segunda classe. Agora, as vozes do povo começam a se fazer ouvir através de suas lutas. As grandes maiorias que constroem a riqueza da Nação querem falar por si próprias. Não esperam mais que a conquista de seus interesses econômicos, sociais e políticos venha das elites dominantes. Organizam-se elas mesmas, para que a situação social e política seja a ferramenta da construção de uma sociedade que responda aos interesses dos trabalhadores e dos demais setores explorados pelo capitalismo. (SECRETARIA NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO (Org.), p.3)

Nesse trecho, vemos uma apresentação das condições de criação do partido, como estando ligada às lutas dos setores oprimidos pelo capitalismo e à necessidade do “povo” de lutar para que a sua situação fosse modificada. Aí já é mostrada uma noção ampla de “povo”, incluindo não apenas os “trabalhadores”, mas também os “demais setores explorados pelo capitalismo”. No Manifesto de Fundação, vemos falta de clareza na forma como o partido

¹⁹ Discurso datilografado, de José de Freitas Neto, na campanha eleitoral de 1982, encontrado no arquivo do PT de Quixadá. Ele é numerado de caneta, possui três páginas e mais um parágrafo em outra página, de modo que é datado como sendo de 30 de outubro de 1982. Parece que depois de ele ter sido escrito, foi passado por uma revisão, pois, depois de muitos dos parágrafos, tinha um traço de caneta, além de correções de canetas em algumas palavras e frases. Também deve ser destacado aqui que, o discurso parece ter sido elaborado para ser falado em um comício, pois, no início do último parágrafo, ele diz o seguinte: “ainda teríamos muito a dizer, Companheiros, mas o comício tem de terminar logo porque vocês são trabalhadores e têm o que fazer”. Na correção que foi feita de caneta, ficou da seguinte maneira: “ainda teríamos muita coisa a lhes dizer, Companheiros, mas o comício tem de terminar logo porque nós somos trabalhadores e temos muito [não entendi] o que fazer”.

falava dos setores para os quais dizia que eram voltados seus interesses, de modo que se esforçava para não falar apenas nos “interesses dos trabalhadores”, apesar de sustentar uma “dimensão classista”²⁰. Angelita Duarte, uma militante petista no período analisado aqui, percebe que não existe, por exemplo, apenas um conceito de “trabalhadores” e de “povo”: “o povo é trabalhadores [...] a massa é o povo que participa” (ENTR. 7). Então, Angelita Duarte fez a discussão sobre esses conceitos, viu a complexidade que os envolve, sendo isso um ponto em seu depoimento que nos chamou a atenção.

No primeiro parágrafo já citado aqui, era colocado que o trabalhador brasileiro tinha aprendido que deveria construir a conquista da democracia pelas suas “mãos”. Então, a ênfase nessa afirmação era no trabalhador, o que poderia dar a ideia de que todos os oprimidos eram resumidos nessa categoria. Porém, no segundo parágrafo do Manifesto, que transcrevemos um pouco adiante, há uma divisão entre os “interesses dos trabalhadores” e dos “demais setores explorados pelo capitalismo”, não havendo, portanto, uma inclusão desses “demais setores” em uma categoria classista, que resumiria o conjunto dos oprimidos pelo sistema capitalista, como a categoria “trabalhadores”. Portanto, podemos dizer que existia abertura para mais de uma interpretação sobre o que o partido estava considerando como pertencendo à categoria “trabalhadores”, já que existia fortemente presente na forma como se apresentava uma ligação com os interesses dos considerados dentro desta.

Também está presente, nesse segundo parágrafo do Manifesto, a ideia de que os setores explorados “que constroem a riqueza da Nação” não podem mais esperar que as “elites dominantes” venham a atender interesses que não são os seus. Isso nos faz lembrar do referido discurso de José de Freitas Neto, pois, em um momento, este diz que:

Ou nós, os trabalhadores, nos unimos em torno de um Partido nosso, para chegarmos ao poder, ou irremediavelmente iremos viver na miséria, sem sermos donos do que produzimos, construindo mansões e morando em choupana, criando boi para o rico comer carne, sem podermos sequer, tratar de um dente. Só vamos mudar de vida, Companheiros, quando nós, os trabalhadores assumirmos o poder. Isso está provado pela História. O governo dos patrões é bom para os patrões, mas sempre foi e será péssimo para os trabalhadores²¹.

Está colocada a ideia de que os trabalhadores merecem que seus interesses sejam atendidos, pois é quem produz riqueza. Mas, para conseguir mudar a situação de opressão a que estão submetidos, precisam “assumir o poder”. Dessa forma, apesar de ser feito em uma

²⁰ “Dimensão classista” foi uma noção usada por Borges (*op. cit.*, p. 31).

²¹ Discurso datilografado, de José de Freitas Neto, na campanha eleitoral de 1982, encontrado no arquivo do PT de Quixadá (v. ANEXO A)

disputa pela prefeitura do município, ou seja, em nível local, esse discurso tenta convencer que essas questões levantadas servem não apenas para o município de Quixadá, mas para os lugares do mundo. No início do ano em que foi produzido esse discurso (1982), houve nos dias 27 e 28 de março, o II Encontro Nacional do Partido, em São Paulo (SP), de modo que, em uma resolução desse evento, intitulada “Plataforma Eleitoral Nacional: Trabalho, Terra e Liberdade”, vemos colocado algo sobre a luta dos trabalhadores no mundo, que vai ao encontro dessa ideia expressa no discurso de José de Freitas, de as questões levantadas por ele sobre os trabalhadores servirem para o mundo todo:

No plano internacional somos solidários com todos os povos que lutam por sua libertação. [...]
O PT apóia a luta dos trabalhadores de todo o mundo. [...]
Os trabalhadores e os povos oprimidos de todo o mundo lutam contra a opressão e a exploração. No entanto, a libertação só vai ser efetivamente concretizada com a construção do socialismo.

Na referida “Plataforma Eleitoral Nacional”, essas passagens fazem parte do item 11, intitulado “A luta dos trabalhadores é a mesma em todo o mundo”. O discurso de José de Freitas, portanto, passa essa ideia de uma luta semelhante no mundo todo, só que de forma não tão direta, como o PT faz nessa resolução nacional do seu segundo Encontro, que aconteceu apenas sete meses antes da data a qual é atribuída no documento municipal em que está o discurso do então candidato petista à prefeitura de Quixadá, ou seja, 30 de outubro. No documento intitulado “Programa”, que foi considerado pelo Diretório Nacional do partido, ao lado do “Estatuto”, do “Manifesto” e do discurso do então presidente do partido, Luis Inácio Lula da Silva, como sendo “documentos importantes para o filiado e militantes do PT” (SECR. NAC. DE ORG., 1986), quando há uma referência a uma “política internacional de solidariedade entre os povos oprimidos” (*ibid.*, p. 9), também vemos uma ideia equivalente a essa que também está presente na “Plataforma Eleitoral Nacional”, referida acima e no discurso de José de Freitas, qual seja, de semelhança de luta dos oprimidos no mundo todo. Uma diferença que notamos entre esse discurso de José de Freitas e o presente nas partes do Manifesto, citadas aqui, é que naquele existe a busca de convencer os trabalhadores sobre as questões levantadas no documento, pois eles ainda não teriam essa compreensão. Assim, não vemos um caráter de que os trabalhadores já estavam se conscientizando da sua situação e de como superá-la. Já nas partes do Manifesto, citadas aqui, vemos se falar em “lição aprendida pelo trabalhador brasileiro em suas lutas” (*ibid.*, p.3). Apesar de o discurso de José de Freitas Neto também concordar com a existência da necessidade de a democracia ter que ser

conquistada pelos próprios trabalhadores e não pelas “elites dominantes”, tal discurso não passa a ideia de que é essa “lição” que o trabalhador aprendeu. Portanto, o discurso do candidato do PT naquele momento parece-nos estar ligado a uma busca de convencer os trabalhadores e quem tivesse contato com essa ideia de que esse era o caminho a ser seguido. Talvez as palavras de “Freitinhas” tivessem esse caráter de busca de convencimento, pelo fato de se tratar de um momento eleitoral, no qual a conquista de voto fosse algo importante. O momento em que o Manifesto foi escrito não foi eleitoral. As palavras de José de Freitas Neto foram feitas na primeira eleição da qual o PT participou, em 1982, sendo que, diante das dificuldades de um processo eleitoral, muitos membros do partido, em todo o país, podem ter começado a perceber que a “lição” não tinha sido aprendida por grande parte dos trabalhadores, o que, dentro dessa hipótese, traria a necessidade de reconhecer isso no discurso, buscando falar em tom de convencimento dos eleitores, reconhecendo o que estava diante da realidade exposta, qual seja de que o “povo oprimido” ainda não teria aceito a essas ideias petistas. Também temos que atentar para o fato de essas palavras do petista terem sido produzidas aproximadamente 2 anos e meio depois da elaboração do Manifesto, embora não percebamos nenhuma mudança significativa nas linhas gerais do partido em relação a esses dois períodos. São questões ligadas ao surgimento do partido e devemos nos deter um pouco sobre esse ponto.

No Ceará, nos primeiros anos, o partido foi marcado por um forte conflito interno, relacionado ao período em que o jornalista Francisco Auto Filho era o presidente da agremiação. cremos que, no Ceará, o partido teve dificuldades para se desenvolver, tendo Francisco Auto Filho e membros da oposição à direção da agremiação no estado versões diferentes sobre isso. Para entendermos a versão que defende o então presidente do partido no estado, vejamos o que diz o jornal *O Povo*, de 17 de março de 1981, em uma manchete com o título “Dificuldades do PT”:

O êxodo rural, motivado pela seca, vem causando prejuízo ao Partido dos Trabalhadores, sobretudo no que diz respeito à filiação partidária, conforme disse o Presidente da agremiação, jornalista Francisco Auto Filho.

Explicou que isso decorre do fato de que a grande maioria dos filiados é composta de trabalhadores rurais e estes são exatamente os que emigram para os grandes centros urbanos.

Adiantou o Presidente do PT que caso não sejam adotadas medidas que assegurem a fixação do homem no campo, o PT encontrará grandes dificuldades para compensar a queda no índice de filiação, motivada pelo êxodo rural. Com a perda de filiados, o Partido dos Trabalhadores poderá não atingir, quando da realização de suas convenções municipais, o percentual de comparecimento exigido pela Lei Orgânica dos Partidos Políticos.

Então, claramente, o presidente associa as dificuldades do PT ao êxodo rural, impulsionado pela seca, levando em consideração o grande número de filiados que eram trabalhadores rurais, o que poderia atrapalhar as exigências da Lei, relacionadas às convenções municipais. A mesma lei diz que os partidos devem formar diretórios em, no mínimo, 20% dos municípios em cada Estado para obter o registro.²² Como o PT ainda era um partido pequeno, que estava se formando, era bastante natural que houvessem preocupações quantitativas, no sentido de cumprir exigências legais. Não vemos nessas colocações de Francisco Auto, expostas no Jornal, uma forma de se referir ao partido mencionando princípios básicos deste, embora não descartemos a possibilidade de, nessa entrevista, haver alguma colocação nesse sentido, que o jornal possa ter preferido não colocar. Nas palavras do redator (caracterizado no jornal como “substituto”) Paulo Tadeu, vemos a menção a um “programa capaz de atrair adeptos, sobretudo no meio do operariado”, mas, não é dito o porquê dessa “capacidade”, nem o motivo do “meio do operariado” ter possíveis adeptos.

Com relação a essas dificuldades do PT, apontadas por Francisco Auto, o jornal também fala de uma recomendação feita por este, no sentido de “proporcionar uma garantia mínima para registro do partido no Ceará”:

[...] Francisco Auto Filho recomendou aos órgãos internos do PT, que intensifiquem a formação de comissões provisórias municipais nas cidades pouco afetadas pela estiagem. Como, segundo ele, a mensagem partidária vem obtendo “grande receptividade entre os trabalhadores rurais, talvez não seja difícil minimizar os efeitos negativos causados pelo êxodo rural em municípios onde já estávamos bem enraizados”. (O POVO, 17/03/1981).

O então presidente fala do sucesso que o PT vinha tendo em alguns municípios, mas não é colocada nessa matéria a sua opinião sobre o porquê dessa boa receptividade ao partido, mesmo que eventualmente ele tenha explicado na reportagem. Na fala de Francisco Auto, a colocação “talvez não seja difícil minimizar os efeitos” serve, no seu discurso, para reforçar uma ideia de uma grande dificuldade do PT frente ao êxodo rural, pois está ligado, pelo menos na sua fala, a uma ideia de dúvida das possibilidades do partido, mesmo em municípios onde este estava, na sua versão, “bem enraizado”. Devemos deixar bem claro que estamos apenas falando aqui da forma como foi exposta a versão de Francisco Auto, na reportagem, e não falando de indícios sobre a veracidade ou não desta. Francisco Auto também fala de outra dificuldade atravessada pelo partido. No jornal, diz o seguinte:

²² Nova Lei Orgânica dos Partidos Políticos, que era a Lei nº 6767, de 20/12/1979.

Outra grande dificuldade que o PT enfrenta é de ordem financeira. “As finanças do partido sempre foram frágeis, pois refletem a situação econômica dos trabalhadores cearenses. Isso constitui um sério impedimento para o nosso crescimento no Estado e, se não forem encontradas soluções criativas para superar esse desafio, correremos o risco de não cumprirmos o prazo estabelecido pela direção nacional para realização das convenções municipais” (O POVO, 17/03/1981).

Nesse trecho da reportagem, o redator não usa expressões que indicam tratar da opinião de Francisco Auto, como “conforme disse”, “explicou”, “adiantou”, “recomendou” e “segundo ele”. Dessa vez, a forma como as palavras são usadas na matéria mostram uma postura de conformidade com as colocações de Francisco Auto, de modo que há afirmação nas palavras do redator quando é dito que “outra dificuldade que o PT enfrenta é de ordem financeira”, vindo, em seguida, as colocações de Francisco Auto entre aspas. Se o redator do texto concordava com as colocações do então presidente, transcritas nos trechos anteriores, como expressava concordar com essa última colocação, não afirmamos aqui. O que podemos dizer aqui é que cremos que, de fato, havia dificuldade financeira sentida pelo partido em todos os níveis nos seus primeiros anos de existência. Em Quixadá, durante o período estudado, essa dificuldade financeira era muito forte e iremos mostrar agora algumas palavras que indicam isso, surgidas em momentos diferentes. Miguel Peixoto, um militante do PT muito atuante e de presença muito marcante no partido na década de 1980 e início da década de 1990, diz o seguinte em uma entrevista à pesquisadora Francisca Elenir de Oliveira Alencar, em 17 de março de 2004:

[...] Partido de pobres, diferente de hoje. Um partido pobre porque vivia da contribuição mínima dos seus filiados, então com muita dificuldade pra...Pra pagar aluguel, pra cobrir despesas de campanha, por mínima que fosse, então sempre apelando para formas populares de fazer finanças, como bingo, rifas, etc. Então, tinham nesse aspecto muitas dificuldades, né? [...] (ALENCAR, 2009, p. 18).

O PT de Quixadá usava como táticas para minimizar as barreiras financeiras medidas chamadas por Miguel Peixoto de “populares”. Na reunião do diretório municipal do PT de Quixadá, de 31 de maio de 1988, próximo ao período eleitoral oficial, relacionado à disputa para prefeito e vereador, uma das questões comentadas era sobre o que já tinha sido feito pelos pré-candidatos a vereador com relação à campanha. Na ata dessa reunião, ficou escrito que:

[...] todos candidatos reafirmaram o engajamento na campanha e as candidaturas a vereança, com relação a finanças alguns candidatos já estão fazendo rifas, bingos para angariar fundos no sentido de custear a campanha. Alguém já se queixa que algumas rifas não estão sendo muito rendosa, mas mesmo assim obedecendo os

critérios estabelecidos em outras reuniões, os quais estão lavrados em atas anteriores²³.

Mesmo fazendo bingos, rifas e outras coisas, algumas vezes não eram “muito rendosas”. Depois da campanha eleitoral de 1988, um documento do partido avaliou pontos problemáticos, que teriam dificultado um melhor desempenho do PT. Destacamos os relacionados às questões financeiras:

Falta trabalho de base, falta transporte para o nosso deslocamento para os lugares mais distantes, sem acesso aos carros de horários;
Precisa-se criar uma infra-estrutura para reativar os núcleos existentes e criação de novos núcleos;
[...] O partido se encontra bastante individado e somos nós mesmos do PT que temos que descobrir um meio de pagar os débitos do PT²⁴.

Para um partido que defendia a existência de um “trabalho de base”, sofria com a falta de recursos financeiros. Nessa campanha de 1992, o PT de Quixadá ainda tinha poucos recursos, nesse sentido. Isso fazia com que eleitores de Ilário, naquele pleito, ficassem carentes de material de campanha, como aponta a entrevista com Rinaldo Roger:

Quando a campanha começou a crescer, todo mundo queria uma foto do Ilário, todo mundo queria um jornalzinho do Ilário, um adesivo. Então, sempre que podíamos, nós dávamos uma geral, escolhíamos um bairro: "olha, hoje nós vamos panfletar o bairro do triângulo". Então, tirava ali uma geral, todo mundo panfletava, imediatamente, pregava cartaz, colocava debaixo da porta, convite, adesivo, cartazes, porque a população estava pedindo, cobrando, material de campanha, que nós tínhamos pouco, porque a nossa campanha era muito pobre (ENTR. 17).

Mas, depois que mostramos fontes que indicam a existência da dificuldade financeira do PT de Quixadá no período analisado no nosso trabalho, é hora de voltarmos para a versão do então presidente do PT no Ceará, Francisco Auto, relacionada às dificuldades para que o partido se desenvolvesse no estado.

Depois de ter falado da dificuldade financeira do partido, citando palavras de Francisco Auto, é feita na referida matéria sobre as “dificuldades do PT”, para finalizar, uma análise da situação:

Como se vê, as perspectivas do PT não são nada alvissareiras, pelo menos a curto prazo. Falta-lhe estrutura mínima para a sua organização a nível estadual. Muito embora tenha ele um programa capaz de atrair adeptos, sobretudo no meio do operariado, carece de nomes que, por tradição ou por curriculum vitae, detenham a

²³ Ata da reunião do Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores-PT de Quixadá, de 31 de maio de 1988. Arquivo do PT de Quixadá.

²⁴ “Avaliação da campanha municipal do PT/88”, 28. 11. 1988. Arquivo do PT de Quixadá. Depois da cidade e da data de onde partiu esse documento, está escrito em baixo: A SECRETARIA.

confiança do eleitorado. Em outras palavras: a agremiação ressenha-se da ausência das chamadas “raposas” ou “medalhães” com os quais a massa eleitoral já se acostumou a conviver.

Essa necessidade poderia, acreditamos, ser sanada pela presença de “figurões” dispostos a desembolsar recursos financeiros para ajudar a erguer o partido. Caso isso não ocorra, salvo melhor juízo, dificilmente o esforço do presidente será compensado. Afinal de contas, “uma andorinha só não faz verão”. (O POVO, 17/03/1981)

O “como se vê” nas palavras do redator indicam-nos claramente que foram tomadas as palavras de Francisco Auto como referência para o diagnóstico da situação do PT no Ceará, relacionada às suas dificuldades. É interessante notar que, nessa análise, a vitória eleitoral é vista de uma forma que não combina muito com as intenções do partido presentes no seu Manifesto de fundação, pois neste diz que:

Somos um Partido dos Trabalhadores, não um Partido para iludir os trabalhadores. Queremos a política como atividade própria das massas que desejam participar, legal e legitimamente, de todas as decisões da sociedade. O PT quer atuar não apenas nos momentos das eleições, mas, principalmente, no dia-a-dia de todos os trabalhadores, pois só assim, será possível construir uma nova forma de democracia, cujas raízes estejam nas organizações de base da sociedade e cujas decisões sejam tomadas pelas maiorias (SECRETARIA NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO, p 1986, p 4).

Portanto, no Manifesto, o período eleitoral é apenas um dos momentos em que o PT atua, e também não é tido como o principal, pois o partido deve atuar “principalmente, no dia a dia de todos os trabalhadores”. Também na Carta de Princípios do partido diz-se que “o PT proclama que sua participação em eleições e suas atividades parlamentares se subordinarão a seu objetivo maior, que é estimular e aprofundar a organização das massas exploradas” (COM. NAC. PROV. DO PART. DOS TRABALHADORES, 1979). Alguns anos depois da produção dessa Carta e do Manifesto de Fundação, o boletim *A Luta* do PT de Quixadá também apresenta o partido, com uma reflexão da relação deste com as eleições, de forma um tanto semelhante à presente nestes dois documentos nacionais:

O Partido dos Trabalhadores se caracteriza pela luta no fortalecimento e organização da classe trabalhadora, buscando uma sociedade igualitária, sem explorados nem exploradores. [...]

Seu fim não é eleitoreiro, mas reconhece que esse é um dos caminhos que deve trilhar para conseguir objetivos maiores. [...]

É preciso que se alarguem os caminhos, que ocupemos todos os espaços e lutemos para ter nossos representantes (gente da nossa classe) nos diversos setores políticos. Sintamos que isto não tem fim em si, mas faz parte de uma luta muito mais ampla (A LUTA, 15/02/1986).

Esse número do boletim *A Luta* é do início do ano em que iriam ocorrer as eleições constituintes. Então, a preocupação em mostrar que, para o PT, as eleições “não têm fim em

si”, pois o partido tem objetivos que a ultrapassam e articula-se com a necessidade sentida de falar da importância que estas têm para as lutas dos trabalhadores. Dessa forma, ao mesmo tempo em que existe a intenção de ressaltar a forte ligação do partido com a organização dos trabalhadores nas suas várias lutas, no sentido de combater a situação de opressão a que estão submetidos, também se faz presente, naquele momento, a necessidade de destacar a importância das eleições para que os espaços sejam ocupados pela luta por uma sociedade mais “igualitária”. Mas, mesmo que esta importância das eleições seja ressaltada nessa matéria, não deixa de existir nela a forte consideração de que isso faz parte da luta por “objetivos maiores” e “de uma luta muito mais ampla”. Já nas palavras que fazem parte dessa análise presente na matéria do redator Paulo Tadeu, é dado muito destaque à conquista de confiança do “eleitorado”. A conquista deste, nas palavras do redator, teria mais possibilidades de acontecer se o partido não carecesse da presença de personagens “com as quais a massa eleitoral já se acostumou a conviver”. Enquanto no texto do Manifesto, é destacado o papel das “massas que desejam participar, legal e legitimamente, de todas as decisões da sociedade”, no texto do redator, o destaque é para sujeitos capazes de ganhar a “confiança do eleitorado” e pessoas dispostas “a desembolsar recursos financeiros para ajudar a erguer o partido”. O presidente, no discurso do redator, é visto como uma pessoa esforçada, consciente do que o partido precisa e que busca o desenvolvimento deste.

Mas, a versão da oposição à direção da agremiação no Ceará, relacionada às dificuldades para que o PT se desenvolvesse no estado é diferente da versão de Francisco Auto. Em um documento intitulado “A história do PT no Ceará”, composto de dois textos, um datado em 05 de julho de 1981 e o outro, um “Em tempo”, ou seja, que foi acrescentado depois desse dia (datado de 24 de agosto de 1981), a autodenominada: “Oposição a Comissão Regional destituída”, fazem-se severas críticas à forma como Francisco Auto tinha conduzido os trabalhos na direção Regional do PT no Ceará. Nas palavras dessa oposição, acreditava-se que “está cumprindo um dever partidário quando tomamos a iniciativa de denunciar os inúmeros absurdos e desmandos que vinham acontecendo no PT no Ceará”²⁵. Em seguida, apresenta aspectos da proposta do PT:

²⁵ “Oposição à comissão regional destituída”. **História do PT no Ceará**, datado de 05 de julho de 1981 [05 de agosto de 1981?], p. 1. Material do PT de Quixadá. Apesar da referida data, acreditamos que provavelmente a data correta é 05 de agosto de 1981, sendo que é comentado, entre outras coisas um acontecimento de 03 de agosto daquele ano: “Destituído em 31 de julho, sexta-feira, o mesmo, aproveitando-se da natural demora do TSE em comunicar ao TRE sua destituição, no dia 03 de agosto, segunda-feira, assinou um ofício solicitando ao TRE que a Convenção do dia 16 fosse cancelada. Felizmente, tal solicitação, não foi aceita pelo Tribunal”.

Como sabemos, a proposta de construção do PT tem conquistado a simpatia e o apoio de um contingente cada dia maior dos trabalhadores brasileiros, o que nos leva a concluir que haveremos de ter um grande partido.

Este fato é motivo de alegria. Mas, ao lado desta alegria vem as preocupações, uma vez que, o inevitável crescimento do PT desperta as ambições dos carreiristas e oportunistas que vêem no Partido um excelente leito onde poderão desaguar suas ambições.

O PT é válido, sim. O PT é um marco na história dos trabalhadores brasileiros porém, tem que se conservar, a qualquer custo, fiel a sua proposta inicial: um Partido das massas exploradas e oprimidas, aberto, democrático, voltado para a luta pela libertação das classes trabalhadoras. Caso contrário, se transformará num monstro que haverá de devorar as esperanças despertadas com as garras da demagogia, da manobra, do aparelhismo. (ibid., p.1)

A oposição considera aqui, Francisco Auto como um “carreirista” e “oportunista, que possui “ambições” que podem atrapalhar os princípios partidários. Já percebemos, nessa passagem, uma busca de ter um discurso coerente com o que dizem os documentos nacionais, quando é mencionada a necessidade de um “Partido das massas, exploradas e oprimidas, aberto, democrático, voltado para a luta pela libertação das classes trabalhadoras”. Essa citada passagem está de acordo com o Manifesto, possuindo um item que tem o seguinte título: “Por um partido de massas”, no qual diz que “o PT pretende ser uma expressão política de todos os explorados pelo sistema capitalista”. (SECRET. NAC. DE ORG., 1986, p. 4) Assim, Francisco Auto é colocado por essa sua oposição, como um “oportunista”, que não está de acordo com a linha política nacional. Desse modo, para essa oposição, Francisco Auto teria práticas que não faziam parte da identidade partidária. A oposição justifica sua opinião narrando fatos que ela atribuía à Direção Regional, e que tinha sido destituída recentemente, tendo ela, nas palavras dessa oposição: “toda uma prática que entrava em frontal conflito com os princípios do Partido, provocando terríveis distorções”. Nesse mesmo texto, essa oposição, em seguida, passa a narrar fatos que, em sua colocação, teriam acontecido e que entrariam em “conflito com os interesses do Partido”:

“1. A comissão Regional foi escolhida num encontro realizado em abril de 1980 num sítio fora da cidade onde alguns delegados só puderam saber o local quinze minutos antes da hora marcada numa situação de absurda semi-clandestinidade que revelava o propósito do coordenador sr. Francisco Auto, de manobrar o resultados desse encontro.

2. Nesse encontro, a imensa maioria dos participantes não se conheciam entre si e, muitos deles, participaram de uma reunião do Partido pela primeira vez.

3. Dizia-se que existiam dez 10 (dez) núcleos representados o que era totalmente falso, havendo apenas 3 (três) núcleos formalizados e, assim mesmo, eram os que se opunham ao encaminhamento dado pelo coordenador.

4. Onze nomes escolhidos pelo citado cidadão foram propostos para compor a Comissão Regional Provisória o que foi acatado pela maioria, apesar dos protestos de alguns companheiros.

5. Dos onze nomes escolhidos, três sequer chegaram a assumir, havendo entre estes um que na ocasião era vereador pela ARENA e hoje é filiado ao PDS. A inclusão do

seu nome, apesar da sua ausência, fazia parte de uma manobra do coordenador para ganhar o vereador (bom de voto) para as hostes do PT, ou mais precisamente, para seus propósitos eleitoreiros (OPOSIÇÃO, 05/07/1981, p.1)

Tratando-se de um partido como o PT, que tinha uma proposta a favor de uma democracia ligada às massas, em que as decisões partissem da base, sem oportunismo, as palavras da referida oposição eram adequadas à identidade partidária, sendo que se tivesse sido comprovado que a Comissão Regional foi escolhida da maneira como foi narrada pela referida oposição aqui, seriam então, consideradas práticas que estavam em desacordo com o que dizia os documentos do partido. Depois de ter falado da forma como a referida comissão foi escolhida, comenta-se em seguida, no mesmo texto, sobre o que aconteceu depois desta escolha:

É oportuno acrescentar que essa Comissão durante um ano e meio de sua existência reuniu-se apenas três vezes, ficando a Direção do Partido reduzida a Executiva sobre a qual o Sr. Francisco Auto tinha absoluto controle.

Depois de escolhida a CDRP a nível do Estado e referendada pela Direção Nacional, o citado cidadão deu inúmeros testemunhos do seu propósito em manter o Partido fechado temendo que a abertura da agremiação pudesse ameaçar o seu domínio.

Vários foram os companheiros que pretenderam ingressar no Partido e esbarraram nas dificuldades formais impostas pelo então Presidente. Por outro lado, nenhuma iniciativa era possível desde que não tivesse sob seu estreito controle. (OPOSIÇÃO, 05/07/1981, p.2)

A oposição, dessa forma, fazia graves acusações a Francisco Auto, pois atribuída a este práticas que não eram condizentes com o discurso do seu partido que se apresentava fortemente como democrático, e que dizia no seu Programa que “nele quem manda são as bases” (SECRET. NAC. DE ORG., 1986, p. 2), sendo que foi atribuído àquele a busca de controle do PT no Ceará, não deixando que houvesse uma democracia interna. Assim, essa oposição diz no texto, que Francisco Auto demonstrou várias vezes ter procurado manter o partido “fechado”. Se isto fosse comprovado seria uma prática contrária ao que dizia o Manifesto do PT, sendo que este falava no desejo de que o partido fosse “amplo e aberto a todos aqueles comprometidos com a causa dos trabalhadores e com o seu programa”. (*id.*, p. 4) Como podemos ver existiu essa divergência no surgimento do PT no Ceará. São aspectos relacionados ao surgimento do partido, sendo importante nos determos agora um pouco sobre aspectos dos seus primeiros anos de existência.

Nos trabalhos historiográficos que trataram do PT local, dando suas valiosas contribuições para a história do partido, (FREITAS NETO, 2000; ALENCAR, 2009) esteve presente um capítulo (dos quatro do trabalho completo de cada um) falando especialmente sobre o surgimento do PT no município. Nós também não poderíamos deixar de refletir sobre

o surgimento da agremiação em Quixadá, atentando para o fato de que este processo não poderia estar desvinculado de aspectos sociais que se constituíram historicamente. Também não podemos deixar de relacionar esse surgimento do PT local com o surgimento do PT nacional, buscando fazer comparações e encontrar relações entre esses dois níveis: o nacional e o local.

Podemos falar aqui que o PT surgiu ligado à luta dos “novos sujeitos”, tendo esta surgido no período de transição para a democracia, ou seja, em meados da década de 1970, terminando de forma definitiva em 1989 com as eleições diretas para presidente da república. (NUNES, 2004) Concordamos Chauí (*apud* NUNES, *ibid.*, p. 21), de modo que segunda esta, existem quatro motivos para a designação “novos sujeitos”: em primeiro lugar, eles estariam ligados à prática dos movimentos sociais do período, de modo que essa prática os oporiam como sujeitos sem que alguma teoria prévia os houvesse formado ou denominado; segundo, tratar-se-ia de um sujeito coletivo e descentralizado; terceiro, embora coletivo, esse sujeito não se apresentaria como portando uma universalidade que seria “definida a partir de uma organização determinada que operaria como centro, vetor e *telos* das ações sociopolíticas e para qual não haveria propriamente sujeitos, mas objetos da máquina organizadora” (*id.*, *ibid.*); quarto, estes sujeitos estariam ligados à defesa da autonomia dos movimentos sociais, tendo, dessa forma, uma tendência de rompimento com a tradição da tutela e da cooptação, havendo um exercício constante da política em novos lugares criados por esta. Esse quarto motivo é particularmente interessante, visto que é revelado pelos outros motivos, de modo que podemos perceber a forte presença da defesa da autonomia dos movimentos sociais nos discursos do PT presentes nos documentos deste.

Ligado a essas questões, foi muito marcante, no surgimento do PT, o chamado “novo sindicalismo”. Para Borges (2008):

Ativistas do, então, adjetivado, novo movimento sindical construíram o setor mais influente na modelação dessa nova proposta político-partidária.

O novo sindicalismo surgiu em fins dos anos 70, no seio da moderna indústria automobilística instalada em São Paulo. Logo se espalhou para outros ramos profissionais, no curso da intensificação do assalariamento e da redução do poder aquisitivo dos setores de classe média, agravada por uma situação econômica recessiva, de baixos salários e elevada inflação. É chamado novo sindicalismo porque este segmento do movimento sindical não apenas se permitiu, mas se incumbiu da tarefa de romper com o modelo burocrático-assistencial imposto pela CLT e revigorado pelos governos militares. Além disso, procurava fazer com que o sindicato incorporasse as pressões das bases enquanto fomentava entre estas um espírito de luta e combatividade. (p. 32-3)

Já podemos perceber, então, um movimento ligado às bases, de cunho reivindicativo, relacionado à busca de autonomia sindical e não atrelamento ao Estado. No seu trabalho historiográfico sobre o PT de Quixadá, Alencar (2009), que procura fazer uma análise de etapas e desafios que o partido enfrentou no início de sua formação, sendo que faz isso com atenção especial à visão de seus fundadores com relação à importância de seu surgimento, com recorte cronológico que vai de sua fundação em 1980 até 1988 (ano em que o PT Quixadaense elege o seu primeiro vereador), dar ênfase na percepção do partido como ligado a uma lógica de ruptura com as práticas políticas partidárias predominantes no município (ALENCAR, op. cit.). Em um parágrafo do capítulo em que trata especialmente do surgimento do partido no município, a autora diz que:

O processo de construção do PT em Quixadá começa no ano de 1981 e vai da cidade para o campo. Surge a partir de um pequeno grupo de trabalhadores, que resolvem se unir em torno de uma proposta política, voltada para o interesse da classe trabalhadora. Inicialmente a frente dessa proposta de formação do partido dos trabalhadores quixadaense está um ilustre representante da oligarquia agro-industrial, o bioquímico e ex-prefeito de Quixadá, o Sr. José Baquit. Mesmo sendo membro da oligarquia local, Zé Baquit, era também conhecido no universo popular, como “o pai dos pobres”, em alusão a Getúlio Vargas e em decorrência de suas práticas políticas que tinha um “componente populista”, enquanto esteve à frente do executivo local. (*op. cit.*, p. 13)

Então, além de falar do grupo ligado ao interesse da classe trabalhadora na formação do PT Quixadaense, a autora comenta sobre a contraditória presença de José Baquit, irmão de Aziz Baquit, no partido no seu início. Contraditória porque, mesmo ele tendo ideais socialistas, logo saiu do partido, visto que, quando houve a eleição de 1982, no qual Aziz Baquit concorreu ao cargo de prefeito, José Baquit preferiu ficar do lado do irmão, não defendendo a candidatura petista de José de Freitas Neto, primeiro candidato a prefeito pelo PT. Mas, José Baquit teve realmente uma presença destacada no processo de formação do PT de Quixadá, sendo esta presença ressaltada por entrevistados na pesquisa. Luiz Oswaldo fala que recebeu um convite de Zé Baquit para participar do PT, quando ele recusou “um pouco a entrar” (ENTR. 5) no partido. Ele conta que Zé Baquit “esteve aqui, formou um grupo. Ele que formou... criou o PT aqui... com os pioneiros... tipo o Freitinhos, e outros”. (ENTR. 5) Everton Lopes também falou da importância de Zé Baquit para o surgimento do PT de Quixadá:

Olha, o Partido dos Trabalhadores aqui em Quixadá, ele teve a ideia de ser fundado pelo ex-prefeito de Quixadá, José Baquit. José Baquit, ele foi prefeito do Quixadá, foi um prefeito que sempre teve essa tendência de ficar ao lado do menos

favorecido, ele teve oportunidade e quando ele teve, ele ajudou muito gente no Quixadá, principalmente, como eu já disse, o menos favorecido. E o Zé Baquit foi quem teve essa ideia de trazer o PT aqui, pra o nosso município. Mas, o Zé Baquit, ele não podia dar aquela assistência, porque ele não residia mais aqui em Quixadá, e daí ele lançou essa semente, e através dessa semente, algumas pessoas deram prosseguimento a essa ideia, ao Partido dos Trabalhadores. (ENTR. 13)

Sabendo dessa presença de um irmão de Aziz Baquit no PT de Quixadá, alguém pode pensar que o partido no município não tinha um discurso que seguia a linha do discurso do PT nacional, pois este tinha uma clara proposta de defesa dos interesses da classe trabalhadora, separando estes dos interesses dos patrões. Mas, na verdade, o que se percebe tendo contato com os discursos escritos do PT de Quixadá é uma compatibilidade, de uma maneira geral, com os discursos do PT nacional e os princípios deste. As formas de apresentar o PT pelas duas instâncias acompanham essa compatibilidade. No discurso de José de Freitas Neto, na campanha de 1982, por exemplo, o PT é apresentado como um partido que buscava levar os trabalhadores ao poder, de forma democrática. Essa forma de apresentar o PT está de acordo com o que diz o Manifesto de Fundação do partido em nível nacional, citado aqui, pois defende a necessidade de os trabalhadores estarem à frente das decisões. O PT é, então, apresentado como um partido diferente dos outros, ligado aos interesses do “povo trabalhador”.

Esse “diferente” também tem o caráter de “novidade”. Isso é muito marcante na forma de o PT Local apresentar o PT. Em uma carta na qual o PT de Quixadá se dirige aos jovens do município, fazendo campanha para Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do partido à Presidência da República, também está presente esta forma de apresentar o PT como uma novidade, sete anos depois da campanha do Freitinhos em 1982. Na carta, intitulada “Carta do PT aos jovens de Quixadá”, o PT é apresentado como “a única coisa nova da Política Brasileira”, e como um partido que “confia na juventude”²⁶. Não vemos no discurso do PT de Quixadá presente nessa carta uma diferença significativa com relação ao PT nacional. As formas de apresentação do partido são muito compatíveis nas duas instâncias. Uma ou outra frase de efeito usada nessa carta, e que não vimos presença nos documentos do PT nacional examinados por nós, como por exemplo, falando que o PT “confia na juventude”, mas que mesmo nós não encontramos uma frase de “confiança” nos documentos em nível nacional analisados, essa colocação de confiança encaixa-se nos princípios gerais do partido não

²⁶ **Carta do PT aos jovens de Quixadá.** Documento encontrado no arquivo do diretório do PT de Quixadá, não datado. Pelo texto percebemos que é do ano de 1989. Possui uma página apenas, é digitado e com 27 linhas distribuídas em seis parágrafos. No parágrafo final um convite: “Visite a nossa sede. Ela é nossa. Não tem outro dono senão o povo”. Fica na esquina da Rua João Pessoa com a Floriano Peixoto. Aguardamos sua visita”. A frase final em baixo do texto é “À vitória!”.

contradizendo estes. O que mais nos chamou atenção, mesmo nesse documento, é a referência ao PT como “partido do povo”, mas isso nós comentaremos mais adiante.

Uma dificuldade que se percebe está presente tanto na prática como no discurso do PT está ligada à questão de ele ser partido de massas, aberto à democracia interna e, ao mesmo tempo, precisar de unidade. No discurso do PT, existe a preocupação de deixar clara a necessidade de unidade partidária, mesmo que o partido seja de massas com contato com as diferentes lutas dos setores oprimidos pela sociedade. Ou seja, a necessidade de defender os diferentes tipos de movimentos sociais, as diferentes categorias de trabalhadores, estando aberta a existência de setores os mais diversos que se “sintam trabalhadores” (Cf. AGGIO, 2004), não perder a unidade e a organização partidária. Veja-se o que diz um trecho das “resoluções sobre tendências”, fazendo parte do V Encontro Nacional do PT, ocorrido em dezembro de 1987:

Sendo democrático, o PT admite em seu interior a disputa ampla entre diferentes opiniões. Acredita que somente a mais ampla liberdade de pensamento e o incentivo ao debate político poderá torná-lo genuína fonte de conhecimento e fortalecê-lo como instrumento de ação dos trabalhadores. Entretanto, da mesma forma que defende e garante a pluralidade de pensamento sobre as mais variadas questões, exige a mais forte unidade de ação, pois é na base desse elemento que reside a eficácia do partido como instrumento de intervenção na luta de classes, no rumo do socialismo. O PT, portanto, defende a democracia interna como princípio partidário, ao mesmo tempo que reitera a necessidade de acatamento obrigatório das deliberações das instâncias partidárias como expressão desse mesmo princípio.

Percebe-se, então a preocupação nessa apresentação que o partido faz de si, de não fazer com que haja confusão entre liberdade e incentivo ao debate com falta de organização e indisciplina partidária. Com relação ao PT de Quixadá quando apresenta o PT em um boletim bimestral do diretório do partido, intitulado *A luta*, podemos refletir sobre apresentação do partido, levando em conta a menção aos núcleos de base ligados às diferentes lutas, mas, ao mesmo tempo, na busca de organização dos trabalhadores, pois a existência de diferentes bandeiras no PT, com diferentes lutas, uma divisão em muitos núcleos a busca de organização torna-se importante para a vitória das lutas:

Os núcleos são o elo de ligação entre o Partido e o conjunto de trabalhadores, uma vez que têm por função estudar e debater a realidade social, procurando orientar a ação partidária com base nas necessidades, aspirações e anseios da classe trabalhadora. É através dos núcleos que o partido se alimenta ideologicamente para manter-se fiel ao seu compromisso de ser instrumento de luta dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que ensina aos trabalhadores um nível de organização capaz de torná-los fortes e vitoriosos em suas lutas.
Os núcleos de base são uma das grandes diferenças entre o PT e os outros partidos.
(A LUTA, 15/02/1986)

Uma das coisas que se percebe nesse documento é a ideia implícita de que, sem organização, fica difícil a vitória nas lutas. Portanto, a existência de diferentes núcleos não pode significar a existência de falta de unidade, pois é necessário que haja “ligação entre o Partido e o conjunto de trabalhadores”. Esse é mais um discurso do PT de Quixadá que segue a linha do PT nacional. Uma das funções dos núcleos de base seria “organizar a ação política dos filiados, segundo a orientação dos órgãos de deliberação e direção partidária, estreitando a ligação do Partido com os movimentos sociais” (III ENC. NAC. PT, 2010, p. 1). É colocado no texto do boletim *A luta*, do PT de Quixadá, citado acima, que a existência dos núcleos de base, no PT, os difere dos outros partidos, “são uma das grandes diferenças”, entre ele e os demais partidos existentes. Isso é colocado, tanto pelo PT nacional, como pelo PT de Quixadá. Nesse texto do PT quixadaense, que se intitula “Núcleo: a base do partido”, em seu primeiro parágrafo, há uma definição didática sobre os núcleos de base:

No PT os trabalhadores se organizam por categoria profissional, local de trabalho, de estudo e moradia e por movimentos sociais e populares. Assim são formados os núcleos, espécie de conselho ou delegacia, que são as bases do Partido. O PT, sim, pode falar em base. (A LUTA, 15/02/1986)

O PT, na visão que tenta transmitir o PT de Quixadá, realmente seria o único partido que teria o direito de falar em forte ligação com a base, por conta da existência desses núcleos. Essa definição de “núcleos de base”, citada acima, está de acordo com o que diz no Art. 2. do Regimento do PT, do III Encontro Nacional, realizado em 1984, portanto, em período próximo ao do boletim, que assim define os núcleos de base:

Os núcleos são os órgãos de base da estrutura partidária. É a partir dos núcleos que o Partido, dentro do contexto da classe trabalhadora, procura construir a política dos trabalhadores em geral, na diversidade de suas condições sociais, nos locais de trabalho, de moradia e de estudo, bem como nos movimentos sociais e populares.

Pode-se perceber, como bem falou Ferreira (2008, p. 113-4), que o PT

embora defina como base principal o operariado industrial, ele “incluía membros de outros tipos de grupos”, prova disso é o empenho em formar os núcleos não só por local de trabalho, ou seja, ele expande a idéia para além do operariado, conclamando a formação por **movimento social**. (Grifos da autora).

Ter contato com as bases significava respeitar as diferentes realidades dos trabalhadores e do movimento popular, levando em consideração a procura de autonomia dos sujeitos e de suas lutas em busca de melhores condições. O PT considerava-se, portanto, “um partido de novo tipo”. Ferreira diz que

Quando o Programa do Partido dos Trabalhadores fala de um partido de novo tipo está-se referindo a um partido quem tem suas decisões tomadas pelas bases. Alia a questão da decisão pelas bases à democracia, e se intitula diferente porque está presente na luta do dia-a-dia junto ao movimento popular. Diferente porque defende a autonomia das organizações populares. Diferente porque busca ser o canal que garanta aos trabalhadores participar das “decisões políticas e econômicas do País” (*op. cit.*, p. 110).

A ideia de o partido ter os núcleos de base estava associada com uma forma de pensar as lutas dos trabalhadores, considerando estes como sujeitos ativos, que lutam por participação efetiva nas decisões políticas e econômicas. Assim, devemos sempre levar em consideração que esse novo partido foi fortemente marcado pelo mencionado “novo sindicalismo”, que trazia novas ideias, que iam além de reivindicações imediatistas, buscando a autonomia dos trabalhadores. Segundo Keck (1991, p.76):

As transformações ocorridas no movimento sindical nos dois últimos anos da década de 70 exerceram uma influência fundamental no debate sobre a formação de um partido de base popular. As greves de 1978 e 1979, deflagradas pelos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, e o surgimento de líderes operários reconhecidos pela opinião pública, como o presidente do sindicato de São Bernardo, Luís Inácio da Silva (Lula), trouxeram novos elementos à equação do problema. O crescimento do “novo sindicalismo” significava aos que propunham a criação de partidos representativos das massas populares que os trabalhadores não mais podiam ser referidos por eles no abstrato, como componentes das bases desse tipo de partido, mas, ao contrário, tinham de entrar em negociações diretas com eles.

Keck (1988, p. 420), em trabalho que trata do “novo sindicalismo” na transição democrática brasileira, também escreve que

Para os dirigentes sindicais envolvidos na criação do Partido dos Trabalhadores, a centralização do “novo sindicalismo” nas questões específicas e na conquista de novos direitos implicava uma separação entre a ação industrial e o papel político de representação e defesa dos direitos do operariado no âmbito político. O PT deveria ser uma expressão do operariado organizado institucionalmente nos sindicatos, mas ao mesmo tempo deveria estar separado e deveria, enquanto partido, respeitar a autonomia desses sindicatos.

Como o PT pretendia ser de massa, democrático, e não vanguardista, dizendo-se diferente, portanto, da esquerda tradicional, a forma como as decisões iriam ser tomadas pelas bases, como se daria esse processo democrático, ou seja, como essa defesa de democracia interna iria ser colocada em prática, gerou muitas discussões, pois a autonomia das bases teria que existir sem que certo fracionismo acabasse por inviabilizar os próprios objetivos partidários de “construção de uma democracia que garanta aos trabalhadores, em todos os níveis, a direção das decisões políticas e econômicas do país”. (SECR. NAC. DE ORG., 1986, p. 6)

A ideia de “conscientização” também permeia a concepção de “partido de lutas e de massas”, pois também é presente, muitas vezes, tanto em nível nacional como em nível local, que, nessas lutas, o PT tem como uma das funções buscar a conscientização dos trabalhadores e do povo em geral. É claro que, em alguns momentos, é mais forte a referência a essa conscientização endereçada aos trabalhadores; em outros momentos, também existe bem presente a referência à conscientização da população, em geral, principalmente dos oprimidos. Existe muita ambiguidade nos documentos petistas. Procurar compreender os discursos como não sendo inocentes é sempre importante, reconhecendo-os como estando ligado à busca de convencimento dos trabalhadores e do povo. Mas referir-se ao povo e aos trabalhadores não é a mesma coisa, apesar do esforço do partido, principalmente antes das eleições de 1992, de se referir aos dois: ao povo e aos trabalhadores.

A referência à democracia e ao socialismo também esteve presente nos documentos do partido. Percebe-se aí uma diferença entre o PT de Quixadá com relação ao PT nacional, porém é mais uma diferença tática do que de concepção. Apesar de as duas instâncias se referirem a esses dois conceitos de modo compatível, percebe-se que é em nível nacional que existe uma necessidade maior de falar em socialismo, pois, como ele não pode ser concretizado apenas em nível municipal, fala-se em Quixadá mais em democracia do que em socialismo.

As concepções de democracia e socialismo do PT, ao longo do período estudado nessa pesquisa, foram se modificando, de modo que se percebe que, aos poucos, foram quase se confundindo o socialismo com a democracia, estando presente a ideia de que, para se chegar ao socialismo, é preciso que se tenha democracia. Um exemplo de momento em que se mostra no discurso do partido de que o socialismo defendido é ligado à democracia é em um trecho do documento do I Congresso Nacional do partido, ocorrido em 1991, no qual se diz o seguinte:

Queremos que todos os filiados e simpatizantes do PT, independente de filiação a tendências, possam ter vez e voz na vida partidária. Um partido que dialogue com as demais forças democráticas e socialistas, favorecendo a construção de um programa e de um bloco histórico, necessários para promover um desenvolvimento alternativo no País. Para isso, é fundamental que os debates tratem do Brasil real, dos grandes problemas nacionais, dos meios para a combinação da luta social e institucional, dos rumos do movimento sindical, da tática eleitoral e da política de alianças para 1992. E é vital que se integrem em nossas preocupações as lutas dos sem-terra, dos movimentos populares e o desafio, profundamente socialista, que consiste em incorporar plenamente à vida política os milhões de marginalizados existentes no Brasil (I CONGR. NAC. PT, 2010, p. 3).

Quando se coloca que o desafio de se conseguir participação na “vida política”, por parte de “milhões de marginalizados do Brasil”, é “profundamente socialista”, mostra que o

socialismo petista defendido no discurso do partido teria de ser democrático, de modo que esta participação política teria de ser “plena”, e não simples.

Com relação aos primeiros documentos do PT, Nunes (2007, p. 105) afirma que:

Nos documentos iniciais do PT, a ênfase não está no socialismo e sim na democracia. O socialismo aparece apenas em alguns documentos, às vezes tangencialmente. Uns fazem referência ao socialismo, outros, não. Os documentos produzidos entre 1979 e 1982 são breves, sintéticos e expressam falta de clareza ideológica e sobre os modelos ou paradigmas teóricos.

O socialismo que o PT defende, no período estudado, não é o chamado “real” que existiu na União Soviética”, chamado em certo trecho de um documento do I Congresso Nacional do partido, de “totalitarismo travestido de socialista” (I CONGR. NAC. PT, 2010, p. 3). O PT quer se distanciar dos erros cometidos pelos partidos de esquerda tradicional, de modo que é defendido nos discursos oficiais do PT que ele seja um partido que permita haver autonomia dos movimentos sociais. Carvalho (1999, p. 100) diz, de forma interessante, que “o batismo nas greves sindicais cumpre o ritual de purificação de um partido que nasce das bases renegando os pecados da “velha esquerda”, que teria no Partidão (PCB), o exemplo mais emblemático.”

Em outro ponto do mesmo documento citado, do I Congresso Nacional do PT, é colocado, de forma crítica, que

Se os ideais que moveram os movimentos sociais revolucionários ao longo deste século persistem como fonte de inspiração para o nosso Partido, temos que reconhecer que estamos assistindo ao esgotamento do ciclo de revoluções socialistas, iniciado com a Revolução Russa de 1917, e do modelo de sociedade por elas gerado. Se aquelas revoluções – bem como as mobilizações anticapitalistas e de libertação nacional que nelas se referenciaram – tiveram sucesso em expropriar o capital em vários países do globo, proporcionando, direta ou indiretamente, avanços políticos e sociais, por outro lado não conseguiram dar respostas a questões como a liberdade individual, a democratização nas relações Estado-indivíduo, desenvolvimento com preservação da natureza, hoje não se constituindo mais em ponto de partida ou caminho para o desenvolvimento do socialismo.

Então, podemos perceber que o PT aqui reconhece pontos positivos dos regimes do socialismo real, mas, enfatiza os problemas dos mesmos, ligados, principalmente, à ausência de democracia, e excessiva burocratização, sendo que para se construir o socialismo que o partido busca, eles não poderiam ser tomados como “espelhos”. Nesse documento, se diz com relação a esses regimes, que eles “durante décadas, [...] privaram povos inteiros da participação política e da democracia”.

O partido também coloca que, ao mesmo tempo que não defende o “socialismo real”, também não quer defender a social-democracia, que segundo Silva (2009, p. 155) é

identificada com o reformismo. Uma parte de um documento do I Congresso Nacional do PT, realizado em 1991, é intitulada “nem socialismo real, nem social-democracia”, sendo que na mesma, é dito que

Ao rejeitar o socialismo real, o PT é, muitas vezes, chamado a definir sua posição frente à social-democracia, corrente política com a qual mantemos e continuaremos mantendo um relacionamento político aberto, franco, crítico e independente. Reiteramos aquilo que já definimos em vários de nossos Encontros Nacionais: o PT não vê na social-democracia um caminho para a construção do socialismo nem tampouco uma alternativa real aos impasses da sociedade brasileira.

Então, na busca de evitar associações com a social-democracia, o PT, por conta das suas idéias relacionadas à rejeição do socialismo real ou de qualquer socialismo que não seja democrático, ver a necessidade de procurar deixar clara a sua posição em relação à essa corrente, considerada inadequada, inclusive para a transformação da realidade brasileira, visto que nesse documento diz que

A política social-democrata, do ponto de vista econômico, está baseada num Estado de Bem-Estar Social, que se apropria de parte do excedente econômico, através de políticas fiscais, e o repassa para políticas sociais destinadas a compensar as desigualdades provocadas pelo mercado. Proposta insuficiente num país como o Brasil, de enormes carências sociais, no qual as elites não demonstram nenhum tipo de compromisso com a elevação do nível de vida da população e onde o Estado, falido, conduz uma política que leva à recessão e à fragmentação social. [...] Num país como o nosso, o excedente econômico que pode ser captado através de medidas fiscais tradicionais, para realizar políticas sociais, é insuficiente diante das enormes demandas populares acumuladas. A adoção das profundas reformas estruturais necessárias ao Brasil supõe uma ruptura radical com a ordem econômica, política e social vigente – o que ultrapassa os limites da proposta socialdemocrata, que, politicamente, acredita na neutralidade do Estado e adota como horizonte máximo a luta por reformas no interior do próprio capitalismo.

O PT dizia, em seus discursos, que buscava a superação do capitalismo, e não apenas medidas que criassem um capitalismo mais justo. Assim, somente algumas reformas não seriam suficientes para atender aos interesses da população oprimida do Brasil, que precisava de mudanças “radicais”. Dessa forma, a “proposta social-democrata” seria limitada, pois apenas serviria como uma fraca “compensação” para as desigualdades sociais em um país dominado por elites que defendiam seus próprios interesses, levando ainda em consideração que, nessas palavras do PT, há uma descrença na neutralidade do Estado, que, no caso do Brasil, estaria defendendo os interesses das elites, diferente do tipo de governo que o PT estava se propondo a criar.

A democracia pela qual o partido diz, nos documentos oficiais, que lutava, é apresentada na articulação com a luta pelo socialismo, sendo construída junto com esse. Com relação à democracia e socialismo, Coutinho (1992, p. 10) diz que:

[...] como pude constatar ao longo de minha militância no PT, há ainda uma razoável distância entre o nível da elaboração teórico-política sobre o vínculo entre democracia e socialismo expressa nos documentos da direção do Partido e a formulação desse tema por muitos dos seus militantes, ou mesmo por dirigentes de algumas de suas tendências.

Percebemos a pouca existência da palavra “socialismo” nos discursos do PT de Quixadá, talvez por causa de uma maior preocupação local. Mas sempre temos de relacionar as colocações do PT de Quixadá sobre isso com as decisões dos Encontros e Congressos Nacionais.

[...] embora sustentem corretamente que a realização do socialismo enquanto objetivo específico pressupõe uma “mudança política radical”, as resoluções do V Encontro não esclarecem, com a concreticidade necessária, os meios através dos quais obtêm-se essa “mudança radical” (*ibid.*, p. 16)

O partido faz autocrítica, pois, como falamos, é aberto ao diálogo interno, dividido em tendências. Portanto, o PT apresenta a divisão de tendências como algo que reforça o caráter democrático do partido.

Na “Resolução sobre tendências”, do V Encontro Nacional do partido, diz o seguinte:

[...] o PT vê como natural a formação, em seu interior, de agrupamentos para defender posições políticas, cujas reuniões, debates e trabalhos tenham caráter transparente ao partido, e cujas atividades estejam voltadas exclusivamente para a vida interna do PT e que visem o fortalecimento da estrutura partidária em seu conjunto. O PT considera fundamental a veiculação das políticas dos agrupamentos no interior do partido. Assim, para que os militantes e filiados tenham conhecimento dos pontos de vista e documentos dos referidos agrupamentos, deve-se dedicar esforços para que o partido se responsabilize por sua divulgação e publicidade. Da mesma forma, o partido deve esforçar-se para o fortalecimento de sua infraestrutura material, de forma a permitir que as reuniões dos agrupamentos se dêem no interior do próprio partido.

Sendo forte a presença das tendências no interior do partido, o PT sente a necessidade de regulamentação destas, o que acontece no seu V Encontro Nacional, que ocorreu em Brasília, de 04 a 06 de dezembro de 1987. Maria Prima, ao responder uma pergunta sobre uma possível existência, no período analisado, de divergência entre a forma como ela achava que deveriam ser organizados os espaços de participação no partido e a forma como essa participação estava presente nos documentos oficiais do PT nacional, fala na existência das correntes e nas divergências entre elas:

Bom. Eu acho que sim, porque o PT sempre foi, no seu início, um partido de muitas correntes e cada corrente tinha sua maneira peculiar de ser e de defender as questões e a construção do PT. E necessariamente, tinha que haver essas divergências, até porque é importante para o crescimento e enriquecimento do partido (ENTR. 4).

Existiam várias tendências internas dentro do PT nacional. Com relação a elas, Nunes (2004, p. 141) coloca que: “muitos desses agrupamentos têm origem nos grupos da esquerda organizada clandestina que ingressaram no PT, tendo portanto, uma organicidade que lhe é anterior”. Carvalho (1999) ressalta que “algumas organizações de esquerda participaram do PT desde os debates iniciais de sua fundação, outras para lá migraram em momentos posteriores, praticamente consumando-se até 86 o ciclo de afluência”.

Muitas das tendências do PT formavam, praticamente, um bloco de trotskistas, com uma postura de “partido de vanguarda”, com destaque para a Organização Revolucionária Marxista – Democracia Socialista, que tinha uma força considerável. Não percebemos em nossas fontes, indícios de atuação dessas tendências trotskistas no PT de Quixadá. No município, predominava a Articulação, tendência à qual se vinculava Ilário Marques. Porém, Angelita Duarte fala da existência apenas de duas tendências em Quixadá:

Eu nunca quis participar de tendências. Nunca. Nunca, nunca, nunca. O Ilário era da Articulação, nessa época que eu era muito ligada, a gente trabalhava todo mundo... o Neto, Máximo Saraiva Neto, a Graça, e eles participavam de muita reunião como... pra ir pra tendência do Ilário. Eu ia, mas, eu nunca me... nunca quis ser de tendência, não. Toda vida, eu quis ser independente, nunca quis... simpat... eu nunca simpatizei nenhuma tendência, não. Que aqui... até porque Quixadá só tinha duas tendências, que era a... que era a Articulação que era do Ilário, e aí, começou também que era a Maria Prima que era... e o Vicente que era da vertente que era do... do João Alfredo. Mas, eu não... nenhuma tendência, não. (ENTR. 7)

Então, com a colocação: “até porque Quixadá só tinha duas tendências”, Angelita Duarte aponta isso como um motivo para ela não ter simpatizado nenhuma tendência. A outra tendência, fora a Articulação, segundo ela, era a Vertente Socialista.

Com relação à Articulação, Nunes (2004, p. 152) nos diz que: “Conforme seu manifesto, a Articulação foi criada para barrar o crescimento das tendências vanguardistas (as organizações parapartidárias) e da tendência que via o PT como uma frente parlamentar, à semelhança do MDB”. Para Ozai (*apud* CARVALHO, 1999, p. 101) “quando um certo número de pessoas se agrupam em torno de uma ideologia comum com propostas e princípios comuns que norteiam sua intervenção na luta dos trabalhadores essas pessoas constituem uma tendência.”

3.1 PT como partido de oposição

O PT, naturalmente, costumava também se apresentar, ao longo do período em estudo, como partido de oposição aos governos municipal, estadual e nacional. Em Quixadá, isso foi forte, já que durante, esse período, não tinha chegado ainda ao poder executivo municipal, opondo-se também aos governos estadual e nacional.

No seu boletim *A luta*, em seu primeiro número, em setembro de 1985, ao tratar de um problema de moradia de pessoas que habitavam a chamada favela do Cortiço, o partido se opõe, claramente, ao governo municipal, na busca de mostrar que houve uma conquista das pessoas que moravam na favela, que tiveram suas casas construídas, não sendo um ato de “generosidade” da prefeitura municipal de Quixadá. Segundo o boletim,

Foram anos a fio no lamaçal do Cortiço, na fedentina repugnante e doentia. Depois de muita discussão, finalmente o pessoal se encoraja e decide-se a lutar. Não é possível passar a vida toda no cortiço. O movimento toma fôlego. A diocese doou um terreno e a prefeitura se comprometeu a construir as casas. Formou-se uma comissão, tendo à frente a vice-prefeita, mas de setembro de 84 a março de 85 só uma casa foi construída. A situação a cada dia ficava pior. A cada chuva caía um pedaço de parede no Cortiço. Foi aí que o PT designou uma comissão de militantes para discutir com os moradores do Cortiço a possibilidade real de pressionar a prefeitura pela construção das casas. (A LUTA, 6/9/1985)

O partido procura colocar no boletim que houve a luta do PT de Quixadá e dos moradores do Cortiço para que conseguissem a construção das casas, pois a prefeitura não iria procurar resolver o problema sem que houvesse uma luta forte por parte das pessoas. Logo no primeiro parágrafo do texto, é dito o seguinte:

O ex-moradores da antiga favela do Cortiço, após passarem 135 dias alojados no parque de exposição, nos estábulos dos animais, agora encontram-se em suas casas. Foi grande a luta dos companheiros, embora o poder municipal use de todos os meios para abafar esta luta e propagandear a conquista como sendo um feito de sua generosidade. Porém muitos sabem da verdadeira história e da luta do povo. (*id.*, *ibid.*)

Everton Lopes, ao ser perguntado se participava de reuniões do PT, no período analisado nessa pesquisa, fala de uma situação de um “cortiço”, que, embora não saibamos ser o mesmo local referido pelo Boletim *A Luta*, teve a situação denunciada em um jornal criado por ele e seus colegas:

Nós participávamos de reuniões, como eu já disse, nós tivemos até que fazer um clube de jovens, clube de jovens que era ligado a Igreja, que era o MIC (Missionário da Imaculada Conceição) e nós levávamos as nossas ideias até muitas vezes a outras cidades, levamos a Quixeramobim, e nós nos reuníamos e tinha um padre, esse padre, infelizmente, já faleceu, que era muito ligado a nós, o padre Pedro Paulo, ele sempre nos advertia, sempre nos advertia: "rapaz, vocês tenham cuidado porque vocês estão sendo monitorados, vocês estão sendo aí investigados, é bom vocês acabarem com isso". Ele dava esse alerta pra nós, mas, mesmo assim, a gente prosseguia. Nós fizemos um jornal que só funcionou um número, nesse jornal nós denunciávamos, naquela época, tudo o que acontecia de errado aqui em Quixadá, até onde é o CESP hoje, por trás do CESP tinha um cortiço, chamava de cortiço, e esse cortiço era um foco de lepra que existia aqui em Quixadá, e nós denunciávamos, denunciávamos muita coisa, denunciávamos que os trabalhadores eram maltratados, naquela época, na fila do FUNRURAL, eles eram botados pra... Denunciávamos coisa aqui em Quixadá que mexeu muito com o poder econômico, e esse jornal só funcionou um número e em virtude desse jornal ter sido, nós termos feito esse jornal, teve companheiros nossos que perdeu o emprego [...] (ENTR. 13)

Essa fala de Everton reforça, de certa forma, a nossa crença na ligação do PT em Quixadá com uma postura mais denunciadora por parte de pessoas, mesmo que estas usassem a Igreja para levar suas ideias. Também vemos que na fala de Everton, ele faz relação entre “o que acontecia de errado em Quixadá” e o “poder econômico”, que, de acordo com ele sentiu-se incomodado, o que contribuiu para a perseguição a seus companheiros.

3.1.1 A oposição à “Nova República”

Como era de se esperar, a oposição do PT à chamada “Nova República” foi algo bastante presente nos discursos. Em Quixadá, Luiz Oswaldo, em texto escrito, já referido aqui, no qual ele pede ajuda financeira para sua campanha, associa o discurso de alguns candidatos adversários seus com o discurso da Nova República. Ele diz que “[...] há outros candidatos dos velhos esquemas mas que se dizem novos e trazem o discurso da mudança (estilo Nova República) e confundem o eleitorado”²⁷. Ele se refere ao candidato Dr. Mesquita, então do PDT, que, como já falamos, iria ganhar aquela eleição de 1988, quando em Quixadá existia um forte sentimento de mudança, e também ao candidato Dr. Policarpo, do PSB. Nessas palavras de Luiz Oswaldo, já percebemos uma crítica à Nova República, que teria o apoio de muitos políticos associados à situações e práticas políticas passadas, às quais o PT se oponha, mas que aqueles estariam “confundindo” o eleitorado com discursos de mudança.

²⁷ Texto escrito datilografado, como sendo de Luiz Oswaldo, quando candidato a prefeito pelo PT em 1988, encontrado no arquivo do PT de Quixadá.

3.1.2 A oposição ao Governo Collor

O PT procurou se colocar como um partido de oposição ao governo Collor nos seus discursos. Isso está fortemente presente em seus documentos aprovados nos Encontros e Congressos, que aconteceram no período de duração desse governo: 1990-1992. Em documento do I Congresso Nacional do PT, em 1991, o Governo Collor é caracterizado como “um governo que disputa ativamente conosco no terreno político e ideológico” (I CONGR. NAC. PT, 2010, p. 2). No mesmo documento é dito que “é preciso barrar já os desmandos de um governo que prometeu levar o País à modernidade e ao Primeiro Mundo, mas que nos precipita no abismo da regressão e da fragmentação social”.

Ligado todas essas questões analisadas até agora, cabe a nós focarmos daqui para frente na apresentação que o PT de Quixadá fazia do PT atentando para a ligação dessa com os interesses dos trabalhadores e do povo, uma questão que nem sempre estava clara no discurso e que deve ser situada no tempo e no espaço.

4 PT COMO PARTIDO DOS TRABALHADORES E DO POVO

4.1 PT como Partido dos Trabalhadores

O Partido dos Trabalhadores, principalmente, nos seus primeiros anos de existência, apresentou-se nos seus discursos escritos como defensor dos interesses dos trabalhadores. Seu Programa diz que o PT é “baseado nos trabalhadores da cidade e do campo” (SEC. NAC. DE ORG., p. 6). No famoso discurso de Lula, na Primeira Convenção Nacional do partido, em 1981, o mesmo coloca o seguinte: “somos um Partido dos Trabalhadores da cidade e do campo. E é desta união que germinam as sementes de nossa proposta partidária”. (*ibid.*, p. 36) Nesse discurso, Lula ainda coloca que “os trabalhadores são os maiores explorados da sociedade atual”. (*ibid.*, p. 40)

O discurso de José de Freitas Neto, quando candidato a prefeito de Quixadá, em 1982, era um exemplo muito forte de discurso que fazia forte referência a defesa dos interesses dos trabalhadores. Além dos trechos já citados, podemos citar aqui, a parte em que diz que:

Como candidato a prefeito do Partido dos Trabalhadores o que lhes deveríamos dizer?

Porventura, deveríamos dizer que, se eleito, construiríamos um ginásio de esportes, como promete o PDS, ou o campo de aviação, como deseja um candidato a deputado federal do PMDB?

Evidentemente que não, Companheiros. [...]

O candidato do Partido dos Trabalhadores não diz aos trabalhadores o que vai fazer, mas sim pergunta aos trabalhadores o que deve ser feito, porque, efetivamente, o Partido dos Trabalhadores é o único partido democrata realmente de todos esses partidos hoje existentes, apesar de toda a propaganda em contrário por parte dos inimigos da classe trabalhadora. (v. ANEXO A)

É interessante notarmos que, em todo o discurso de quatro páginas de José de Freitas Neto, a sigla PT só é usada duas vezes, enquanto a expressão “Partido dos Trabalhadores” é usado doze vezes, três só nessa citação acima. Esse é um fato significativo, que mostra a relação com os trabalhadores, que se quer colocar no discurso. Nesse discurso, está presente a marca forte do PT nacional daquele período. Dessa forma, o partido procura se colocar em contraposição aos outros partidos quanto à questão da democracia. Gonçalves (2009, p. 39-40), coloca que

Feito *pelos, com e para* os trabalhadores, essa era a grande novidade e a principal relevância do PT, cujo discurso estava, em todo tempo, situado junto às bases. Era preciso, para consolidar uma democracia de fato e de direito, que sujeitos comuns pudessem participar das tomadas de decisões e da organização política diária. As decisões não podiam vir mais de cima para baixo. No PT a ordem era fazer o inverso da histórica política elitista brasileira (grifos do autor).

Assim, a atuação dos parlamentares petistas deveria também ter relação com os anseios dos trabalhadores, com suas lutas, sem distanciamento entre atuação institucional e suas bases. Então, o regimento interno, documento do 3º Encontro Nacional de 1984, quando trata das “atribuições das bancadas parlamentares”, diz que elas são as seguintes:

- a) promover o entrosamento da atividade partidária no Congresso Nacional, nas Assembléias Legislativas e nas Câmaras Municipais com as lutas e as manifestações dos trabalhadores;
- b) participar das lutas e movimentos dos trabalhadores;
- c) denunciar, nos parlamentos, as arbitrariedades e as violências contra os trabalhadores, defendendo os seus direitos de expressão, e de organização e autonomia; e
- d) tomar a iniciativa de projetos de lei e outras medidas institucionais, visando a consolidação das conquistas dos trabalhadores, bem como a sua ampliação segundo o espírito do Programa do Partido.

Podemos perceber que, em todos os quatro itens, se fala em “trabalhadores”, colocando que deveria existir fortemente uma relação partidária com as bases, em sua atuação parlamentar, no sentido de se obterem conquistas para os trabalhadores, de modo que essas conquistas, como diz o item “d”, deveriam ser “segundo o espírito do Programa do Partido”. Portanto, o partido defendia que essas conquistas deveriam estar de acordo com a identidade partidária petista, devendo sua prática política parlamentar também ser de acordo com esta identidade.

4.1.1 A Carta de Princípios

Um documento em que é muito forte a apresentação do partido como referência para os interesses dos trabalhadores é a Carta de Princípios do PT, lançada publicamente no dia 01 de maio de 1979. Esse famoso documento foi publicado em um ano de muita mobilização dos trabalhadores no Brasil, sendo que, no ano referido, “o surto grevista atingiu maior vulto, uma vez que se generalizou para o resto do país, abrangendo um leque de assalariados urbanos e rurais, ao contrário de 1978, quando as greves se concentraram em grande parte no Estado de São Paulo”. (ANTUNES, 1984, p. 50)

Keck (1991, p. 81) disse que “em 1979, as greves pipocaram por todo o Brasil”. Ela diz que as greves daquele ano, “atingiram quinze estados e espalharam-se muito além do setor metalúrgico, afetando os trabalhadores dos serviços urbanos, da indústria têxtil, do setor de mineração, dos bancos, da construção civil, professores e muitos outros” (*id.*, p. 82). Foi um momento em que os trabalhadores avançaram politicamente, e não só economicamente, o que

se articulou com o fortalecimento da ideia de criação de um partido “de trabalhadores”. Assim, a apresentação que o partido fazia de si, na Carta de Princípios, se referia bastante a ligação do partido com a luta dos trabalhadores. Nessas greves de 1979, existiu reivindicação por salário, luta por objetivo a curto prazo, mas, também vontade de que fossem conseguidas conquistas políticas de longo prazo para os operários. Para Keck (*ibid.*, p. 82), naquele ano, “a questão dos direitos dos trabalhadores e sua participação passou a ser colocada na agenda do debate sobre a democracia não mais de maneira abstrata, mas explicitamente, através das ações e reivindicações dos próprios operários.”

Era um contexto realmente bastante propício para o surgimento de um partido que pretendia representar os interesses da classe trabalhadora, mas com um viés democrático, como foi o PT, sem deixar ao mesmo tempo de defender o socialismo e de ser influenciado por elementos presentes na esquerda tradicional. Lacerda (2008) aborda a Carta de Princípios do PT, dizendo o seguinte sobre o seu lançamento:

A primeira vez que a idéia sobre a formação do PT foi discutida aconteceu na conferência dos Petroleiros na Bahia, apresentada por Lula. Posteriormente, em dezembro de 1978, a idéia de um Partido dos Trabalhadores foi discutida em reunião com 12 importantes líderes sindicais, dentre os quais apenas quatro, devido à uma cisão interna forte existente no movimento sindical, apoiavam a idéia: Lula, Paulo Skromov, José Cicote e Jacob Bittar. Em janeiro do ano seguinte a proposta do Partido é lançada formalmente durante o IX Congresso dos Metalúrgicos, mecânicos e eletricitários do Estado de São Paulo realizado em Lins.

Esse congresso fez com que a cisão dentro do movimento sindical quanto a forma do partido fosse ainda maior e essas divergências foram traduzidas num documento chamado *Carta de Princípios*, que foi elaborado por um comitê composto por alguns sindicalistas como Jacob Bittar, Henos Amorina e Wagner Benevides.

Esse comitê lançou no dia 1º de maio de 1979 nas maiores cidades brasileiras esse documento, no sentido de comemorar o dia do trabalhador, mas sem uma discussão prévia com as lideranças sindicais. Fato que fez com que o comitê fosse intitulado de vanguardista por terem lançado previamente o documento e também por serem seus membros pertencentes ou próximos de organizações de tendência trotskista.

Como o partido trazia uma proposta diferente da esquerda tradicional, no sentido do diálogo com as bases, seria normal que esse comitê fosse intitulado de “vanguardista”. A Carta de Princípios pregava, entre outras coisas, uma união dos trabalhadores no seu próprio partido, para enfrentar as classes dominantes, que também tinham a tendência a se unir, barrando os avanços rumo a uma sociedade que seria mais justa. Os discursos do PT de Quixadá, particularmente o discurso de José de Freitas Neto, na campanha de 1982, já citado, vai, em geral, ao encontro do que tinha sido escrito na Carta de Princípios, pregando a união entre os trabalhadores no seu próprio partido. A Carta é um documento importante para compreendermos a história do partido. Em seu último parágrafo, diz que “O PT manifesta alto e bom som sua intensa solidariedade com todas as massas oprimidas do mundo”.

(COMISSÃO, 1979, P. 6) Essa solidariedade, claro, incluía a “solidariedade com os trabalhadores do mundo”.

4.1.2 Solidariedade com os trabalhadores do mundo

O PT se manifestou em defesa de questões que envolviam trabalhadores de outros países em seus documentos, durante o período em estudo, sendo que já falamos, que em documento do II Encontro Nacional do Partido, há a afirmação de que “a luta dos trabalhadores é a mesma em todo o mundo”. Assim, no V Encontro Nacional, em 1987, uma das moções era em defesa dos trabalhadores da Polônia:

No momento em que o Partido dos Trabalhadores realiza seu V Encontro, os trabalhadores poloneses acabam de impor uma derrota ao governo do General Jaruzelsky, dizendo não ao apelo de apoio às reformas econômicas. Tais reformas visam adequar a economia polonesa às exigências do FMI, portanto implica medidas contrárias às aspirações das massas da Polônia, agravando ainda mais as condições de vida do país.

Para o partido, essas eram reformas que não beneficiariam os trabalhadores e, sim, as classes dominantes, nas quais estavam incluídos, claro, os patrões, sendo que, para o PT, essa contraposição entre “patrões” e “trabalhadores” era fortemente presente.

4.1.3 A contraposição Patrão/Trabalhadores nos discursos do PT

Já nos referimos à existência, nos discursos escritos do PT de Quixadá, da busca de contraposição entre “patrão/trabalhadores”. Assim, no discurso de José de Freitas Neto, na campanha de 1982, é colocado que

Os outros partidos apenas se servem da classe trabalhadora como escada para subir ao poder, mas, de fato, o seu compromisso é com os patrões e os interesses dos patrões são o oposto dos interesses dos trabalhadores. Afinal, o bangalô do dono da usina não é o casebre do carreteiro, o lucro do comerciante não é o salário minguido do balconista nem o carro bonito do latifundiário é o jumento cansado [*sic*] do agricultor sem terra. (V. ANEXO A)

Nesse trecho é feito um jogo de contrários, que coloca a situação do trabalhador, diferente da do patrão. “Bangalô, lucro e carro bonito” fazem parte de uma realidade que se opõe a “casebre, salário minguido e jumento cansado”. Dessa forma, quer-se colocar que, se a

realidade é oposta, os interesses também são opostos, devendo os trabalhadores ficar do lado do partido que os representaria.

Everton Lopes, ao ser questionado sobre o discurso escrito de José de Freitas Neto, quando há a afirmação sobre o PT ser o partido dos trabalhadores e os outros partidos dos patrões, diz que

[...] o Freitinhas levava essa ideia, ele tinha, mas eu não cheguei a ter acesso a esse discurso do Freitinhas, mas, o nosso ideal era esse, era dizer quem era trabalhador e dizer quem era patrão, dizer quem era sacrificado e quem era que sacrificava. O nosso discurso era esse. (ENTR. 13)

Ele, que usava o PT como uma “válvula de escape”²⁸, quando fala em “dizer quem era sacrificado e quem era que sacrificava”, vai ao encontro do discurso de Freitinhas, quando da diferenciação de realidade entre patrão e trabalhador. Luiz Oswaldo fala de forma interessante sobre o discurso do PT como sendo “partido dos trabalhadores”:

Eu acho que o PT levou uma marca muito forte de ser um partido... quase seria um... um PET... Partido Exclusivo dos Trabalhadores... no começo. Eu acho que foi um caminho correto a ser seguido, as coisas vão se construindo pouco a pouco. Acho que no primeiro momento a gente precisava mostrar que havia um partido que não era dos patrões, essa era a ideia... e que não era o temido partido comunista, comedor de fígado de criança, aquele negócio todo... conforme o mito que se espalhou pelo Brasil. (ENTR. 5)

Realmente havia essa necessidade, sentida pelo PT, de um modo geral, nos seus primeiros anos, de se apresentar como “partido dos trabalhadores” e não “dos patrões”, sendo que o discurso do candidato a prefeito do PT em Quixadá seguiu essa linha.

Na *Carta de Princípios* do PT, no seu início, diz-se logo no primeiro parágrafo que “A ideia da formação de um partido só dos trabalhadores é tão antiga quanto a própria classe trabalhadora”. Chama muito a nossa atenção, nesse trecho o “partido só dos trabalhadores”, pois dá a impressão de ser “exclusivo dos trabalhadores”. Em seguida, já há uma referência aos “explorados e oprimidos”:

Numa sociedade como a nossa, baseada na exploração e na desigualdade entre as classes, os explorados e oprimidos têm permanente necessidade de se manter organizados à parte, para que lhes seja possível oferecer resistência séria à desenfreada sede de opressão e de privilégios das classes dominantes. Mas sempre que as lideranças dos trabalhadores e oprimidos se lançam à tarefa de construir essa organização independente de sua classe, toda sorte de obstáculos se contrapõe a seus esforços

²⁸ Expressão usada pelo próprio Everton Lopes, em entrevista realizada em 05.10.2011.

Em determinado momento, fala-se, então, em “lideranças dos trabalhadores e oprimidos”. Há uma contraposição na *Carta de Princípios* entre classe dominante/oprimidos, e entre classe dominante/trabalhadores, de modo que, das classes dominantes, fariam parte os patrões e o governo, o que aumentava a necessidade de união entre os “trabalhadores e oprimidos” em torno de um partido político.

Após as eleições de 1982, primeira da qual o partido participou, a Executiva Estadual do Partido dos Trabalhadores escreveu uma carta “Ao povo cearense”, falando da votação do partido, de modo que, em certo trecho, fala-se que o partido não se posicionava ao lado do “regime de exploração”, sendo tal regime a favor dos “interesses dos grandes patrões”:

[O PT] Alegra-se com muitos que desconhecaram as mentiras dos que diziam estar o P.T. do lado deste regime de exploração, que só defende os interesses dos grandes patrões. Sente-se honrado em ter sido votado por cidadãos de consciência livre, que descobriram que o caminho da libertação dos trabalhadores só será construído pelas mãos e inteligência dos próprios trabalhadores. E que este caminho é cheio de pedras e espinhos, mas é belo e único²⁹.

O PT de Quixadá no boletim *A luta*, de setembro de 1985, também faz uma contraposição entre “patrão” e “trabalhador” ao abordar um “caso da Fazenda Aracê”, em Quixadá, que, para o partido, estava relacionado a uma questão entre um fazendeiro e um morador. O PT se coloca, nessa matéria, como solidário “com o trabalhador”, filho do Sr. Pedro Pereira, morador, que teria uma questão com o fazendeiro, Sr. João Carneiro, e diz que houve “calúnia” e “violência” nesse caso. Em um trecho da matéria, diz-se que:

[...] o fazendeiro tem uma questão com um morador, Sr. Pedro Pereira, e quer, a todo custo, enxotá-lo da fazenda. É sempre assim. Toda vez que o trabalhador reclama seus direitos o patrão o julga perigoso no meio dos outros e faz tudo para ver-se livre dele. Persegue, oprime, ameaça, espanca e calunia. (A LUTA, set./1985)

É uma generalização que é feita nesse trecho, mas que vai ao encontro dos discursos do PT nacional sobre a contraposição entre trabalhadores e patrões. Uma instituição que o PT julgava como muito importante para as conquistas dos trabalhadores era a CUT (Central Única dos Trabalhadores), da qual vamos falar um pouco agora.

²⁹ Carta da Executiva do Partido dos Trabalhadores no Ceará, intitulada “Ao povo cearense”. 21.11.1982, Fortaleza. Fornecido por Cristiano Goes, membro do Comitê Jovem ligado à candidatura a prefeito de Ilário Marques.

4.1.4 O PT e a CUT

Como partido que se dizia representar os interesses dos trabalhadores, foi forte a relação entre o PT e a CUT (Central Única dos Trabalhadores), que foi criada em 28 de agosto de 1983. (CAMARGO, 2005, p. 12) Para Lima (2004, p. 43-4):

Tanto o Partido dos Trabalhadores como a CUT surgiram sob a forma de embriões da organização necessária dos trabalhadores, em um momento de crise do antigo regime militar brasileiro. Ambos adotavam um posicionamento de rompimento com o capitalismo e mantinham-se favoráveis ao socialismo.

O PT refere-se à CUT em seu documento intitulado “Teses para a atuação do PT”, do seu 3º Encontro Nacional, realizado em 1984, e referência é acompanhada de forte menção aos “trabalhadores”:

Ao lado da organização partidária, é preciso ajudar o fortalecimento do movimento sindical e popular. Daí a necessidade de o PT usar todos os meios que contribuam para a consolidação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), como expressão dos setores mais combativos e dinâmicos do movimento sindical; ao PT cabe contribuir para que a CUT se consolide e amplie suas bases o mais rapidamente possível, tomando iniciativas com vistas à realização da mais ampla unidade do movimento concreto dos trabalhadores. Aí estão, nas lutas sindicais de julho de 1983, os sinais de que o movimento dos trabalhadores se prepara para lutas de caráter cada vez mais amplo, que podem vir a desembocar na greve geral. É, pois, no rumo do reforço das organizações dos trabalhadores que devemos, nós do PT, lutar para enfrentar a crise.

Na cartilha “O que é o Partido dos Trabalhadores” (p. 35), publicação da Secretaria Nacional de Formação Política do PT, ao se referir à CUT, diz o seguinte:

O PT considera que a CUT é o grande instrumento de luta da classe trabalhadora no plano sindical. Seu fortalecimento é a principal meta estratégica do movimento sindical brasileiro. Nela precisam se unificar todas as forças honestas e realmente comprometidas com os trabalhadores, que existam no movimento sindical brasileiro.

Mesmo sendo um texto de 1995, ou seja, foi atualizado mas, com relação à CUT, nesse trecho citado, não vemos diferença quanto a forma com que o PT se referia à CUT, durante o período estudado por nós.

Em Quixadá, Miguel Benedito Peixoto, um dos militantes mais atuantes do partido no período estudado, era presidente da CUT, regional Sertão Central, quando foi candidato a vereador em 1988. Apesar de não ter sido eleito, criou-se uma expectativa em cima da sua candidatura, com relação à possibilidade de vitória.

4.1.5 Partido dos Trabalhadores Rurais?

O PT, principalmente em grande parte da década de 1980, buscou ter forte ligação com as lutas rurais, como, por exemplo, pela reforma agrária, que, para o partido, deveria acontecer “sob controle dos trabalhadores”. (III ENC. NAC., 2010, p. 9) É interessante vermos a fala de Luiz Oswaldo, que se refere à atuação do PT no Ceará e em Quixadá:

eu sempre lutei muito no partido, desde que eu entrei pra fazer esse partido crescer, se ampliar, procurar as pessoas de boa vontade com relação à causa, que não necessariamente teriam que ser taxados de trabalhador rural. Naquela época era muito comum aqui no Ceará, nos discursos que a gente ouvia pelo campo, e o PT começou muito pelo campo, aqui no Ceará, é o PT, o partido do trabalhador rural... Então, era muito comum nas comunidades a gente ouvir isso, eu até fazia uma certa crítica ao partido que... se recusava um pouco a ir para as periferias da cidade... como que desprezando, como se aquilo fosse um [lupem]... desprezível, e se concentrar apenas na organização do homem do campo. Aqui, como a gente tem uma influência muito forte do Ilário, que era advogado dos trabalhadores rurais, aí eu acho que a gente começou muito por aí, também. Mas pouco a pouco, o Freitinhos aqui, conseguiu fazer um meio-campo, porque o Freitinhos começou a agregar a questão dos... dos comerciários. (ENTR. 5)

A ligação do PT local com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Quixadá foi bastante considerável, nesse período, tendo Ilário Marques atuação marcante como seu advogado. Na matéria do boletim *A luta*, já comentada, sobre a Fazenda Aracê, no município de Quixadá, no qual o partido fala de uma questão, envolvendo o fazendeiro e um morador, o PT de Quixadá “louva a assistência prestada” pelo “Dr. Ilário Marques”. O mesmo atuou como advogado em diferentes Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de vários municípios, o que contribuiu para sua vitória como deputado estadual em 1986, quando ainda tinha 25 anos de idade. O seu colega, durante o mandato (1897-1990), de partido e de assembléia estadual do Ceará, João Alfredo, também tinha uma atuação como advogado pelos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de vários municípios, segundo diz em moção aprovada no V Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores, em 1987. Os dois advogados foram os deputados estaduais petistas do Ceará, na legislatura de 1987 a 1990.

O PT de Quixadá teve uma relação considerável com os trabalhadores rurais, na década de 1980, buscando, nas eleições de 1988, o apoio desses para a sua campanha. Porém essa era uma luta difícil, como já falamos.

4.1.6. O PT dos “trabalhadores” nas eleições municipais de 1988

Em Quixadá, o PT teve forte interesse em se mostrar defensor dos trabalhadores, o que vemos tanto em materiais escritos ligados à candidatura majoritária de Luiz Oswaldo para prefeito de Quixadá, como nos de candidaturas a vereador pelo partido. Mas também em um material do então deputado estadual Ilário Marques, filiado ao PT de Quixadá, no início do segundo semestre daquele ano eleitoral. Esse material trata das eleições municipais, consideradas por Ilário, naquele momento, como importantes para a construção pelos trabalhadores de uma “nova sociedade”. Seu título já mostra o foco desse discurso escrito: “Eleições 88 e a luta dos trabalhadores”. Ele começa com o famoso uso da saudação “companheiros”, que fazia parte da identidade partidária petista:

Companheiros,
Estamos reiniciando nossas atividades parlamentares neste ano de 1988. É o início do II semestre. Semestre este que será marcado por importantes acontecimentos políticos, tais como: conclusão e promulgação da nova Constituição, início da elaboração da Constituição Estadual e eleições municipais. Queremos aqui fazer algumas reflexões sobre este último ponto, eleições municipais, abordando sua importância no atual momento para o avanço da luta da classe trabalhadora rumo à construção da NOVA SOCIEDADE [sic]³⁰.

Ilário Marques iria se envolver com as eleições municipais em Quixadá em 1988, defendendo a candidatura de Luiz Oswaldo para prefeito. Mas, nesse discurso, ele trata da importância das eleições municipais na conjuntura nacional.

Nos discursos petistas, relacionados a campanha de 1988, em Quixadá, faziam referência considerável aos interesses dos trabalhadores, assim como também do povo em geral. Muitos dos materiais de campanha dos candidatos a vereador, continham um *slogan* em defesa dos trabalhadores, como, por exemplo, “a voz e a vez dos trabalhadores”³¹, do candidato a vereador Manoel Luis Filho, “Acredite no novo, em defesa dos trabalhadores”, do candidato “Mestre Chagas”, “trabalhadores, juntem-se a nós”, do candidato Zé Alberto, “trabalhador vota em trabalhador”, do candidato Nilo Nonato.

4.1.7 Partido dos Trabalhadores e a Constituinte

Uma nova constituição que melhorasse as condições de vida dos trabalhadores era defendida pelo PT, que se colocava nos discursos escritos como um partido que lutava para

³⁰ Discurso escrito do então deputado estadual Ilário Marques, intitulado “Eleições 88 e a luta dos trabalhadores”. 1988. Arquivo do PT de Quixadá. 1 p.

³¹ Material encontrado no Arquivo do PT de Quixadá, com *slogans* de candidatos a vereadores do PT de Quixadá, na eleição de 1988.

que a Constituição, que acabaria sendo promulgada em 1988, propiciasse avanços nesse sentido. No boletim *A luta*, nº 08, de maio e junho de 1987, do PT de Quixadá, vemos numa matéria intitulada “Constituinte - sem ilusões”. Nesta, existe a ideia de que, mesmo que o Congresso Constituinte tenha sido, segundo o que coloca o partido, “eleito à sombra da corrupção, do casuísmo e do poderio econômico”, não bastava que ele fosse apenas denunciado. Então, “para desmascara-lo [sic]” e também que fosse conseguido “alguma coisa dele”, coloca-se o seguinte: “é necessário que levemos a ele [o Congresso] as nossas propostas, as reivindicações dos trabalhadores, aprovadas em congresso com mais de 5 mil pessoas”. Isso vai ao encontro do que era defendido oficialmente em nível nacional, pois o PT queria mostrar que os parlamentares eleitos por partidos que contribuíram para uma transição conservadora, em pacto com o Regime Militar, sem ligação com as reais necessidades dos trabalhadores e o povo, teriam posturas na Constituinte que não teriam compromissos com mudanças que trouxessem avanços significativos na situação dos oprimidos, sendo que, inclusive, não haveria mudanças significativas nas condições de vida e de trabalho das pessoas, em geral. Segundo esse pensamento oficial, o Congresso eleito teria compromissos com o “poderio econômico”, com a mesma política que provocava arrochos salariais, inflação, desemprego, contribuindo para que o país continuasse comprometido com o grande capital internacional. Mas outra postura também equivocada, segundo esse documento, seria não levar as reivindicações dos trabalhadores ao Congresso, abrindo mão de lutar para que os mesmos obtivessem conquistas. Isso está de acordo com o que já dizia em documento do IV Encontro Nacional do PT, realizado em 1986:

[...] o PT deverá evitar, ao mesmo tempo, as concepções *constitucionalista* e *doutrinarista*. A concepção *constitucionalista* consiste em supor que a Constituinte permitirá, por si só, a conquista das mudanças necessárias, ignorando as suas limitações e a hegemonia que sofrerá da burguesia, e que deve ser quebrada. O *doutrinarismo* consiste em afirmar que a Constituinte nada resolve e que devemos, portanto, apenas denunciá-la, ignorando o papel que ela pode jogar na mobilização de massas. A concepção *constitucionalista* cria ilusões nas massas, desmobiliza e nada faz para tornar a Constituinte uma arena de luta real pelas aspirações e reivindicações populares e democráticas. A concepção *doutrinarista* nos coloca num beco sem saída, quanto mais não seja pela simples razão de que nos impossibilita de explicar para as massas porque, afinal de contas, se a Constituinte nada resolve, devendo ser firmemente denunciada, vamos participar dela. Na luta contra essas concepções, deveremos nos esforçar, também, para mostrar aos trabalhadores as limitações do Congresso Constituinte e nosso esforço para superá-las através de ampla participação popular (p. 32-33, grifos do original).

Assim, para o PT, deveria haver luta do partido nos vários espaços onde fosse possível lutar, defender os interesses dos trabalhadores. Nesse mesmo documento, já dizia também que

Apesar de suas limitações, o Congresso Constituinte será um momento importante do processo de transição política que ocorre no País. Isso por duas razões essenciais: para a burguesia, trata-se de constituir a base de legitimidade política dos seus projetos de transição conservadora; para os trabalhadores e a massa dos explorados pelo sistema capitalista, trata-se não só de deslegitimar os projetos político-institucionais da Aliança Democrática, como de fazer avançar a luta por uma concepção alternativa de organização econômica e social e de democracia; ou seja, uma concepção que exprima os interesses dos trabalhadores e a sua decisão de manter a sua independência de classe no processo de transição. (p. 20-21)

O PT sabia que “os direitos dos trabalhadores não serão assegurados apenas com garantias constitucionais e legais” (*ibid.*, p. 21). Mas, apesar disso, também dizia no mesmo documento que

a experiência das últimas décadas de luta nos mostra, também, que inscrever direitos e garantias na Constituição é uma forma de assegurar que a luta pela implementação e pela sua realização possam crescer e se ampliar ainda mais. Talvez o melhor exemplo seja o do direito de greve. Nos últimos anos, os trabalhadores não precisaram esperar que o efetivo direito de greve estivesse reconhecido na Constituição para se organizarem e lutarem. O ciclo de greves dos últimos dez anos mostra que a prática combativa rompe muitos obstáculos. No entanto, todos sabemos que, reconhecidos os direitos de greve e a autonomia sindical, se torna mais difícil que ocorram intervenções do Estado nos sindicatos e, como tantas vezes aconteceu durante a Ditadura, que o avanço do próprio movimento sindical seja dificultado com intervenções, cassações e medidas punitivas. (p. 21)

Porém a obtenção de grandes conquistas para os trabalhadores nessa Constituinte era realmente difícil. No boletim *A luta*, de novembro de 1987, alguns meses depois do boletim comentado anteriormente, o PT de Quixadá, diante do que noticiava o *Jornal do Brasil* sobre quais “as principais mudanças nos direitos dos trabalhadores aprovadas comissão de sistematização” na Assembleia Constituinte, fala de como, até às discussões do momento, estaria ficando a situação do “trabalhador” na Constituição que estava sendo tratada no Congresso. Assim, o título da matéria era “Trabalhador x Patrão na Constituinte”. É colocado, nesse boletim, a situação daquele momento para os trabalhadores e como ficaria a situação, se fosse aprovado o que estava sendo proposto na Constituinte. Vejamos alguns trechos da citação feita pelo boletim *A luta* do PT de Quixadá, do *Jornal do Brasil*:

Conforme publicação do *Jornal do Brasil*, essas são, até agora, as principais mudanças nos direitos dos trabalhadores aprovadas na comissão de sistematização:

Trabalhadores rurais

Como é hoje - possuem direitos trabalhistas e previdenciárias [sic] menores do que os trabalhadores urbanos.

Como fica - passam a ter os mesmos direitos dos trabalhadores urbanos.

Demissão

Como é hoje - a empresa tem o poder de demitir o empregado, que dela recebe o equivalente a um salário a título e aviso prévio. O trabalhador pode retirar o seu FGTS.

Como fica - o trabalhador só pode ser demitido por falta grave ou justa causa, fundada em fato econômico intransponível, tecnológico ou infortúnio na empresa. O FGTS foi mantido e o aviso prévio passa a ser proporcional ao tempo de serviço e nunca inferior a um salário.

[...]

Semana de trabalho

Como é hoje - a semana de trabalho tem a duração de 48 horas.

Como fica - a duração máxima da semana passa a ser de 44 horas.

[...]

Estrutura sindical

Como é hoje - o Estado pode intervir nos sindicatos. É ele quem autoriza sua criação, através do Ministério do Trabalho. A estrutura sindical baseia-se na unicidade - só um sindicato por categoria profissional numa mesma base territorial.

Como fica - o Estado não pode mais interferir ou intervir em sindicatos. A criação, funcionamento ou extinção de sindicatos serão decididos pelas assembleias de trabalhadores. O princípio da unicidade sindical foi mantido.

Greve

Como é - a Constituição reconhece o direito de greve, mas estabelece inúmeras restrições, como a necessidade de avisar os patrões com 10 dias de antecedência e quórum de dois terços nas assembleias para sua decretação. Funcionários públicos e trabalhadores de serviços considerados essenciais, eletricidade, gás, sistema bancário, não podem entrar em greve. Os tribunais do trabalho julgam se a greve é legal ou não.

Como fica - a greve é livre para todas as categorias profissionais. As restrições caíram. Não haverá julgamento da legalidade por tribunais.

[...]. (A LUTA, nov./ 1987)

A postura do PT de Quixadá, nessa matéria, é de que poucos foram os avanços para os trabalhadores. Dessa forma, aconteceu o que o partido já esperava, já que os deputados, em sua maioria, tinham práticas desvinculadas dos interesses dos movimentos sociais, não assumindo a postura pregada pelo PT. Assim, no boletim diz o seguinte:

Convenhamos, apenas algumas vantagens, se compararmos com as leis da Ditadura. Mesmo assim, os patrões, inconformados - pra eles explorar nunca é demais - estão alardeando aos quatro ventos que só falta decretar o socialismo. E os seus fiéis serviçais já caíram em campo: o senhor Virgílio Távora, constituinte biônico, considera desastrosa a proibição da demissão imotivada. Quer dizer, pra ele é um desastre que o trabalhador não seja tratado pelo empresário como uma simples máquina, substituível, a qualquer hora por outra de modelo mais novo. [...]

Mas, o pior é que não tem nada assegurado ainda a essa altura. Ainda é preciso muita luta, do contrário, o empresariado dá a volta por cima na plenária e fica tudo como estava.

Esse discurso do boletim não só coloca os interesses dos patrões como bastante diferentes dos trabalhadores, como também os defende, pregando a luta para consolidar as conquistas que, mesmo sendo poucas, comparado ao que defendia o partido, correriam o risco de ser perdidas, por conta dos defensores dos patrões, sendo que o partido coloca que um deles seria o ex-governador do estado do Ceará, Virgílio Távora.

A nova constituição, assim como outros assuntos, não interessava somente aos trabalhadores, mas também ao povo em geral, de modo que o PT, como um partido que

pretendia chegar ao poder, tinha que defender os interesses da população. A referência ao povo foi também muito presente nos discursos do PT de Quixadá.

4.2 PT como Partido do Povo

Mesmo se colocando, principalmente nos seus primeiros anos, como “Partido dos Trabalhadores”, é inegável que o PT tem sempre se referido também ao “povo”, às “organizações populares”, procurando mostrar, mesmo que confusamente, que, por defender os interesses dos trabalhadores, visa aos interesses do povo em geral, uma referência que vai se fazer cada vez mais presente com o passar dos anos e com o crescimento do partido.

Em muitos momentos, o PT fez referência ao povo, juntamente com os trabalhadores. Dessa forma, no discurso de Lula na Convenção Nacional do PT, em 1981, quando se referia a tipos de socialismos que não convinham ao PT, diz que um deles era “um socialismo burocrático que atende mais às novas castas de tecnocratas e de privilegiados que aos trabalhadores e ao povo”. (SECR. NAC. DE ORG., p. 40) Para citar outro exemplo, em 1990, quase nove anos depois do referido famoso discurso de Lula, no documento intitulado “Socialismo petista”, em um trecho que faz referência à democracia que sempre foi enfatizada pelo partido, quando este tentava explicar que tipo de socialismo o partido queria construir, diz-se que “a democracia interessa sobretudo aos trabalhadores e às massas populares”. Então, podemos perceber que, nesse trecho, são mencionados dois setores que não significavam a mesma coisa, que são os “trabalhadores” e as “massas populares”. Porém, uma das coisas que esses setores teriam em comum e que seria o que o PT sempre defendeu em seus discursos era o interesse pela democracia. No seu programa, o PT diz que “Entre as prioridades que o partido estabelece para a construção de uma democracia efetiva, está o combate a todos os instrumentos jurídicos ou policiais de repressão política usados contra os trabalhadores e contra o povo brasileiro em geral.” (SEC. NAC. DE ORG., 1986, p., 7).

Portanto, em um período de ditadura militar, “os trabalhadores” e “o povo brasileiro em geral” tinham sua liberdade política castrada por esses instrumentos repressivos. Para o PT, um partido que representasse os interesses desses setores deveria lutar pela autonomia de suas organizações. Nesse programa do PT, uma das coisas que é dito e que é interessante para as nossas reflexões é que o partido “é diferente porque respeita e defende a autonomia das organizações populares, garantia maior de sua existência como partido dos trabalhadores”. (*ibid.*, p. 6) Ou seja, associa, claramente, a defesa dos interesses dos trabalhadores com as organizações populares, portanto, organizações do “povo”. O respeito à autonomia das

organizações do povo é que garantiria a existência do partido, como sendo dos “trabalhadores”. Portanto, em muitos momentos em que colocava nos discursos sua relação com os trabalhadores, essa relação é acompanhada de alguma menção a algo que nos remete ao “popular”, ao “povo”, sendo os trabalhadores grande parte da população, uma parte considerada pelo partido como oprimida e que vende sua força de trabalho, compondo o “povo oprimido” do Brasil.

O PT, que era a favor da democracia e liberdade, contra a ditadura militar, em uma moção do seu III Encontro Nacional, de 1984, exige “a volta ao Brasil do último exilado brasileiro, Theodomiro Romeiro dos Santos”, de modo que, nessa moção, na qual se diz que o partido do mesmo é o PT, fala-se em uma “luta contínua” do “povo brasileiro” pela “liberdade e o socialismo”. Nessa moção, há referência ao “povo”, não aparecendo em nenhum momento a palavra “trabalhadores”, mesmo sendo esse Encontro Nacional em um momento que faz parte da primeira metade da década de 1980, quando era bastante recorrente a menção aos interesses dos “trabalhadores”. Diz na moção que o 3º Encontro Nacional do PT “se compromete a lutar pela sua volta [de Theodomiro Romeiro dos Santos] ao Brasil, divulgando a sua situação junto a todas as entidades democráticas e populares e ao povo, em geral”. A ditadura militar vinha caindo em desprestígio junto à população brasileira, de modo que, já em 1974, portanto, quase 10 anos antes desse Encontro Nacional do PT, tinha sofrido uma famosa derrota eleitoral, quando o MDB teve um bom desempenho nas urnas, diante da ARENA, partido do governo. Então, era normal a referência ao povo pelo PT, pois não só os trabalhadores estariam descontentes com a ditadura militar.

4.2.1 *Relação com os movimentos sociais*

Montenegro (2011, p. 1) percebe uma mudança programática no partido, em nível nacional, entre a sua fundação e o Quinto Encontro Nacional, de 1987, com relação

aos fundamentos do pensamento político predominante no interior do partido ou, ao menos, entre segmentos dirigentes da agremiação, que vão desde as direções intermediárias até a cúpula partidária. Ocorreram, no Vº Encontro, ao mesmo tempo, uma reavaliação da ideia original de que o partido não poderia ser o dirigente dos diversos movimentos com os quais se relacionava e uma aproximação entre o pensamento petista predominante e o da esquerda de massas dita “tradicional” (com elementos presentes nas tradições social-democrata e comunista). Essa transformação pode ser constatada com base na análise dos documentos oficiais do partido, em especial as resoluções dos encontros nacionais.

O cotejo das resoluções do Primeiro Encontro com as do Quinto revela que o partido transitou de uma posição que recusava o papel de organização dirigente das lutas sociais e, por conseguinte, a necessidade de adoção de definições programáticas claras, consideradas como intrinsecamente antidemocráticas, para uma outra que apostava justamente num papel dirigente para o partido (papel esse que tornava necessária uma maior clarificação dos objetivos programático-partidários).

4.2.2 Institucionalização do partido

É polêmica a questão sobre a importância dada pelo PT à atividade eleitoral e parlamentar desde o seu início. Vemos que o partido pregava, principalmente nos seus discursos, uma importância maior na sua relação com as bases. Aos poucos, com o crescimento do partido, ao longo do período estudado, o discurso, que é o nosso foco, foi se modificando, nesse sentido. Ferreira (2003, p. 115) problematiza a relação do partido com as bases. Ela diz que

Para Meneghelo, o PT dava bem menos importância à atividade eleitoral e parlamentar que os demais partidos e priorizava os laços com os movimentos sociais. Apesar de no quadro geral dos partidos no Brasil termos levado a concordar com Meneghelo, vemos que se dá, desde o início muita importância à atividade eleitoral e parlamentar, mesmo que seu discurso nos leve a pensar de forma contrária. Nesse sentido nos aproximamos da leitura de Gurgel para quem, apesar de seus discursos autogestionários, basistas e antiburocráticos, o PT não se diferenciava “no sentido estratégico, de todos os demais partidos. Ele quer o poder”.

O PT, que sempre colocou a busca pelo poder como algo importante estrategicamente, apesar de pregar também que as vitórias eleitorais apenas faziam parte de uma luta mais ampla que envolvia, principalmente, sua relação com as bases, foi vendo a conquista dos espaços institucionais criarem problemas que envolvem tal relação, fazendo com que muitos membros do partido se preocupassem com os novos rumos que ele estava tomando. Foi ficando clara a necessidade de reflexões sérias sobre uma preocupante falta de compatibilidade entre fortalecimento eleitoral e atividade partidária relacionada com as suas bases. Silva (2010) coloca que

PT iniciou a década de 1990 com influência eleitoral inimaginável em seus primeiros anos, credenciando-se enquanto partido hegemônico na esquerda brasileira, alternativa de governo e referência para os partidos populares e socialistas em vários países. Por outro lado, o crescimento eleitoral, a gestão nas prefeituras e a ênfase crescente na institucionalidade geraram mudanças substanciais que afetaram o perfil partidário, sua política e relação com os movimentos sociais. As diferentes avaliações sobre esta trajetória e suas consequências aprofundaram o realinhamento das forças internas.

O PT começou os anos 90 tendo uma força muito grande, com um potencial eleitoral que fazia o partido criar perspectivas muito fortes para o futuro, o que o seduzia a pensar mais fortemente em alianças mais amplas, visando a conquista de mais espaço institucional. No final de maio e início de junho de 1990, o PT realizou o seu VII Encontro Nacional, no qual, claro, foram feitas avaliações das eleições presidenciais do ano anterior, além do

posicionamento diante do Governo Collor, de modo que o sucesso da oposição que o partido faria a este dependeria em parte da sua capacidade de diálogo com outras forças ditas populares. Com relação a esse Encontro, Bortolon (2003, p. 3) diz que nasce dele “o entendimento de que o partido deveria ocupar espaços institucionais e elaborar uma “correta política de presença na relação com as demais frentes”, no sentido de construir um projeto estratégico do partido, definido como o “Socialismo Petista”.

Esse Encontro foi realizado quando já se tinha passado, portanto, a campanha de 1989, sendo que a candidatura Lula contribuiu para que o partido crescesse ainda mais, conquistando a simpatia de muitas pessoas identificadas com ideias de esquerda, por exemplo.

4.2.3 Apresentando a candidatura Lula

Em 1987, nos documentos do V Encontro Nacional do PT, o partido já tratava da candidatura de seu membro mais famoso, à presidência da República nas eleições que aconteceriam em 1989. Ao divulgar essa candidatura, a referência ao povo esteve fortemente presente nos discursos escritos do partido, que formaria, naquela campanha eleitoral, uma “Frente Brasil Popular”, em prol dessa candidatura, coligado com o PC do B e com o PSB, ambos considerados partidos de esquerda. Para conquistar apoio, convinha fazer um discurso que levasse em conta a relação do partido com os interesses do “povo”. Assim, um documento desse referido Encontro Nacional de 1987, era intitulado “Carta aberta ao povo brasileiro”, e seu primeiro parágrafo era curto, de duas linhas, que diziam: “O PT apresenta ao povo brasileiro o seu candidato à Presidência da República: Luiz Inácio Lula da Silva”.

Nessa “carta”, em muitos momentos em que é usado o termo “trabalhadores” ou “trabalhador”, esse vem acompanhado de alguma referência ao povo na frase.

O programa eleitoral da Frente Brasil Popular (que tinha Lula como candidato à presidente da República), que era formada pelo PT e seus aliados (PSB e PC do B) em 1989, que ia ao ar, com criatividade apresentava-se uma “rede de televisão”, intitulada “Rede Povo”, parodiando a Rede Globo de Televisão, no nome, logotipo e vinhetas. (Cf. MIGUEL, 2003, p. 9) Mesmo que o nome “Rede Povo” fosse uma paródia a Rede Globo, vemos isso como mais um momento em que o discurso de uma candidatura do PT faz referência aos interesses do povo, sendo naquela campanha já forte essa referência. Com relação ao discurso de Lula, em 1989, Soares (2002, p. 4) coloca que

A base popular da candidatura constitui um valor político proeminente para o PT em 89. No discurso de Lula, *popular* não significa um estrato social, cliente dos serviços do Estado, mas se refere ao próprio critério de legitimação dos valores políticos, a invocação das organizações do povo, principalmente os sindicatos. O adjetivo aparece ligado, também, a uma tomada de posição, numa confrontação entre, de um lado elites, grandes empresários e, de outro, os interesses populares. Não se trata, portanto, de apenas atender a compromissos ou a demandas das maiorias, mas em fazê-lo enfrentando interesses anti-populares. A oposição entre os interesses das classes na sociedade é apresentada de forma nítida, embora não doutrinária. A resistência popular à dominação das elites é legitimada pela própria evidência de injustiça em situações concretas que são apresentadas, reclamando soluções.

Portanto, os interesses “antipopulares” são contrapostos aos interesses das “elites”. Mas, a defesa dos interesses populares se daria sem a referência à uma doutrina que valeria para as diversas situações. Era essa a ideia que o PT defendia e que gostaria que fosse assimilada pelos seus filiados espalhados pelos diferentes diretórios no Brasil.

Em Quixadá, houve significativa mobilização pelo partido, em prol da candidatura de Lula, sendo aquela campanha marcante na memória de alguns entrevistados, como Luiz Oswaldo, que fala dela com um olhar especial em entrevista concedida em 26 de abril de 2011.

No boletim *A luta*, de agosto de 1987, fala-se sobre a necessidade da vitória de Lula. Em um trecho, diz-se o seguinte:

Quem todos estes últimos dez anos de política esteve ao lado do povo oprimido, do trabalhador reprimido? Quem durante os últimos dez anos sempre foi coerente com sua ideologia, sendo contrário a planos econômicos e interesses imediatos, eleitores? Se você parar alguns segundos para reflexão, certamente chegará a um único nome: Luiz Inácio da Silva - LULA. LULA, pois, para Presidente.

Assim, já em 1987, o PT de Quixadá já divulgava essa candidatura, de modo que podemos perceber a referência ao “povo oprimido”.

4.2.4 “o Quixadá do Povo”: discursos de 1988

Nas eleições de 1988, como já dissemos, Luiz Oswaldo foi o candidato petista à prefeitura de Quixadá. Mas, para que sua campanha tivesse mais chances de crescimento, seria importante que ela tivesse mais recursos financeiros e humanos. Assim, o partido entregou uma carta com um formulário em anexo para que pessoas dissessem em que elas poderiam ajudar na campanha. Na carta, não aparece nenhuma referência aos “trabalhadores”, mas, sim, ao “povo”, o que nos chama bastante atenção. Nos primeiros parágrafos da referida, diz-se o seguinte:

O povo de Quixadá exige uma transformação completa na política do município e não suporta mais viver nos mesmos moldes com que vem sendo governado até nossos dias. Exige uma mudança pra valer.

Mais que eleger alguém para assumir a prefeitura de Quixadá, trata-se criar condições para a realização de um Projeto Político-Administrativo sério que ajude a transformar uma realidade injusta. Um projeto que não interesse apenas a uma minoria privilegiada, mas que se faça em benefício de todos³².

Os argumentos utilizados no documento referem-se, portanto, a “todos” de Quixadá, um município que estaria precisando de mudanças, o que implicaria na substituição, através do voto do grupo político por outro, que teria um projeto popular, com novas práticas políticas. Sem citar o nome de nenhum político adversário, nesse documento critica o grupo que estava à frente da prefeitura havia pelo menos 15 anos, fazendo parte deste os já referidos Aziz Baquit, que estava no fim de seu segundo mandato, e Renato Carneiro, que já tinha sido prefeito e que seria o candidato da situação, apoiado pelo primeiro.

4.2.5 Discursos de 1992

No ano de 1992, percebe-se um discurso de apresentação do Partido que faz uma forte referência à sua relação com os interesses do povo, em geral. Em uma fonte ligada à candidatura de Ilário Marques a prefeito, em 1992, diz-se o seguinte:

Diante dos boatos da impugnação da candidatura do Ilário, temos a esclarecer:

[...] 2) O Ilário continua candidato, cada vez mais disposto, confiante no apoio de todo o povo de Quixadá, a cada dia, crescendo mais o número de candidatos a vereador que o apóiam e com o apoio do governador Ciro Gomes que quer ajudar o Ilário a trabalhar por Quixadá.

3) O nosso repúdio à perseguição! Nada haverá de nos afastar da vitória, povo quixadaense!³³. (V. ANEXO J)

É interessante notarmos, nesse discurso, que há referência ao apoio do governador. Nesse discurso, não é feita referência à “classe trabalhadora”, mas ao “povo de Quixadá”. O governador, no caso, “quer ajudar o Ilário a trabalhar por Quixadá”. Não é feita nenhuma referência à defesa do poder de decisão que, possivelmente, teria a “classe trabalhadora”, em um governo do PT, como os discursos da campanha petista de 1982, em Quixadá, faziam.

³² Documento ligado à campanha de Luiz Oswaldo para prefeito. Cópia do original. Arquivo do PT de Quixadá.

³³ Fonte encontrada na sede do PT/ Quixadá. O ponto 1 desse texto diz o seguinte: “A impugnação só atinge, na verdade, o candidato a vice-prefeito, professor Telmo. Mas, já estamos recorrendo ao TRE e temos a convicção de que vamos ganhar”. Portanto, o partido estava lutando na justiça contra a impugnação do candidato a vice-prefeito Gilberto Telmo Sidney Marques, sendo que um dos pontos que ele queria ressaltar nesse texto era a de que o candidato a prefeito José Ilário Gonçalves Marques não estava sendo atingido pela impugnação.

Esse referido discurso da candidatura de Ilário Marques, em 1992, não fala em “Partido dos Trabalhadores”, nem sequer usa a sigla “PT”.

Em 1992, o PT de Quixadá produziu um jornal partidário intitulado *Tribuna do Povo* e não *Tribuna dos Trabalhadores*. No primeiro número de *Tribuna do Povo* (jan. 1992), em uma matéria intitulada “O Primeiro Passo de Uma Caminhada”, é colocado o seguinte:

É um jornal de partido, sim. por que (cit) negar? Ao contrário, a razão de ser do *Tribuna do Povo* é, em último caso, fazer-lhe conhecer melhor o nosso partido, suas idéias, suas lutas, suas experiências nas prefeituras, nas câmaras, nas assembleias, no senado, e, a partir de 94, se Deus quiser, na Presidência da República. Apesar do tamanho, a cada número terá sempre um artigo de alguém que não seja do partido. Por que isso? Porque, ao tempo em que falamos à comunidade, queremos ouvi-la também. Para nós democracia é uma pista de mão-dupla. (V. ANEXO H)

Pode-se perceber que há uma referência à “comunidade” e não aos “trabalhadores”. Fala-se em democracia, mas não diz que esta está ligada aos “trabalhadores” como o discurso de José de Freitas Neto fazia. Aqui, nesse trecho, ao contrário do documento da campanha de 1992, citado anteriormente, é mencionado o partido, colocando-se a intenção de fazer com que “a comunidade” conheça “melhor” o PT, já que esse seria um “jornal de partido”. Um texto de um “jornal de partido”, nesse caso, assume características diferenciadas de um material de campanha eleitoral, como o citado acima, pois este acontece em um período em que já se firmou uma aliança com um governador de outro partido, no caso, o PSDB. Assim, a não referência ao PT acontece neste, havendo a opção de se fazer menção ao candidato, que estaria recebendo o apoio de um número crescente de candidatos a vereador, além do apoio do governador. Porém, com relação à questão de se apresentar fazendo referência aos interesses do povo ou aos dos trabalhadores, tanto o documento da campanha eleitoral, quanto o texto do jornal do partido se parecem, não havendo em ambos referência aos interesses dos “trabalhadores”. Pode parecer insignificante, mas, no texto do *Tribuna do Povo*, fala-se em PT e não em Partido dos Trabalhadores, fazendo com que não haja, nesse texto, assim como no da campanha eleitoral, a palavra “trabalhadores”. Mesmo que saibamos que são textos de uma única página, mas consideramos isso significativo para a nossa análise.

Nota-se, nesse trecho do *Tribuna do Povo*, que são citadas as “experiências” do partido nas instituições onde ele conseguiu ocupar espaço através do voto. O partido se vê diante de uma nova realidade, em que já tem conseguido espaço institucional bastante significativo e tem, dessa forma, necessidade de se referir a essas experiências nas variadas instâncias, que ele tem adentrado, eleitoralmente.

Ilário, ao falar sobre as pessoas que se envolveram na sua campanha de 1992, diz que “aí foi um momento também de grande abertura pro PT” (ENTR. 19). Vemos que essa abertura também se refletiu no discurso escrito.

4.2.6 Um discurso mais amplo, em uma campanha ampla

É interessante notar que Gilberto Telmo, ao falar de como era o engajamento da zona rural, na campanha do PT, em 1992, diferencia os militantes do PT de eleitores do Zé Páscoa, que votavam em Ilário:

Na zona rural o PT existia pontualmente, em lugares como a Califórnia, certo? No Juá, como também no São Bernardo, e tal. Mas, era pontual. Pontual. Havia distritos aí, que o PT não tinha nenhuma presença. Tinha uma coisa no Cipó dos Anjos, através do Airton Buriti, e, praticamente, não tinha nada lá na Serra do Estevão, Dom Mauricio, praticamente, não tinha nada em Juatama, depois foi que veio o Audênio, então, no Custódio quem prevalecia era o pessoal do Zé da Páscoa. O que a gente tinha no Custódio, o que tinha em Dom Maurício, eram legados do Zé da Páscoa, da pessoa Zé da Páscoa, do carisma do Zé da Páscoa. Então, militância do PT ela se fez muito presente no setor urbano, na cidade, muito mais do que nos distritos. (ENTR. 6)

Portanto, podemos dizer que a campanha de Ilário Marques incluía vários tipos de eleitores, incluindo muitos setores. Uma campanha realmente ampla, diferente das campanhas anteriores do PT, para prefeito em Quixadá, o que fazia com que crescesse a necessidade de um discurso também amplo, que se referisse muito aos interesses do povo, em geral. É interessante notar a forma como Ilário fala das pessoas que participaram de sua campanha em 1992. A sua reação à pergunta sobre quem mais havia se envolvido naquela campanha, é diferente, por exemplo, da sua reação quando perguntado sobre quem mais havia se envolvido na sua campanha para deputado estadual, em 1990. Quando perguntado sobre os mais envolvidos na campanha de 1992, diz:

Vixe! Tanta gente! Aí foi um momento também de grande abertura pro PT. Então, nós conseguimos trazer um grupo de jovens forte, pra atuar e fizemos a campanha muito corpo a corpo, a campanha nasceu pequena, mas, terminou muito grande, e aí no curso da campanha essas mesmas pessoas do diretório e tudo, estavam muito ativa e novas pessoas foram descobertas aí, por exemplo, o Cristiano Góes, foi uma das pessoas que foi descoberta em 92, ele até então, era do PDT, ele entra no PT... depois que eu assumo a prefeitura é que ele sai do PDT e depois que é convidado a ser secretário é que ele sai do PDT e entra no PT. Então, e... uma série de gente nova, que nós, na montagem do governo, nós abrimos muito pra poder fazer e dar sustentação. (ENTR. 19)

O “Vixe! Tanta gente!” é significativo, indo ao encontro da nossa percepção de uma campanha ampla, com possibilidades de ganhar as eleições, diferente das campanhas de 1988, do Luiz Oswaldo, e claro, da campanha de 1982, quando José de Freitas era candidato pelo partido, em um período de ditadura militar.

Muitos participaram daquela campanha de Ilário Marques, inclusive, pessoas que foram motivadas pelo apoio do governo do estado, então do PSDB, que possuía uma linha que, como a própria sigla dizia, mais ligada à social-democracia. O discurso da campanha foi, pelo que percebemos também, amplo, sendo forte a referência ao povo em geral. Quanto aos discursos em palanque, foram evitadas críticas ao governo do estado, o que era de se esperar devido ao apoio deste, o que era uma postura diferente das críticas que foram feitas pelo PT de Quixadá à Tasso Jereissati, que era também do PSDB, quando este foi governador no período de 1987-1990, ressaltando que, no início do governo, este pertencia ao PMDB. Tasso era aliado de Ciro Gomes, de modo que os dois, como já foi dito, vieram a Quixadá em 1992 para apoiar a candidatura petista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se enfatizar, neste trabalho, os discursos escritos do PT de Quixadá, mesmo que saibamos que a prática de um partido pode ser bastante diferente do seu discurso.

O PT, tanto nacionalmente, como em nível de Quixadá, apresentou o próprio partido como uma novidade, um partido diferente dos outros, que surgiu da luta dos trabalhadores e dos anseios populares, constituindo-se como importante instrumento na luta pela superação das condições de exploração dos oprimidos, isso se dando juntamente com a luta pela democracia. O partido, assim, era apresentado como diferente dos outros, também pelo seu funcionamento interno, que teria de ser democrático, propiciando que os seus filiados participassem de seus debates, que teriam forte relação com as bases populares.

Os documentos nacionais do PT, no período estudado, ao se referir ao partido, não só fez menção aos seus aspectos positivo, mas também tratou de problemas presentes como a falta de sucesso em tornar a maioria dos diretórios e núcleos espalhados pelo Brasil, como instrumentos fortes de conscientização dos trabalhadores, assim como transformá-los em locais para além de discussões teóricas que também fossem lugares que amadurecessem uma prática ligada às especificidades locais, já que a realidade dos trabalhadores era diferente, dependendo, por exemplo, da categoria profissional, das regiões, entre outras variações. Percebemos, nesses documentos, a presença constante de frases otimistas, colocando o PT como tendo boas perspectivas futuras e sendo bastante diferente dos outros partidos existentes no Brasil. Já nos documentos do PT de Quixadá, mesmo que no boletim *A luta* também houvesse conteúdos que indicassem como deveria ser a postura do partido, percebemos a pouca presença de menção às suas falhas, talvez, por conta da predominância do interesse em convencer de que o PT era um partido diferente.

Mesmo aberto à presença de diferentes correntes ideológicas, os documentos nacionais mostravam que o PT não era um partido meramente tático, e mesmo que englobasse várias tendências, buscava a definição de objetivos no sentido da busca das conquistas para os trabalhadores e o povo, sendo, portanto, um partido estratégico. Foi particularmente interessante nesse sentido o V Encontro Nacional do partido, realizado em 1987, que procurou deixar claro o caráter estratégico do partido, sendo nele, entre outras coisas tratadas, regularizado o direito de tendências. Nos materiais aos quais tivemos acesso no PT de Quixadá, não vemos uma discussão sobre essa questão de ser o partido estratégico, e não tático, embora tal discussão possa ter ocorrido, tendo em vista a afinidade que percebemos no discurso escrito do PT local com o nacional.

Vai contribuir para a diminuição da referência aos trabalhadores pelo partido uma situação de recuo do movimento operário no Brasil, rearticulando-se com o avanço do neoliberalismo. Assim, o PT fazia oposição Partido ao governo Collor, este que era identificado com o avanço neoliberal. Mas, o partido se deparou com uma conjuntura de início dos anos 1990, que dificultava bastante o crescimento das lutas dos trabalhadores no país, pois, o neoliberalismo em ascensão, freava as conquistas trabalhistas, com a diminuição do papel do estado.

O PT já não concordava com o socialismo real antes da queda do Muro de Berlim, mas defendia um tipo de socialismo democrático, sem a burocratização existente neste. Porém, com tal acontecimento, o partido reforçou ainda mais a crítica ao socialismo real, reforçando ainda mais o discurso em defesa da democracia, apesar de continuar defendendo o socialismo. Juntamente com isso, houve mais fortemente a necessidade de modificações em práticas e discursos, que se articulam com a nova realidade do partido em que este cresce eleitoralmente, ocupando mais espaço institucional. Portanto, a crise do socialismo real, que reforçou certas formas de pensar, que estavam ligadas a uma desarticulação dos trabalhadores. Mesmo assim, ainda vemos nos discursos do PT nacional, na apresentação que esse fazia do próprio partido um conteúdo classista no discurso, em que a referência aos trabalhadores está presente. Claro que existe, ainda mais forte do que no início, a necessidade de haver referência ao povo, em geral, visto que o partido nacionalmente tinha crescido, tendo fortes possibilidades de conquistar a presidência da república. Devemos lembrar que a coligação ligada a candidatura de Lula em 1989 foi chamada de Gente Popular, o que nos remete ao povo, em geral.

O PT de Quixadá, em geral, seguiu a linha nacional, em seu discurso, durante o período estudado. Porém isso não impediu que, em 1992, não víssemos muito presente a referência aos trabalhadores, na apresentação do partido.

Podemos dizer que, no PT de Quixadá, pelo menos durante a década de 1980, houve esforços para que ele fosse um partido que funcionasse efetivamente. Assim, apesar das muitas dificuldades, inclusive financeira, houve esforços para que o partido se reunisse com frequência, desse uma formação aos seus filiados, tivesse uma atuação junto às suas bases, organizasse a participação petista nas eleições, produzisse o seu boletim *A luta* (pelo menos entre 1985 e 1988 funcionou esse boletim) e outros materiais para efeito de comunicação. Dessa forma, algumas pessoas tiveram uma atuação ativa no partido, sendo lembradas por muitos entrevistados como exemplos de petistas atuantes e identificados com o partido, contribuindo para o seu crescimento no município, apesar, claro, de sabermos que cada

entrevistado falava desses personagens a sua maneira, com suas palavras, sendo sua memória marcada pelo lugar social. Faltaram-nos mais fontes para que tivéssemos uma visão melhor do partido em Quixadá, nos 3 últimos anos do período estudado, ou seja, de 1990 a 1992. Mas, nos discursos deste período final do nosso recorte temporal, aos quais tivemos acesso, vemos uma presença forte na apresentação que o PT de Quixadá fazia do PT de uma referência aos interesses do povo, em geral, principalmente no ano de 1992. Neste ano, em que o PT de Quixadá se saiu vitorioso nas eleições para prefeito do município, aos discursos os quais tivemos acesso não faziam muita referência aos interesses dos trabalhadores.

O PT não é homogêneo e consideramos isso no nosso trabalho, mesmo porque, como falamos, ele era dividido em tendências internas, existindo muitos projetos diferentes com relação à forma como deveria ser o partido, sua forma de pensar e agir. Muitas dessas propostas não foram aprovadas. Mas o que nós procuramos analisar aqui foram os documentos aprovados, que fizeram parte dos Encontros Nacionais e seu I Congresso Nacional de 1981, atentando, dessa forma para o pensamento predominante nessas resoluções. O PT de Quixadá também não é homogêneo, tendo existido, ao longo do período analisado, várias propostas em jogo. Assim, tendo contato com as fontes do acervo do partido, em Quixadá, sendo estas de vários tipos, tivemos contato com discursos do PT local, que pudessem nos dar indícios das mudanças e permanências das formas de apresentar o PT, atentando para a nossa problemática. Também sabemos, porém, que essa variedade de fontes poderia nos levar ao engano quanto à representatividade do pensamento petista predominante em Quixadá. Mas, mesmo assim, vemos nelas um potencial significativo para problematizarmos e fazer uma análise do processo em questão.

O contato com os depoimentos dos entrevistados e com as fontes escritas não nos propiciou saber de fato quem mais participou da elaboração dos materiais escritos do PT de Quixadá e como se davam as discussões tendo em vista isso, de modo que temos somente algumas vagas referências quanto a isso por entrevistados. Os entrevistados não lembram muito sobre essa participação, além do fato de, nas fontes escritas, não vermos menções sobre quem participava da elaboração dos materiais escritos, exceto uma carta escrita pelo militante Miguel Benedito Peixoto, que reclamava do fato de ser um dos poucos que estavam se esforçando na elaboração do Boletim *A luta*, do PT de Quixadá. Miguel era um militante que tinha, no mínimo, um conhecimento considerável acerca do que pertencia ou não à identidade partidária petista, sendo sua atuação ativa no partido reconhecida pelos entrevistados. Lamentamos muito o fato de não termos chegado a entrevistá-lo, visto que o mesmo foi morto, antes de termos entrado em contato com ele, para tratarmos da nossa pesquisa, para a

qual teria sido uma colaboração valiosa. Mas, mesmo tendo ficado essa lacuna quanto a quem participava e como se davam as discussões em torno da elaboração dos materiais escritos, acreditamos que isso não tira o mérito das nossas análises sobre o que nos propomos nesse trabalho.

A confusão que o PT faz com os termos “povo” e “trabalhadores” não nos impede de fazer considerações sobre a utilização destes pelo partido, uma vez que uma ênfase maior na defesa dos interesses de um ou de outro está relacionado com os assuntos tratados pelo partido nos documentos, sendo estes, claro, situados no tempo e no espaço. Consideramos que a referência ao “povo” ou aos “trabalhadores” devem ser levadas em consideração para se compreender a história desse partido tão marcante na história política brasileira, de modo que, às vezes, o partido usou “povo trabalhador”, e percebemos nisso um interesse de mostrar a amplitude do conjunto de pessoas que o PT procuraria representar.

Nos discursos escritos do PT, tanto em Quixadá como em nível nacional, a apresentação que é feita do próprio PT, tanto defendendo os interesses dos trabalhadores, como do povo, é a de defensor da democracia. Dessa forma, a menção à necessidade da democracia nos discursos partidários, teria que está presente na de que os mesmos tivessem participação ativa no PT.

Em Quixadá, em 1992, a atuação do partido diante dos seus militantes se deu levando em consideração mais a questão eleitoral do que a busca de um aprofundamento nas relações com as lutas populares ou uma maior participação dos militantes nas decisões partidárias.

Pelo menos até 1987, vemos presente em discursos escritos do PT de Quixadá, aos quais tivemos acesso, uma contraposição entre “trabalhador” e “patrão”. Essa é uma composição que marca a apresentação do PT como “partido dos trabalhadores”. Em nível nacional, pelo menos até 1982, ano das primeiras eleições municipais do qual o partido participa, vemos também essa contraposição em seus documentos oficiais. Até em nível estadual, tivemos acesso a um discurso em que, em um trecho, há uma referência aos patrões como tendo interesses opostos aos dos trabalhadores, estando, portanto, o PT do lado dos trabalhadores.

Mas o discurso que ressalta essa contraposição no PT, em geral, diminui com a institucionalização do partido e com o arrefecimento da mobilização dos trabalhadores.

Outra mudança que constatamos no PT de Quixadá e que se articula com as mudanças na forma de apresentar o PT foi que, para a campanha de 1992, mudou sua política de alianças, de modo que, ao longo da década de 1980, o partido criava muitos empecilhos para se aliar a outros partidos. Para fazer alianças, o PT quixadaense levava bastante em

consideração um cuidado para não romper com sua identidade partidária, levando em consideração ser o PT um partido de esquerda que veria com “maus olhos” qualquer aliança com um partido que não fosse também esquerdista. Até para alianças com partidos considerados de esquerda, o PT de Quixadá colocava dificuldades para se aliar. Porém, em 1992, essa prática mudou, fazendo o partido uma polêmica aliança com o PSDB, partido do governo estadual. Uma estrela com um bico de um tucano, muito presente na memória dos entrevistados, fez parte de “santinhos” do candidato Ilário Marques (v. ANEXO I). Este defendeu essa abertura do PT, sendo ele o candidato “natural” ao cargo de prefeito pelo partido, de modo que tinha sido deputado estadual entre 1987 e 1990 e tinha atuação partidária forte em nível estadual, tendo sido presidente do PT estadual. Ele defendia a tese de alianças democrático-populares que, para ele, o partido deveria fazer. Conseguiu, portanto, fazer uma experiência em Quixadá de aliança com o PSDB, em 1992, o que foi um dos fatores que contribuíram para sua vitória. Aquela campanha da candidatura de Ilário Marques teve a participação de pessoas de pensamentos políticos diversos.

Nos discursos escritos do PT em Quixadá, durante o período em estudo, vemos uma linguagem simples, de fácil entendimento, em comparação com muitos discursos presentes nos documentos nacionais do PT. Vemos isso como ligado às características dos documentos. Os discursos do PT nacional analisados nessa pesquisa são documentos oficiais do partido, direcionados a orientar sua atuação em todo o país, tendo que tratar de complexas questões, com a busca de definições de conceitos que servem para explicar realidades do país, ligadas, por exemplo, ao sistema capitalista. O PT, então, fazia uso nos seus discursos, muitas vezes, de elaborações feitas por intelectuais, tendo o próprio partido, desde o seu início, marcante presença de intelectuais. Embora o PT de Quixadá também tenha tido a presença de pessoas com grande capacidade de compreensão das diretrizes petistas, de percepção de elementos presentes em sua identidade partidária, estudiosos, acadêmicos ligados, por exemplo, a FECLESC-UECE, os discursos do partido em Quixadá, como seria de se esperar, possuíam uma ligação maior com situações locais, embora tratem às vezes, de questões em âmbito nacional e estadual, o que criava a necessidade de utilização de conceitos um pouco mais complexos.

As utilizações de “trabalhadores” e/ou “povo” dependeram também das circunstâncias, visto que, por exemplo, em moções do partido, feitas nos Encontros Nacionais, que estavam ligadas a greves, a repressões contra os trabalhadores, a tendência, claro, é de haver mais apresentação do partido como defensor dos interesses destes. Já em moções sobre questões,

por exemplo, de luta pela democracia em países, é natural que haja uma referência maior à solidariedade que o partido tinha para com o “povo” do país tratado.

Quanto aos entrevistados, quando estes se referiam à participação do PT de Quixadá nas eleições municipais para prefeito, era bastante recorrente uma menção às possibilidades de ganhar a eleição. Assim, quando se referiam às campanhas de José de Freitas Neto, em 1982 e Luiz Oswaldo em 1988, falam da inexistência de chances de vitória, mas o contrário acontece na campanha vitoriosa de Ilário Marques, em 1992, que se mostrava com chances de ganhar a eleição desde o começo do período eleitoral. Os entrevistados, no entanto, contextualizaram essas participações do PT de Quixadá, diferenciando esses três momentos, situando-os historicamente. Assim, os que tomaram conhecimento, na época, da campanha de José de Freitas Neto, relacionam-na com um momento ainda de início do partido, com poucos filiados, e concorrendo com as potências do período em Quixadá, candidaturas mais estruturadas. Everton Lopes, um dos entrevistados, associa bastante em sua memória, a atuação da candidatura de José de Freitas de Neto, com os empecilhos colocados pela ditadura militar. Assim, na sua fala, menciona a falta de liberdade para juntar pessoas para uma reunião da candidatura, pois, o medo por parte dos quixadaenses de sofrerem perseguições era para ele visível. Quando os entrevistados se referiam à candidatura de Luiz Oswaldo para prefeito, em 1988, embora reconheçam que foi uma candidatura com possibilidades maiores de ter votos do que a de José de Freitas Neto, seis anos antes, falam que era muito difícil derrotar as duas concorrentes mais fortes, estando uma mais ligada a um desejo de mudança, a do Dr. Francisco Martins de Mesquita, e a outra ao grupo que governava Quixadá havia mais de uma década, a de Renato Carneiro. Já quando se referem ao pleito de 1992, o tom muda, surgindo para muitos a lembrança da vitória, mesmo que tenha sido conquistada com muito sacrifício. Essa menção pelos entrevistados às possibilidades de vitória está ligada à importância que o partido em Quixadá, assim, como nacionalmente, sempre deu a busca pela conquista do executivo, apesar de também ressaltar que isso fazia parte de uma luta mais ampla pelas conquistas populares e dos trabalhadores.

Nas entrevistas, vemos muito presente um olhar para o PT do período analisado, tanto de Quixadá, como nacionalmente, como um partido bastante diferente do que é hoje. Alguns falam disso, vendo muita naturalidade, já que o partido cresceu, aumentando também sua presença nos governos, o que trazia uma abertura para novas práticas, com novas alianças. Notamos também que outros encaram as transformações do partido, com um olhar negativo, preferindo o PT dos seus primeiros anos, que teria sido mais fiel a seus princípios. Não temos

dúvidas de que essas posturas em relação ao partido no presente, marcaram a fala dos entrevistados sobre o período analisado por nós.

Seria interessante que pesquisadores no futuro embarcassem na tentativa de analisar o PT de Quixadá, depois da presença no poder, ou seja, a partir da administração de Ilário Marques, que teve início em 1993. Fontes existem para isso e esperamos ter contribuído para esses futuros trabalhos desses pesquisadores, que poderão problematizar as considerações feitas por nós, a partir de novos focos, novas abordagens e motivações.

Podemos dizer que variadas são as pesquisas sobre o Partido dos Trabalhadores, cada uma com um enfoque diferente, dando sua valiosa contribuição para o entendimento da trajetória deste polêmico e intrigante partido. Este nosso trabalho procurou dar a sua contribuição para os debates acadêmicos sobre os discursos petistas. Sabendo que a história desse partido causa muitas inquietações, estamos certos de que outros esforços virão por parte dos historiadores e profissionais de outras áreas, revendo os discursos com os olhares que o lugar social permite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGGIO, Alberto. A cultura política do petismo. Referência obtida via base de dados: In: **Gramsci e o Brasil**. ACESSA.COM: mais comunicação, 2004. Disponível em: <<http://www.acessa.com/gramsci/?id=410&page=visualizar.>> Acesso em 19 dez. 2010.

ALBUQUERQUE, Denise de Jesus. **As transformações do Partido dos Trabalhadores: uma análise histórico-política da fundação ao governo Lula**. II Jornada Internacional de Políticas Públicas, Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, 2005. Disponível em: <http://www.gaepp.ufma.br/site/producao_cientifica_userview/download.php?id=185> Acesso em 11 fev. 2012.

ALENCAR, Francisca Elenir de Oliveira. **A importância da formação do Partido dos Trabalhadores quixadaense na visão de seus fundadores**. 2009. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, Ceará. 2009.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Crise e poder**. São Paulo: Cortês: Autores Associados, 1984. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 11)

ARAÚJO, Geovan Nobre de. **Ocasos e auroras no cenário político quixadaense: A campanha e a eleição de Ilário Marques em 1992**. 2007. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, Ceará. 2007.

ARVERICH, Miguel Espar. **Ler a sociedade em chave dialógica: amostra em discursos do Partido dos Trabalhadores (PT)**. Revista Investigações. Vol. 22, n. 2, Julho/2009. Disponível em <www.ufpe.br/.../Vol.../Investigacoes-Vol22-N2-Miguel-Espar-Argerich.pdf> Acesso em 03 jun. 2011.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: Especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARREIRA, César. **Trilhas e atalhos do poder: conflitos sociais no sertão**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

BORGES, Arleth Santos. **PT Maranhão 1980-1992: origens, organização e governos municipais**. São Luís: EDUFMA, 2008.

BORTOLON, Flávia Okumura. **O Fetichismo do Estado: o PT e as primeiras contra-reformas neoliberais no Brasil**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Grupo de Estudos de Política da América Latina, Universidade Estadual de Londrina, 2003. Disponível em: <www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/.../completos/flaviaokumura.pdf> Acesso em: 13. jul.2012.

CAMARGO, Wander Amaral. **A Igreja Católica e a CUT**. Revista Varia Scientia, v. 5, n. 9, ago./2005. Disponível em: erevista.unioeste.br/index.php/variascientia/article/download/44/30. Acesso em: 10 jun.2011.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly de. **Transição democrática brasileira e padrão midiático publicitário da política**. Campinas, SP: Pontes; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.

COMISSÃO NACIONAL PROVISÓRIA DO PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Carta de princípios**, 1979, p 6. Disponível em: www.pt.org.br/portaltpt/dados/.../c091003192854cartadeprincipios. Acesso em 16 jun.2011.

COSTA, João Eudes Cavalcante. **Retalhos da História de Quixadá**. Fortaleza: ABC Editora, 2002.

COSTA, Maria das Graças e MUNIZ, Altamar. **Formação de lideranças: Práticas em construção no SINDSEP**. Quixadá: Artcom, 2007.

COUTINHO, Carlos Nélson. **Democracia e socialismo: questões de princípio e contexto brasileiro**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. **O feminino na sombra: relações de poder na CUT**. Fortaleza: EUFC, 1998.

FERNANDES, Florestan. PT: os dilemas da organização. In: BOGO, Ademar (Org.) **Teoria da organização política**. Vol. 2, 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FERREIRA, Jaqueline. **A questão do Partido distinto em Marx e as raízes ideo-políticas do Partido dos Trabalhadores**. Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Grupo de Estudos de Política da América Latina, 2003. Disponível em: www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/.../jaquelineferreira.pdf >. Acesso em: 10 jun.2011.

_____. **O Partido dos Trabalhadores e os Núcleos de Base**. Dissertação de Mestrado; Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2008, p. 110. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/.../ferreira_j_ms_mar.pd... > Acesso em: 07 jun.2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Uso e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes e FORTES, Alexandre. Memórias do PT: as vozes de seus construtores. In: FICO, Carlos [et al.]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FORTES, Alexandre. **Reflexões sobre o lugar do PT na História da esquerda brasileira.** In: _____ (Org.) *História e perspectivas da esquerda*. 1. ed. São Paulo/Chapecó: Editora Fundação Perseu Abramo/ Argos, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2007.

FREITAS, Antônio de Pádua Santiago de. **Práticas urbanas no processo civilizador capitalista.** 2010.

FREITAS NETO, Valentim Francisco de. **PT poder e PT sindical (1993 – 1996).** 2000. Monografia (Especialização em História da Ceará) – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, Ceará. 2000.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral:** possibilidades e procedimentos. Imprensa oficial, SP. Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2002.

GONÇALVES, Maxlander Dias. **Veja** - uma História do PT e do Primeiro Governo Lula sob a ótica das notícias. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2009. Disponível em: <<http://www.historia.ufes.br/content/dissertações-turma-2007-texto-integral>>. Acesso em: 09 jul. 2012.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. **Clientelismo e modernidade nas políticas públicas:** os “governos das mudanças” no Ceará (1987 – 1994).

HECKER, Alexandre. O socialismo brasileiro: a outra esquerda. In: MAZZEO, Antonio Carlos e LAGOA, Maria Izabel (Orgs.). **Corações vermelhos:** os comunistas brasileiros no século XX. São Paulo: Cortez, 2003.

IASI, Mauro Luis. **As metamorfoses da consciência de classe:** o PT entre a negação e o consentimento. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

KECK, Margareth E. O “novo sindicalismo” na transição brasileira. In: STEPAN, Alfred (Org.). **Democratizando o Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **PT: A lógica da diferença.** O Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira. São Paulo, Ática, 1991.

KHOURY, Yara Aun. **Narrativas orais na investigação da História Social.** Projeto História, n. 22, São Paulo: EDUC, 1981, pp. 109-103.

LACERDA, Gislene Edwirges de. **O retorno ao pluripartidarismo brasileiro:** a fundação do Partido dos Trabalhadores e a “Carta de Princípios”. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 set. 2008. CD-ROM.

Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/st25_xix_prog.htm>. Acesso em 7 jun.2011.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In: História e memória*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Cristiane Leyendecker de. **Relação Partido/Sindicato: um estudo de caso**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Departamento de Ciência Política, Universidade de Brasília, 2004. <bdtd.bce.unb.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?...16>. Acesso em: 7 jun. 2011.

LIMA, Francisco Erinaldo Roberto de. **A crise na atividade algodoeira e o impacto na economia quixadaense (1985-2003)**. 2004. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, Ceará. 2004.

MARTINEZ, Paulo Henrique. O partido dos trabalhadores e a conquista do Estado (1980-2005). *In: RIDENTI, Marcelo e REIS, Daniel Aarão (Orgs.) História do Marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960*. Campinas: SP, Editora da UNICAMP, v. 6, 2007.

MENEGUELLO, Rachel. **A face dominante da esquerda brasileira: avanços, mudanças e dilemas do Partido dos Trabalhadores**, Cadernos ADENAUER (São Paulo), Vol. 4, FAC.1, pp.39-56. São Paulo, 2003, pp.39-56.

MIGUEL, Luiz Felipe. **Discursos Cruzados: telenoticiários, HPEG e a construção da agenda eleitoral**. Trabalho apresentado ao XII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), Recife/PE, 2 a 6 de jun. 2003. Disponível em: <vsites.unb.br/fac/comunicacaoopolitica/LuisFelipe.pdf> Acesso em: 2 jul. 2012.

MORAIS FILHO, José Filomeno de. Ceará: **O subsistema partidário e o retorno ao multipartidarismo**. *In: LIMA JÚNIOR, Olavo Brasil de (Org.)*. O sistema partidário brasileiro: Diversidades e tendências, 1982-94, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

MUNIZ, Altemar da Costa. **Trajetórias de vida, espaços de sociabilidade, e projeto político da burguesia “mudancista” cearense (1978-1986)**. 2007. Tese (Doutorado em História em Social) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NUNES, Paulo Giovani Antonino. **O Partido dos Trabalhadores e a política na Paraíba: construção e trajetória do partido no estado (1980-2000)**. João Pessoa: Sal da Terra, 2004.

_____. **O Partido dos Trabalhadores e o Socialismo: uma relação ambígua e/ou “letra morta”?** Saeculum - Revista de História, n. 17, João Pessoa, jul/dez, 2007. Disponível em: <www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum17_dos06_nunes.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2011.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. A dimensão educativa do partido político. Fortaleza: Expressão, 1991.

OLIVEIRA, Ueber José de. **Desempenho político-eleitoral do Partido dos Trabalhadores, no Espírito Santo, nas eleições de 1982 a 2002**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) –

Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2008. Disponível em:
< <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=342>>
Acesso em: 18 fev. 2012.

OLIVEIRA, Lucimar Moreira de. **Governando Quixadá** – o clientelismo nas práticas políticas da elite industrial de Quixadá – (1972 – 1982). 2001. Monografia (Graduação em História). – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, Ceará. 2001.

PAIVA, Diogo Henrique da Silva. **PT E PSDB: Dois Programas de Governo, um projeto para o Brasil**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Departamento de Antropologia, Filosofia e Política da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2006.
Disponível em <www.fclar.unesp.br/possoc/teses/diogo_henrique_da_silva_paiva>
Acesso em: 2 jun. 2011.

PINHEIRO, Eudes Johnson. **Práticas políticas de Quixadá – de 1985 a 1998**. 1998. Monografia (Graduação em História). – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, Ceará. 1998.

SADER, Emir (org.) **E agora, PT?** Caráter e identidade. São Paulo: brasiliense, 1986.

SECRETARIA NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO (Org.). **Programa, manifesto e discurso da convenção de 81**. 1986, p. 6.

SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO POLÍTICA. **O que é o Partido dos Trabalhadores**. 4. ed., São Paulo: 1995, p. 35.

SECRETARIA NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO (Org.). **Programa, manifesto e discurso da convenção de 81**. 1986.

SILVA, Antônio Ozaí da. **Esboço para a História da Esquerda no Brasil**. Espaço Plural, Ano X, Nº 20, 1ª sem. 2009. Disponível em:
<e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/download/.../186...>
Acesso em: 11 jul. 2012.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2010.

SINGER, André Vitor. **Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro: A Identificação Ideológica nas Disputas Presidenciais de 1989 e 1994**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SOARES, Murilo C. **Lula na TV: aspectos e limitações da retórica eleitoral do PT**. Trabalho apresentado ao XI Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), Rio de Janeiro/RJ, 4 a 7 jun. 2002. Disponível em:
<vsites.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/Murilo2002.pdf> Acesso em: 2 jul. 2012.

SOUSA, Manoel Alves de. **“Entre as Alvas Plumas e o Canto da Coruja”** - a relação da cotonicultura com a questão da educação em Quixadá. 1997. Dissertação (Mestrado em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.

SOUZA, Américo. **Interpretações de gestos e sentimentos:** a teatralidade nas narrativas da história oral. História Agora: a Revista de História do Tempo Presente, n. 9, 2010. Disponível em: <www.historiagora.com/dmdocuments/revista9_DOSSIE_9.pdf>. Acesso em: 26 maio 2011.

SOUZA, Claudio André de. **O novo tempo do PT:** notas sobre as transformações de uma estrela. Revista Em Debate, Belo Horizonte, v.2, n.12, p.6-10, dez./2010. Disponível em: <www.historiagora.com/dmdocuments/revista9_DOSSIE_9.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2012.

SOUZA, Isabel Ribeiro de Oliveira Gómez de. **Trabalho e política:** as origens do Partido dos Trabalhadores. Petrópolis: Vozes, 1988.

SOUZA, Lincoln Moraes de. **Estado e democracia no programa do PT e nos governos petistas.** CADERNO CRH, Salvador, n. 35, pp. 227-262, jul./dez.2001. Disponível em: <www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=919&article...>. Acesso em: 1 set. 2007.

TEODÓSIO, José Gonçalo. **Um perfil da cultura algodoeira e o impacto sócio-econômico de sua decadência no município de Quixadá. (1985-1995).** 2000. Monografia (Especialização em História do Ceará) – Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará, Quixadá, Ceará. 2007.

DOCUMENTOS CITADOS

I CONGRESSO NACIONAL DO PT: Conjuntura. Referência obtida via base de dados: *In: Congressos Nacionais do PT - Resoluções.* Fundação Perseu Abramo, 2010. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/congressos-nacionais-do-pt-resolucoes>> Acesso em: 10 fev. 2011.

I CONGRESSO NACIONAL DO PT: Partido. Referência obtida via base de dados: *In: Congressos Nacionais do PT - Resoluções.* Fundação Perseu Abramo, 2010, p. 1. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes>>. Acesso em: 07 jun. 2011.

I CONGRESSO NACIONAL DO PT: Socialismo. Referência obtida via base de dados: *In: Congressos Nacionais do PT - Resoluções.* Fundação Perseu Abramo, 2010. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes>>. Acesso em: 7 maio 2011.

II ENCONTRO NACIONAL DO PT: Plataforma Eleitoral Nacional. Referência obtida via base de dados: *In: Encontro Nacionais do PT - Resoluções.* Fundação Perseu Abramo, 2010. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes>>. Acesso em 31 mai. 2011.

II ENCONTRO NACIONAL DO PT: Plataforma Eleitoral Nacional. Referência obtida via base de dados: *In: Encontro Nacionais do PT - Resoluções*. Fundação Perseu Abramo, 2010. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes>> Acesso em 31 mai. 2011.

III ENCONTRO NACIONAL DO PT: Regimento Interno do Partido dos Trabalhadores. Referência obtida via base de dados: *In: Encontro Nacionais do PT - Resoluções*. Fundação Perseu Abramo, 2010, p. 1. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes>> Acesso em 10 fev. 2011.

IV ENCONTRO NACIONAL DO PT: Plano de ação política e organizativa do Partido dos Trabalhadores para o período 1986/87/88. Referência obtida via base de dados: *In: Encontro Nacionais do PT - Resoluções*. Fundação Perseu Abramo, 2010, pp. 32-33. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes>>. Acesso em: 10 ago.2012.

V ENCONTRO NACIONAL DO PT: Carta aberta ao povo brasileiro. Referência obtida via base de dados: *In: Encontro Nacionais do PT - Resoluções*. Fundação Perseu Abramo, 2010, p. 1. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes>>. Acesso em: 7 jun. 2011.

V ENCONTRO NACIONAL DO PT: Resolução sobre tendência. Referência obtida via base de dados: *In: Encontro Nacionais do PT - Resoluções*. Fundação Perseu Abramo, 2010. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes>> Acesso em 10 fev. 2011.

VII ENCONTRO NACIONAL DO PT: Conjuntura e Tática. Referência obtida via base de dados: *In: Encontro Nacionais do PT - Resoluções*. Fundação Perseu Abramo, 2010. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes>> Acesso em 15 jun. 2011.

VII ENCONTRO NACIONAL DO PT: O socialismo petista. Referência obtida via base de dados: *In: Encontro Nacionais do PT - Resoluções*. Fundação Perseu Abramo, 2010, p. 1. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/memoria-e-historia/documentos-historicos/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes>>. Acesso em: 7 jun.2011.

Ao povo cearense. Carta da Executiva do Partido dos Trabalhadores no Ceará, 21 nov.1982. Fortaleza, Ceará. Fornecido por Cristiano Goes, membro do Comitê Jovem ligado à candidatura a prefeito de Ilário Marques.

ATA da reunião do diretório municipal do PT de Quixadá, de 31 de maio de 1988.

Documento ligado à campanha de Luiz Oswaldo para prefeito. Cópia do original. Arquivo do PT de Quixadá.

Material encontrado no Arquivo do PT de Quixadá, com *slogans* de candidatos a vereadores do PT de Quixadá, na eleição de 1988.

AValiação da campanha municipal do PT/88”, 28. 11. 1988. Arquivo do PT de Quixadá.

A VITÓRIA do pessoal do Cortiço. **A luta**, Quixadá, ano 1, set. 1985. Arquivo do diretório do PT de Quixadá.

BOLETIM do diretório, intitulado “A LUTA”, ano I - Nº 01 - 15 de fevereiro de 1986. Arquivo do diretório do PT de Quixadá.

CONSTITUINTE - sem ilusões. **A luta**, Quixadá, ano 1, set. 1985. Arquivo do diretório do PT de Quixadá

FAZENDA Aracê, calúnia e violência. **A luta**, Quixadá, ano 1, set. 1985. Arquivo do diretório do PT de Quixadá.

FREITAS NETO, José. Discurso datilografado na campanha eleitoral de 1982, arquivo do PT de Quixadá.

MARQUES, José Ilário Gonçalves. **Eleições 88 e a luta dos trabalhadores** - Discurso escrito. 1988. Arquivo do PT de Quixadá. 1 p.

O PRIMEIRO Passo de Uma Caminhada. **Tribuna do Povo**, Quixadá, ano 1, jan. 1992.

OPOSIÇÃO à comissão regional destituída”. **“História do PT no Ceará”**, datado de 05 de julho de 1981 [05 de agosto de 1981?], p. 1. Material do arquivo do PT de Quixadá.

PANFLETO que trata da impugnação da candidatura de Gilberto Telmo, em 1992, produzido pela campanha de Ilário.

SANT’IAGO, Luiz Osvaldo. Texto datilografado, 1988, arquivo do PT de Quixadá.

TRABALHADOR x Patrão na Constituinte. **A luta**, Quixadá, ano 1, set. 1985. Arquivo do diretório do PT de Quixadá.

JORNAIS

DIÁRIO DO NORDESTE, Fortaleza: Fundação Edson Queiroz, 6 jun. 1992. Acervo Biblioteca Pública Padre Clineu Ferreira, Quixadá, Ceará.

DIÁRIO DO NORDESTE, Fortaleza: Fundação Edson Queiroz, 3 ago. 1992. Acervo Biblioteca Pública Padre Clineu Ferreira, Quixadá, Ceará.

OLHO NU, Quixadá: Faculdade de Educação, Ciência e Letras do Sertão Central, n. 2, 12 dez. 1988. Acervo: Francisco Cristiano Góes.

O POVO, Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 17 mar.1981. Acervo PT-Quixadá, Ceará.

TRIBUNA DO CEARÁ, Fortaleza, 9 abr. 1992. Acervo PT-Quixadá, Ceará.

APÊNDICE

RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS

Todas as entrevistas foram gravadas em fitas cassete e, posteriormente, transcritas, estando disponíveis nos arquivos do pesquisador.

Núm.	Data	Entrevistado
1	27.2.2011	Maria das Graças Costa, militante petista e sindicalista em grande parte do período analisado.
2	31.3.2011	Aírton Buriti Lima, militante petista e candidato a vereador pelo partido em 1988 e 1992, em entrevista realizada em março de 2011.
3	1.4.2011	Aírton Buriti Lima, militante petista e candidato a vereador pelo partido em 1988 e 1992, em entrevista realizada em março de 2011.
4	7.4.2011	Maria Prima, tesoureira do partido no fim da década de 1980.
5	26.4.2011	Luiz Oswaldo Sant' Iago Moreira de Souza, candidato a prefeito pelo PT em 1988.
6	7.5.2011	Gilberto Telmo Sidney Marques, candidato a vice-prefeito no início da campanha de 1992, na chapa encabeçada por Ilário Marques do PT.
7	11.5.2011	Angelita Duarte, militante petista atuante no fim da década de 1980 e no início da década de 1990
8	24.5.2011	Nilton César Costa da Silva, militante petista atuante no fim da década de 1980 e no início da década de 1990
9	03.6.2011	Francisco Edison Eugênio de Sousa militante do Partido dos Trabalhadores durante a campanha de Ilário Marques à prefeitura de Quixadá em 1992.
10	07.6.2011	Nilton César Costa da Silva, candidato a vereador em 1992, pelo PPS, militando na campanha petista de Ilário Marques, em 1992.

11	10.6.2011	Francisco Edisom Eugênio de Sousa, militante do Partido dos Trabalhadores durante a campanha de Ilário Marques à prefeitura de Quixadá em 1992.
12	9.9.2011	Francisco Edsom Eugênio de Sousa militante do Partido dos Trabalhadores durante a campanha de Ilário Marques à prefeitura de Quixadá em 1992.
13	5.10.2011	Everton Lopes, ex-militante do PCB, e que se envolveu com o PT de Quixadá, nos primeiros anos deste partido.
14	9.10.2011	Everton Lopes, ex-militante do PCB, e que se envolveu com o PT de Quixadá, nos primeiros anos deste partido.
15	20.10.2011	Rinaldo Roger, membro do Comitê Jovem ligado à candidatura de Ilário Marques, em 1992.
16	7.11.2011	Hélio Duarte, membro do Comitê Jovem ligado à candidatura de Ilário Marques, em 1992.
17	9.11.2011	Rinaldo Roger, membro do Comitê Jovem ligado à candidatura de Ilário Marques, em 1992.
18	11.12.2011	Cristiano Goes, militante que participou do Comitê Jovem, ligado à candidatura petista para prefeito, em 1992.
19	15.12.2011	José Ilário Gonçalves Marques. Deputado Estadual pelo PT (1987-1990) e candidato a prefeito vitorioso pelo PT em 1992.
20	31.12.2011	Cristiano Goes, militante que participou do Comitê Jovem, ligado à candidatura petista para prefeito, em 1992.

ANEXOS

ANEXO A – Discurso de José de Freitas Neto, o Freitinhas, então candidato à prefeitura de Quixadá pelo Partido dos Trabalhadores em 1982

Companheiros e Companheiras,

Como candidato a prefeito do Partido dos Trabalhadores o que lhes deveríamos dizer?

Porventura, deveríamos dizer que, se eleito, construiríamos um ginásio de esportes, como promete o PDS, ou o campo de aviação, como deseja um candidato a deputado federal do PMDB?

Evidentemente que não, Companheiros. O Partido dos Trabalhadores não promete. O Partido dos Trabalhadores veio para organizar todos os trabalhadores, juntar todos de um só lado e, assim, democraticamente, levar a classe trabalhadora ao poder, agindo sempre pela decisão da maioria.

O candidato do Partido dos Trabalhadores não diz aos trabalhadores o que vai fazer, mas sim pergunta aos trabalhadores o que deve ser feito, porque, efetivamente, o Partido dos Trabalhadores é o único partido democrata realmente de todos esses partidos hoje existentes, apesar de toda a propaganda em contrário por parte dos inimigos da classe trabalhadora.

O Partido dos Trabalhadores - é necessário que todos nós aqui presentes entendamos bem isso - não é como os outros partidos que impõem à classe trabalhadora o seu programa de governo. Para o Partido dos Trabalhadores quem tem de definir o programa de governo são os trabalhadores, em assembleias, dentro dos sindicatos, nas comissões de fábrica, nos conselhos de bairro etc. E sabem qual a razão disso, Companheiros? É porque os outros partidos são dos patrões. Os outros partidos apenas se servem da classe trabalhadora como escada para subir ao poder, mas, de fato, o seu compromisso é com os patrões e os interesses dos patrões são o oposto dos interesses dos trabalhadores, ^{Atual!} porque o bangalô do dono da usina não é o casebre do carreteiro, o lucro do comerciante não é o salário míngua do balconista nem o carro bonito do latifundiário é o jumento cansado do agricultor.

2
ter sem terra.

O Partido dos Trabalhadores, Companheiros, representa hoje, como diria Jesus, a salvação da classe trabalhadora. Ou nós, os trabalhadores, nos unimos em torno de num Partido nosso, para chegarmos ao poder, ou irremediavelmente iremos viver na miséria, sem sermos donos do que produzimos, construindo mansões e morando em choupana, criando boi para o rico comer carne, e sem podermos, sequer, tratar de um dente. *comida feijão se come algum e não*

Só vamos mudar de vida, Companheiros, quando nós, os trabalhadores assumirmos o poder. Isso está provado pela História. O governo dos patrões é bom para os patrões, mas sempre foi e será péssimo para os trabalhadores.

Os patrões fazem algumas mudanças, às vezes até melhoram um pouquinho, mas jamais resolverão os problemas da classe trabalhadora. E sabem porque, Companheiros? Porque se os patrões nos derem tudo a que temos direito, ~~mas~~ ^{mas} nós igualamos a eles e, logo, desaparecerá a figura do patrão e eles não abrem mão disso porque estão gostando de morar nas melhores casas, comer as melhores comidas e, ainda por cima, vivendo sem fazer nada, na maioria dos casos.

Então, o que temos a fazer, Companheiros? Temos de nos organizar e nos unir, pois a união faz a força, para, então, organizados, unidos e desiludidos das promessas patronais, assumirmos, democraticamente, o poder.

Devemos ficar atentos, Companheiros, para os golpes dos inimigos da classe trabalhadora. Vocês vêem que o Partido dos Trabalhadores não quer outra coisa senão levar os trabalhadores ao poder, ou seja, implantar a verdadeira democracia, onde os trabalhadores que tudo fazem, possam desfrutar do que produzem. Pois bem, o que dizem os nossos inimigos? Dizem, como que para assombrar o povo, que somos comunistas. Vamos, então, de público, para que não paire nenhuma dúvida, dizer quem somos nós do Partido dos Trabalhadores. Nós somos a favor do governo dos trabalhadores, a favor de que os trabalhadores trabalhem, mas digam o que deve ser.

trabalhadores

trabalhadores, Companheiros

presente.

feito do seu trabalho. Nós somos a favor, por exemplo, de que os trabalhadores discutam o orçamento municipal, estadual e federal, dizendo em que deve ser aplicado o seu dinheiro arrecado em forma de imposto. Nós somos a favor, também, de que os trabalhadores, a qualquer tempo, possam se reunir e cassar o mandato do candidato eleito, quando este não estiver mais merecendo a sua confiança. Nós somos a favor, ainda, de que o Estado dê trabalho a todo mundo, não pertindo que ninguém viva sem trabalhar, afora os inválidos, às custas de quem trabalha, assim como garanta gratuitamente assistência médico-hospitalar e estudo para todos. Essas são as nossas posições. É isso que chamam de comunismo? Se for, tudo bem, mas nós preferimos chamar isso de democracia que outra coisa não é senão o governo da maioria, que são os trabalhadores!

Evidentemente, os patrões têm ódio do PT porque sabem que, organizando e conscientizando a classe trabalhadora, o Partido dos Trabalhadores vai jogar por terra o governo dos patrões. Isso os faz desesperar. Eles sabem que, com os trabalhadores no governo, a coisa vai ser diferente.

Vejamos apenas dois exemplos. O orçamento do município de Quixadá este ano é de 360 milhões, isso quer dizer que o município espera arrecadar, em 82, 360 milhões de cruzeiros de imposto. Pois bem, desses 360 milhões ^{19 milhões} foram colocados à disposição do gabinete do prefeito, verba essa que o prefeito pode utilizar como quiser. Isso é um crime. Se esse dinheiro fosse comprado de remédio, daria para atender gratuitamente a toda a população pobre de Quixadá. Outro exemplo. Agora o município está gastando um absurdo num hotel luxuoso à saída da cidade. Isso é outro crime contra os trabalhadores. A quem vai servir o hotel? A meia dúzia de burgueses. De trabalhadores só vão entrar lá os vigias e garçons. Será que, se os trabalhadores tivessem tido a oportunidade de dizer em que deveria ser aplicado o dinheiro do hotel não o teriam aplicado na construção de novas salas de aula, por exemplo?

Por isso o PT não diz ao trabalhador o que pretende fazer, mas sim pergunta ao trabalhador o que deve ser feito.

D

Ainda teríamos muita coisa a lhes dizer, Companheiros, mas o comício tem de terminar logo porque ^{no} vocês são trabalhadores e ^{tem} o que fazer. Deixem estar, vamos nos encontrar ainda muitas vezes porque o nosso partido, o Partido dos Trabalhadores, não é como os outros que, depois do dia 15 de novembro, fecham suas portas para só as abrir nas vésperas de outra eleição.

30/10/82

ANEXO B – Panfleto da campanha de Luiz Oswaldo em 1988:

QUIXADÁ

PT

É hora de

APRENDER.

VOTE NO PT

Para Vereador
ARILTON BURITI
Nº 13.000 - PT



PROFESSOR LUIZ OSWALDO
Nº 13901 - Prefeito - PT

Escolhido, depois de ampla discussão, pela classe trabalhadora de Quixadá, para ser o candidato a Prefeito do Partido dos Trabalhadores, o Professor Luiz Oswaldo entra na luta, com a mesma raça e coragem com que enfrentou outras batalhas em benefício da comunidade.

Professor, bancário, escritor, é militante do PT há alguns anos e está sempre disponível para assessorar a luta dos professores, dos estudantes, dos trabalhadores rurais, dos comerciantes e de quaisquer outras categorias que se organizem, recebendo convites também de outros estados.

Seu trabalho em prol da educação é reconhecido por todos, inclusive pelos que lhe fazem oposição.

Assim, semeou escolas de 1º e 2º grau por toda a zona rural de Quixadá, numa época em que tais empreendimentos não eram sequer imaginados. Foi o seu empenho e dedicação que fez brotar da comunidade esta obra de valor inestimável que é a nossa Faculdade que conquistou um lugar de destaque no cenário educacional do estado pela seriedade e a competência.

Sonha com um mundo novo, diferente, justo. E luta para que isto aconteça. Não acredita em Paz sem justiça, e trabalha por uma sociedade mais humana.

Pretende continuar esta luta sempre, mesmo que não seja para participar da colheita: "... quando passarem a limpo, quando cortarem os laços, quando soltarem os cintos, façam a festa por mim!"

Dr. ARILO
Vice - PT

Dr. Arilo, eng. agrônomo, há 10 anos trabalha junto às comunidades rurais de Quixadá, assessora os projetos de desenvolvimento comunitário, imigração, agricultura e pecuária. Apoiava as organizações dos trabalhadores rurais e pequenos proprietários, debatendo com o homem do campo suas necessidades, o que deve ser feito, onde e como, num processo participativo e democrático.

Na luta pela verdadeira Reforma Agrária, apoia os movimentos sociais e a luta dos trabalhadores rurais. "É hora de aprender. Vote no PT."

ANEXO C – Panfleto da campanha de Luiz Oswaldo em 1988:

QUIXADA

PT A VIRADA



Quixadaense,

Mais uma vez me ponho à disposição da comunidade quixadaense para, sufragado pelo seu voto, dispor de minha força de trabalho e da experiência que adquiri à força do estudo e da prática, com a finalidade de desenvolver uma ação mais eficiente e eficaz em prol desta coletividade.

Dos sonhos disse alguém que acreditasse neles. E eu acredito como de outras feitas o fiz e não me arrependi. E o sonho que me assalta quando me exponho ao julgamento de seu voto, é o sonho de um Quixadá mais feliz, onde todas as pessoas comam todo dia e tenham onde reclinar a cabeça e vejam os filhos crescerem em condições humanas de viver.

“Quero utopia,
quero tudo e mais
quero a felicidade nos olhos de um pai!”

É por isto, simplesmente por isto, que me junto ao clamor dos mais pobres, dos mais injustiçados, dos mais desesperados, com a coragem de dizer e a certeza do fazer, para pedir o seu voto em troca da nossa luta.

A nossa eleição para a Prefeitura e a dos nossos candidatos para a Câmara Municipal é mais que o exercício do voto e da escolha; é um compromisso com um dia novo. Como tem sido a nossa luta até agora.

Acredite no Novo.

“Eu ando doido pra ver o meu sonho teimoso se realizar!”

Prof. Luiz Oswaldo

AMIGOS DO TRABALHADOR

Nesta época de eleições, os trabalhadores **ganham** muitos “amigos”.

Todos assim se proclamam nos discursos, nos panfletos, nas promessas, nas canções: Amigos do Trabalhador.

Algumas perguntinhas para os trabalhadores:

1. **AO TRABALHADOR DO CAMPO** - Na emergência, na seca, quando vocês apanharam da polícia e foram presos, o Prof. Luiz Oswaldo estava com vocês. E os “amigos do trabalhador” vocês viram? Não?
2. **AOS PROFESSORES** - Nas passeatas de protesto, nas lutas salariais, nas greves, o Prof. Luiz Oswaldo esteve com vocês. E os “Amigos do Trabalhador” estiveram? Não?
3. **AOS COMERCIÁRIOS** - Na luta pela criação do sindicato de vocês, o Prof. Luiz Oswaldo esteve presente, ajudou, participou. E os “Amigos do Trabalhador” participaram? Não?

Com quem você fica Com quem já provou, ou com quem ainda vai prometer?

Outras perguntas destas poderiam ser feitas. Mas ficamos com a última:

- Quem enriqueceu com promessa? Você sabe? Se sabe, vote certo: LUIZ OSWALDO - nº 13 - para prefeito.

A final de contas, “Tô PT da vida”.

ANEXO D - - Panfleto da campanha de Luiz Oswaldo em 1988:



CONSTRUINDO QUIXADÁ COM A PARTICIPAÇÃO POPULAR

Quixadaense,

Diferentemente dos que fazem campanhas políticas destratando os concorrentes ou prometendo o que não pretendem fazer, aproveitamos este momento político para discutir com as comunidades e em círculos de debates durante dois meses estes PONTOS BÁSICOS PARA UM PROGRAMA DE GOVERNO POPULAR EM QUIXADÁ.

Este não é um plano de governo acabado, mas um elenco de sugestões, que surgiram dos anseios das comunidades organizadas ou em organização.

É um grito do povo.

Será o confronto destas necessidades com os recursos disponíveis que nos fará eleger as prioridades de ação e seus desmembramentos. Mas sempre discutindo com a população.

É o nosso compromisso.

Não é um programa que apresentamos, mas o Programa que o Povo exige de seus candidatos, daqueles que sempre estiveram nas suas lutas.

É isto que nós esperamos.



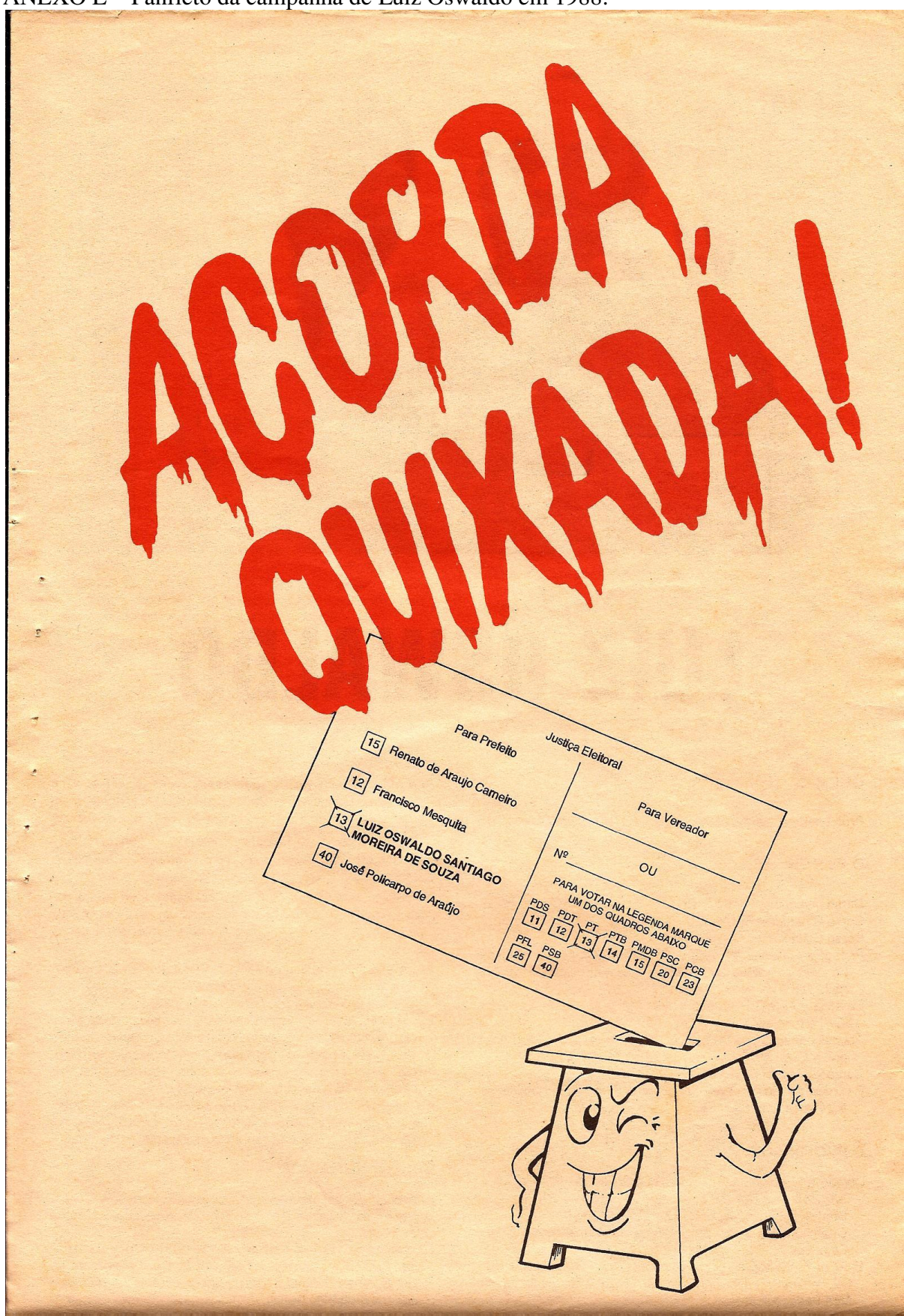
*"Se o poeta é o que sonha o que vai ser real,
bom sonhar coisas boas que o homem faz,
e esperar pelos frutos no quintal!"*

Mas, mais que esperança é a nossa luta. O nosso querer:

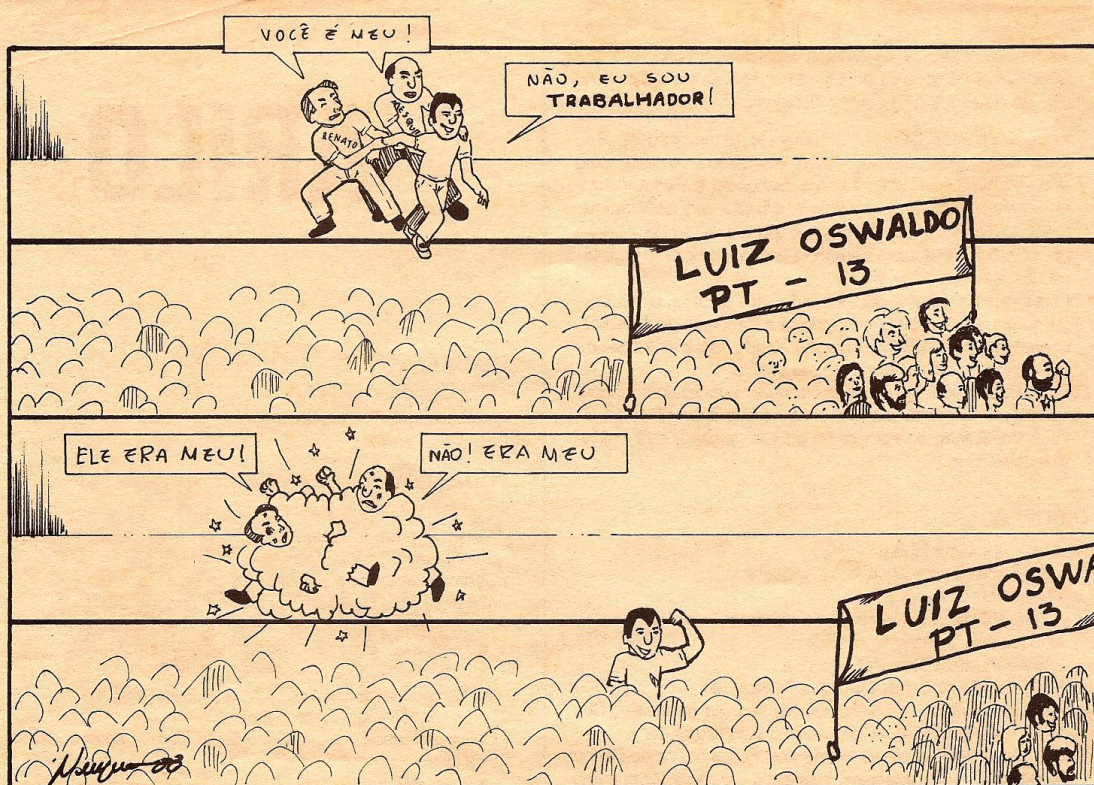
*"Quero a liberdade, quero o vinho e o pão;
quero ser amizade, quero amor, prazer;
quero nossa cidade sempre ensolarada:
os meninos e o povo no poder. . .
eu quero ver!"*

Prof. Luiz Oswaldo e Dr. Arilo
PT - 13

ANEXO E – Panfleto da campanha de Luiz Oswaldo em 1988:



ANEXO F – Panfleto da campanha de Luiz Oswaldo em 1988:



ACORDA QUIXADÁ!

Acorda, Quixadá!

Este é um momento de decisão, de escolha, de opção.

Irás decidir, agora, o que te acontecerá durante quatro anos.

Decidirás, agora, se queres ser bem ou mal amada. O teu futuro. A tua felicidade.

Acorda Quixadá!

Tua decisão não pode ser o pagamento de um favor pessoal, ou a venda de um voto, ou a compra de um prestígio pessoal, ou mesmo o fruto de uma amizade.

Tua decisão há que ser madura, consciente. E a razão deve falar mais alto por amor à vida, por amor aos teus, por amor a ti mesma.

Acorda, Quixadá!

Vota em quem teve coragem de mudar realmente, a começar pela campanha política. Quem teve a coragem de fazer campanha sem gastar dinheiro em supérfluo ou em comprar consciências. Pois quem compra consciência, compra a cumplicidade do eleitor. Vai comprar vereadores. Vai vender a Prefeitura.

Vota consciente, Quixadá! Vota consciente em quem teve a coragem de fazer uma campanha onde o respeito imperou, onde não se construiu prestígio sobre acusações levianas. Onde se respeitou a moral dos concorrentes, dos seus correligionários e do público ouvinte.

Vota consciente. Acorda, Quixadá! Vota em quem mostrou ser o mais inteligente, quem mostrou mais capacidade e competência, quem teve o cuidado de discutir e publicar as linhas gerais de um projeto administrativo e levá-lo ao debate. Porque é disto que precisas,

Quixadá. precisas de um projeto sério, discutido, participado, sem regalias e que conduza a marca do povo, a marca da inteligência, a marca da competência.

Vota consciente, Quixadá. Acorda! Vota em quem pediu teu voto com humildade e mais que com humildade, pediu teu voto com a força do exemplo dado de que sempre esteve ao lado dos teus filhos mais pobres, mais humildes, mais oprimidos e necessitados.

Acorda, Quixadá! Vota consciente em quem, sem ser prefeito, lutou por teus filhos mais pobres, dando-lhes o direito de aprender, de crescer. Vota em quem não quer ser o dono de uma indústria para ter trabalhadores a seu serviço, mas quer fazer do povo o dono de muitas indústrias. Vota em quem não se contenta em ser doutor mas lutou para que os filhos do povo pudessem ser doutores também.

Acorda, Quixadá! Vota em quem semeou escolas e mais que escolas semeou a força da palavra e da libertação.

Acorda, Quixadá!

Teu voto maduro, teu voto consciente não tem outro endereço. É o terceiro quadrinho. O número é o 13. É o voto do PT.

Acorda, Quixadá! Tu tens jeito: Luiz Oswaldo pra prefeito!

Acorda. O dia está raiando. O sol vem despontando. E o dia é novo. É novo. É novo. . .

Tem esperança e tem certeza.

tem luta mas tem paz!

Acorda, Quixadá!

ANEXO G – Panfleto da campanha de Luiz Oswaldo em 1988:

A CAMPANHA QUE NÃO FAZEMOS

- É interessante o que falam do PT.
- Dizem que somos radicais, sectários, extremistas, etc. .etc. .

- Mas olhem bem. Vejam a diferença.

- Olhem a campanha que fazem os outros e a que nós fazemos.

1. Não fomos nós que enchemos os colégios de bilhetinhos pornográficos, nem as ruas, nem as casas. Foram as turmas do "Povo conhece" e do "Se é pra mudar". A turma do Coronel e a turma do Doutor. O PT não faz isso, porque tem proposta.

2. Não somos nós que subimos nos palanques para chamar os outros de "jumento molhado" ou de "cachorros do PT". O PT não faz isso porque tem proposta e não precisa apelar.

3. Não fomos nós que jogamos bombas nos pés de uma senhora idosa, numa vergonhosa atitude de des-

respeito que repudiamos. O PT tem uma proposta clara de respeito à pessoa humana.

4. Não somos nós, são os outros que pagam pessoas para rasgar cartazes. O PT não faz isso porque não precisa disto para ganhar as eleições. Todos os nossos cartazes são colados com o consentimento das pessoas e jamais sobre as fotos dos concorrentes.

5. Não somos nós que aliciamos candidatos dos outros, porque o PT não quer ganhar com qualquer voto ou qualquer contribuição. O PT vai vencer com seriedade.

6. Não somos nós que compramos apoio, retalhando desde já (que mudança!) o bolo das secretarias. O PT não brinca com os destinos do Povo.

7. Não somos nós que chamamos de "amarela" as mocinhas que não

votam em nós, ou quebramos dentaduras, ou damos escândalo no meio da rua quando descobrimos eleitores dos outros, porque o PT é sério e respeita a liberdade de todos.

8. Nem foram os nossos candidatos que, de repente, ficaram tão religiosos, a ponto de só falarem Deus nos discursos que até parecem sermões, com a finalidade única de ganharem votos de determinados segmentos da sociedade, aparentando uma "fé" que nunca tiveram. O PT respeita o sentimento humano porque é sério e não põe o voto sobre tudo.

9. Nem fomos nós que proibimos gente de ir para comícios ou mandamos caminhões "de passeio" esvaziar os comícios dos outros. Porque o PT não teme as promessas vazias dos demais.

10. Mas fomos nós, foram os nossos candidatos que têm sido atacados com violência, não apenas nas palavras e nas ameaças de transferência. Dois pneus dos carros de nosso candidato a Prefeito foram esfaqueados.

Um pneu do carro de nosso candidato a Vice teve seus parafusos afrouxados e caiu na estrada. Duas pedradas atingiram o carro do Prof. Oswaldo na estrada do Choró. E uma atingiu o Dr. Arilo em plena cidade.

Esta campanha nós não fazemos. Esta campanha nós repudiamos.

Porque nós vamos ganhar com a força da nossa proposta, o testemunho de nossa prática, e a certeza que transmitimos gritando as nossas Verdades.



Falsos Defensores**João Eudes Costa**

Nenhuma ocorrência trágica é tão favorável ao político como a seca no Nordeste. Antes mesmo que a seca seja declarada, quando ainda não passa de uma longa estiagem, a imprensa já registra pronunciamentos dramáticos dos que se dizem angustiados, tristonhos e preocupados com o campo. Nos plenários dos legislativos são feitos antológicos discursos, sempre culpando os Governos da miséria no campo, esquecendo-se que eles também são poder, e talvez os mais responsáveis pela pobreza e pelo desprezo em que se encontra o ruralista.

Por que os que se dizem tão preocupados com a nossa aflitiva situação não se lembram de legislar programas de construções de barragens, irrigações, concessão de crédito para investimentos a longo prazo e a juros compatíveis com a importância do setor de produção? Por que somente agora estão apavorados com a pobreza do sertão, se há bem pouco percorreram estradas à procura de votos sob promessas de soluções adequadas e urgentes em benefício daquela gente que mais uma vez foi enganada?

Na verdade todos sabem dos problemas sociais do Nordeste, mas não há interesse em soluções definitivas, porque o povo quanto mais pobre, sem recursos e menos esclarecido, mais fácil será de ser encurralado, massacrado e tanguido como animais para os rendosos breques da corrupção eleitoral. Educar o ruralista, proporcionando-lhe condições de vida mais digna, entregar-lhe as armas com as quais possa lutar e vencer não é a política de interesse dos que querem o sertão pobre, sem liderança, a esmolar a caridade pública.

João Eudes Costa é aposentado do Banco do Brasil e proprietário rural.

EXPEDIENTE: Órgão do Diretório Municipal do PT de Quixadá, sob resp. da Secretaria de Formação e Imprensa. Tiragem: 5 mil exemplares.

TRIBUNA DO POVO

ano I

número 0

jan/ 92

O Primeiro Passo de Uma Caminhada

Escolhemos janeiro de 92 para marco inicial de nossa trajetória. E, embora estejamos em uma das piores recessões de nossa história, queremos pelo menos uma vez por mês editar nosso *Tribuna do Povo*.

É um jornal de partido, sim, por que negar? Ao contrário, a razão de ser do *Tribuna do Povo* é, em último caso, fazer-lhe conhecer melhor o nosso partido, suas idéias, suas lutas, suas experiências nas prefeituras, nas câmaras, nas assembleias, no senado, e, a partir de 94, se Deus quiser, na Presidência da República.

Apesar do tamanho, a cada número terá sempre um artigo de alguém que não seja do partido. Por que isso? Porque, ao tempo em que falamos à comunidade, queremos ouvi-la também. Para nós democracia é uma pista de mão - dupla.

Queremos registrar aqui o nosso agradecimento às empresas que já a partir deste número estão fazendo conosco os seus negócios comerciais. Temos a impressão de que essa é uma experiência nova dentro da nossa agremiação - um jornal com anúncios comerciais - mas é isso aí. E só não confundir o hábito com o monge.

Veja na Próxima Página:

PT entrar na justiça contra a Cagece, todos os quixadenses serão beneficiados.

O PT ENTRA NA JUSTIÇA CONTRA A CAGECE

Todo o povo de Quixadá sabe. Por conta da limpeza do canal do DNOOS, a Cagece teve de reduzir o volume d'água para abastecimento da população. Até distribuiu nota pedindo a compreensão do povo, só que esqueceu de que, de acordo com a lei, teria de reduzir a tarifa que cobra do usuário, no melhor das hipóteses.

Em Quixadá há mais ou menos umas 6 mil ligações d'água, mas, na cidade, só existem aproximadamente uns 50 hidrômetros, quer dizer, não se paga pelo que se gasta, paga-se uma taxa, tendo ou não água, não interessa.

Neste caso a população é duplamente apenada. Não tem água e paga pela água que não tem.

O que você acha?

Bem, podemos até não ter a mesma opinião, mas, paciência, para o PT isso é caso de justiça.

Por isso o PT entrou com uma representação junto ao promotor de justiça, pedindo o ajuizamento da ação competente.

Agora, é esperar que a justiça seja feita.

QUIXADÁ PLÁSTICOS
Tudo em plásticos e material escolar
R. José Maria Rocha, 99

PIZZARIA D'NÁPOLIS
Uma casa especializada às suas ordens
R. Rodrigues Júnior, 1123

PT NEGOCIA COM A CÂMARA

Mês de outubro, os servidores municipais estavam em campanha salarial, o sindicato da categoria à frente. Nada mais correto que o sindicato dirigir a campanha salarial de sua categoria. Só que no curso da campanha, o sindicato solta uma nota ofensiva à Câmara, em quanto instituição, e aos vereadores de um modo geral. A Câmara se revolta e elabora uma emenda à Lei Orgânica do Município, para cassar a liberação dos dirigentes sindicais hoje liberados. Diante da ameaça da cassação da liberação dos dirigentes, o sindicato publica outra nota mais agressiva ainda e desencadeia uma campanha de pressão sobre os vereadores.

Foi aí que o PT entrou em cena.

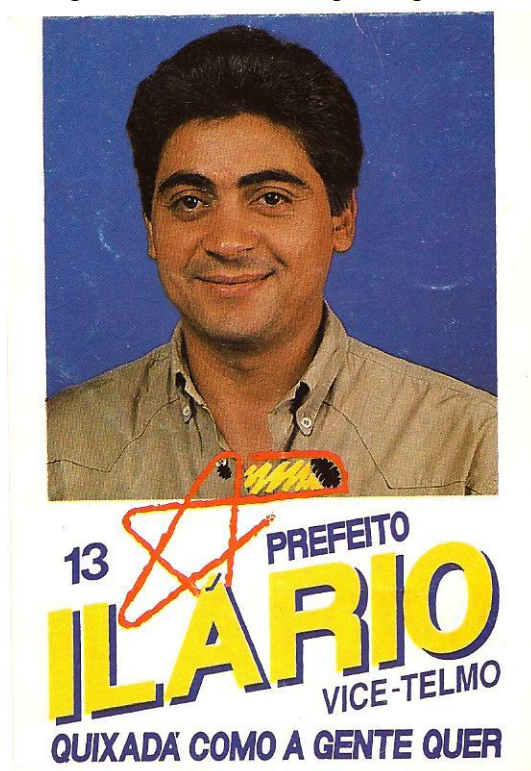
Em Primeiro lugar, a cassação da liberação dos dirigentes sindicais seria um duro golpe na organização dos servidores, com reais prejuízos para a categoria, além de configurar um retrocesso político. Depois, diga-se de passagem, o PT respeita a autonomia do sindicato dos servidores - nem poderia ser diferente - mas não concorda com os termos ofensivos das notas publicadas.

Tomamos a liberdade de buscar o diálogo com o presidente da câmara, vereador Ricardo Silveira, constituímos uma comissão de negociação, da qual inclusive fez parte o presidente do PT/Cerdá, o ex-putado Ilário Marques e, finalmente, conseguimos, graças a uma atitude lúcida dos vereadores, preservar a liberação dos dirigentes sindicais, em benefício da categoria.

O C H E F E
Tudo em ferragens e ferro para construção
fones 911-0721 e 911-0465

CASA DO QUEIJO, DOCES E BALAS
preço e qualidade
Travessa Tiradentes, N. 380
Fone: 911-0576

ANEXO I – “Santinho” da campanha de Ilário Marques à prefeitura de Quixadá em 1992:



ANEXO J – Panfleto da campanha de Ilário Marques sobre a impugnação do candidato a vice-prefeito Gilberto Termo:

DIANTE DOS BOATOS DA IMPUGNAÇÃO
DA CANDIDATURA DO ILÁRIO, TEMOS A ESCLARE-
CER:

1) A IMPUGNAÇÃO SÓ ATINGE, NA VERDADE, O
CANDIDATO A VICE-PREFEITO, PROFESSOR TELMO.
MAS JÁ ESTAMOS RECORRENDO AO TRE E TEMOS
A CONVICÇÃO DE QUE VAMOS GANHAR.

2) O ILÁRIO CONTINUA CANDIDATO, CADA VEZ
MAIS ~~XXXX~~ DISPOSTO, CONFIANTE NO APOIO
DE TODO O POVO DE QUIXADÁ, A CADA DIA, CRES
CENDO MAIS O NÚMERO DE CANDIDATOS A VEREADOR
QUE O APOIAM E COM O APOIO DO GOVERNADOR
CIRO GOMES QUE QUER AJUDAR O ILÁRIO A
TRABALHAR POR QUIXADÁ.

3) O NOSSO REPUDIO À PERSEGUIÇÃO ! NADA
HAVERÁ DE NOS AFASTAR DA VITÓRIA, P O V O

Q U I X A D A E N S E !
